

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Sergio Moreira dos Santos

**A Frente Parlamentar Evangélica e a
Influência da Teologia do Domínio**

Mestrado em Ciência da Religião

São Paulo

2026

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Sergio Moreira dos Santos

**A Frente Parlamentar Evangélica e a
Influência da Teologia do Domínio**

Mestrado em Ciência da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião sob a orientação do Prof. Dr. Wagner Lopes Sanchez

São Paulo

2026

Banca Examinadora:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.987646/2024-00

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP)

Agradecimentos:

Ao Dr. Wagner Lopes Sanches por toda orientação desde o projeto inicial.

A minha amada esposa Lila Gigante por sua paciência durante todo o processo de escrita.

Aos meus pais *in memoriam* José Valeriano dos Santos e Eudete Moreira dos Santos.

A minha amada Igreja IBAVIME, que tem me ensinado a ser um pastor melhor.

Aos amigos que me ajudaram com orientações e livros.

E principalmente ao meu Deus que permitiu chegar até aqui.

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo apresentar uma análise da Frente Parlamentar Evangélica e a influência da Teologia do Domínio sobre sua atuação no cenário político brasileiro.

Para entender esta influência a pesquisa irá apresentar o histórico, o estatuto e pressupostos da Frente Parlamentar Evangélica. Em seguida será analisado a origem, a chegada da Teologia do Domínio no Brasil, seus pressupostos, os proponentes desta teologia nos Estados Unidos, dentre eles o objeto de pesquisa da Teologia das Sete Montanhas de Johnny Enlow, e, no Brasil, o neopentecostalismo, principalmente a Igreja Universal do Reino de Deus.

Na última parte desta pesquisa será tratado como a Teologia do Domínio tem influenciado a Frente Parlamentar Evangélica, será analisado alguns discursos da câmara dos deputados, políticos, palanques e púlpitos das igrejas.

A metodologia aplicada nesta pesquisa foi levantamento bibliográfico de artigos, livros, teses e documentos e pesquisa histórica. Análise destes documentos e produção do texto final desta dissertação.

Palavras chaves: Frente Parlamentar Evangélica; Teologia do Domínio; Neopentecostalismo; Sete Montanhas.

Abstract

This dissertation aims to present an analysis of the Evangelical Parliamentary Front and the influence of Dominion Theology on its activity within the Brazilian political landscape.

In order to understand this influence, the study first presents the historical background, statutes, and foundational assumptions of the Evangelical Parliamentary Front. It then examines the origins and the introduction of Dominion Theology in Brazil, its main presuppositions, and its principal proponents in the United States, among whom the research focuses on Johnny Enlow's "Seven Mountains Theology." In the Brazilian context, particular attention is given to Neo-Pentecostalism, especially the Universal Church of the Kingdom of God.

In the final part of the study, the ways in which Dominion Theology has influenced the Evangelical Parliamentary Front are discussed. This section analyzes selected speeches delivered in the Chamber of Deputies, political discourse, campaign platforms, and sermons preached from church pulpits.

The methodology employed in this research consists of a bibliographical survey of articles, books, theses, and official documents, as well as historical research. These materials were analyzed and served as the basis for the production of the final text of this dissertation.

Keywords: Evangelical Parliamentary Front; Dominion Theology; Neo-Pentecostalism; Seven Mountains.

Sumário

Resumo	07
Sumário	09
Introdução	11
Capítulo I – A Frente Parlamentar Evangélica	15
1. Histórico.....	16
2. Partido Republicanos.....	26
3. Edir Macedo e o Plano de Poder.....	29
4. A Organização da Frente Parlamentar Evangélica.....	37
5. As Pautas Centrais da Frente Parlamentar Evangélica.....	38
Capítulo II – A Teologia do Domínio	41
1. Teologia do Domínio na Contemporaneidade.....	47
2. Os precursores da Teologia do Domínio: Jocum, Johnny Enlow e Landa Cope.....	50
3. Os Pressupostos Teológicos da Teologia do Domínio.....	53
4. A Profecia das Sete Montanhas a Teologia do Domínio de Johnny Enlow.....	57
5. A Teologia do Domínio e sua chegada no solo brasileiro.....	65
6. Movimento de Renovação Apostólica.....	66
7. O Neopentecostalismo Brasileiro.....	73
8. A Cosmvisão da Teologia do Domínio.....	78
9. Hermenêutica da Teologia do Domínio.....	79

Capítulo III – A Teologia do Domínio na Frente Parlamentar Evangélica.....	83
1. Discursos Políticos da Teologia do Domínio.....	97
2. A prisão de Bolsonaro e o uso da fé na política.....	99
3. A Igreja Universal do Reino de Deus e a Teologia do Domínio.....	101
4. A relação entre a Teologia do Domínio e o Estado Laico.....	108
Considerações Finais.....	118
Referências Bibliográficas.....	121

Introdução

Esta dissertação tem como objeto a Frente Parlamentar Evangélica e a Teologia do Domínio no Brasil. A Teologia do Domínio é um tema que, ao longo da história, vem sendo tratado pelos teólogos calvinistas desde o século XIX. Ela ressurgiu com o movimento neopentecostal nos Estados Unidos, em meados do século XX, principalmente com o movimento apostólico, e chega ao Brasil no início do novo milênio.

A base do pensamento da Teologia do Domínio é formulada por Johnny Enlow, por meio da concepção dos “sete montes” ou “montanhas”, que a igreja evangélica brasileira deve dominar. Esses sete montes são: educação e ciência; governo e política; artes e entretenimento; mídia e comunicação; família; economia e negócios; igreja e religião. Segundo Johnny Enlow, esses sete montes devem ser dominados pela igreja evangélica, como forma de resgatar o domínio do mundo para Deus.

No Brasil, a Teologia do Domínio se difundiu inicialmente através do movimento do reformismo cultural, especialmente pelo movimento Jovens Com Uma Missão (Jocum). Além do reformismo cultural, ela também chegou através do movimento neopentecostal no final da década de 1980, associado à teologia da prosperidade e à confissão positiva, que propõe a existência de “demônios territoriais” e a missão da igreja de reivindicar o “Brasil para o Senhor Jesus”.

Segundo os proponentes da Teologia do Domínio, um dos meios para alcançar esse domínio é a política. Enquanto as igrejas históricas (entre elas, batistas, presbiterianas, metodistas e anglicanas) tradicionalmente defendiam a separação da Igreja e do Estado e a laicidade, o neopentecostalismo passa a ocupar o espaço político, lançando candidatos e adotando estratégias de atuação em instituições de poder.

Em 1986 os políticos evangélicos eleitos para a câmara federal formaram a chamada bancada evangélica no Brasil, e, em 1988, passaram a atuar na Assembleia Constituinte, influenciando o cenário político. Em 2003, o grupo deixa de ser designado bancada evangélica e se torna oficialmente a Frente Parlamentar Evangélica, lançando no cenário brasileiro nomes como: Arolde de Oliveira (DEM/RJ), Eduardo Cunha (MDB/RJ), Magno Malta (PL/ES) e Marco Feliciano (Avante/SP). Atualmente, quase 20 anos depois de sua existência, ela conta com 244 integrantes: 219 deputados federais e 25 senadores, distribuídos em 15 partidos.¹

A força da Frente Parlamentar Evangélica contribuiu significativamente para a eleição de Jair Messias Bolsonaro à presidência da República em 2018. Naquele pleito, a disputa entre Bolsonaro, até então pouco conhecido pela maioria da população, e Fernando Haddad foi marcada pela construção de imagens religiosas opostas. De um lado, Bolsonaro era apresentado como o “representante da fé cristã”, que se autoproclamando-se “o homem de Deus”, e recorrendo as expressões religiosas como: “Feliz a nação cujo Deus é o Senhor” e “Deus, Pátria e família”. Do outro lado, parte da mídia retratava Fernando Haddad como alguém que se oporia aos princípios da fé cristã.

Durante o mandato do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, tornou-se comum o uso de expressões associadas à da Teologia do Domínio: “ministro terrivelmente evangélico”, ou, “o Estado é laico, mas este governo é cristão”, “Deus, Pátria e Família”.

Nos últimos anos, diversas obras sobre o tema, foram publicadas no Brasil, entre as quais se destacam: *A Bancada da Bíblia: uma história de conversões políticas*, do jornalista André Ítalo Rocha (2024); *Espaços da Democracia: para agenda da geografia política contemporânea*, organizado em 2013 os professores Iná Elias de Castro, Juliana Nunes Rodrigues e Rafael Winter Ribeiro, que apresenta um panorama geográfico da política

¹ <https://www.poder360.com.br/poder-congresso/frente-parlamentar-evangelica-quer-ir-alem-da-pauta-de-costumes/>

carioca, destacando-se o capítulo 2: Geografia eleitoral e as estratégias territoriais da Igreja Universal do Reino de Deus (2013); *O Púlpito: fé, poder e o Brasil dos evangélicos*, de Anna Virginia Balloussier (2024) jornalista e colunista da Folha de São Paulo, que aborda a relação entre fé e política.

Essas obras evidenciam o interesse acadêmico em torno da Teologia do Domínio.

Esta pesquisa se mostra relevante porque há uma interpretação equivocada segundo a qual todos os evangélicos pensariam de forma semelhante à Frente Parlamentar Evangélica, e de que essa frente representaria todo o segmento evangélico brasileiro. Como pastor, sinto-me constrangido, primeiramente pela criação desta organização, e, em segundo lugar, pela apropriação indevida de uma representação que não lhe foi concedida.

A Frente Parlamentar Evangélica tem pautado a sua atuação a partir dos pressupostos da Teologia do Domínio, que enfatiza o discurso em torno da tríade: Deus, Pátria e Família. Esse fenômeno tem contribuído para disseminar estratégias políticas fundamentadas nessa da teologia nos diversos âmbitos da política brasileira. Expressões comuns em certos ambientes evangélicos reiteram esse pensamento, tais como: “O Brasil é do Senhor Jesus”; “Vamos ganhar o Brasil para Jesus”; “Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor”. Tais formulações revelam um discurso baseado na conquista do poder político com base na Teologia do Domínio.

Assim, o objeto desta dissertação é o estudo das relações entre a Frente Parlamentar Evangélica e a Teologia do Domínio, bem como os impactos dessas relações no cenário político brasileiro.

Para a realização da pesquisa proposta levantamos os seguintes problemas:

- Como surgiu a Frente Parlamentar Evangélica e quais seus pressupostos?

- O que é a Teologia do Domínio, quais qual os seus pressupostos e qual a sua influência nas igrejas evangélicas no Brasil?

- De que maneira a Teologia do Domínio tem contribuído para a construção de um novo discurso político entre uma parcela significativa dos parlamentares evangélicos brasileiros?

A pesquisa parte da hipótese de que a Frente Parlamentar Evangélica está fundamentada nos princípios da Teologia do Domínio e busca implantar no Brasil um sistema de domínio pautado por essa teologia. Por outro lado, pretende-se demonstrar que a Frente Parlamentar Evangélica não representa a totalidade dos evangélicos brasileiros e que a Teologia do Domínio não é defendida pela maioria desse grupo religioso.

A dissertação está estruturada em três capítulos principais. No primeiro capítulo será analisado e definido o que é a Frente Parlamentar Evangélica, com base em seu estatuto e a sua finalidade; será também apresentado um breve histórico e seus pressupostos. No segundo capítulo será analisada a Teologia do Domínio, sua origem nos Estados Unidos, suas divisões e sua chegada ao Brasil, bem como seus principais pressupostos. No terceiro capítulo, será discutido como a Teologia do Domínio está presente na Frente Parlamentar Evangélica e na política brasileira, incluindo a análise de discursos de parlamentares e outros agentes do cenário nacional.

Capítulo I

A Frente Parlamentar Evangélica

Nos últimos anos, o crescimento do público evangélico², sobretudo a vertente neopentecostal, e a ascensão de lideranças representativas deste grupo tem alterado o cenário político brasileiro. Este capítulo tem como objetivo examinar esse fenômeno que tem impacto as decisões políticas no Brasil.

O que é a frente parlamentar evangélica? O que este adjetivo “evangélica” traz em si? Como ela surge? Quais os seus pressupostos? As pautas centrais? Para buscar respostas a estas e outras perguntas que irão surgir ao longo do texto, este trabalho irá começar com o histórico da Frente Parlamentar Evangélica.

Magali Cunha no seu livro *Evangélicos na Política Brasileira* respondendo à pergunta o que são evangélicos cita vários representantes deste grupo e diz:

“O que esses personagens religiosos, destacados em mídias brasileiras, têm em comum? São os evangélicos, o segmento religioso cristão que mais se expandiu numérica e geograficamente no Brasil nas últimas décadas. Compreender o mosaico que forma esse grupo é imprescindível para quem se interessa pelas dinâmicas socioculturais e políticas que envolvem o país”.³

A expressão usada por Magali Cunha, mosaico, é talvez a que mais descreve os evangélicos no Brasil, primeiro porque não há uma única linha

² O grupo dos evangélicos foi o que mais cresceu entre 2010 e 2022 (5,3 pontos percentuais), segundo o IBGE, já que, segundo o Censo anterior, de 2010, eles representavam 21,6% dos brasileiros, um pouco mais de um quinto da população. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-06/evangelicos-crescem-e-representam-mais-de-um-quarto-da-populacao>

³ CUNHA, Magali, *Evangélicos na Política Brasileira*, p. 13.

de pensamento, quando falamos em evangélicos estamos falando de tradicionais, históricos, pentecostais, neopentecostais, em relação à política esquerda e direita, com cosmovisões diferentes do mundo, conservadores ou progressistas, capitalistas ou comunistas, portanto, mosaico é a palavra mais adequada para escrever este cenário. Não há uma homogeneidade, mas uma gama de diferentes igrejas cristãs, grupos e tendências doutrinárias e teológicas. Magali apresenta três aspectos sobre os evangélicos que são necessários saber:

“1) “Os evangélicos” não existem, não são um grupo homogêneo; 2) Evangélicos não tem representantes, porta vozes, não há uma estrutura que reúna os evangélicos; 3) As igrejas e pastores midiáticos são uma parcela do segmento, não o todo”.⁴

Dessa forma, qualquer busca de compreensão sobre o alargamento da presença dos evangélicos na esfera pública brasileira é instado a levar em conta este mosaico, esta conjunção de fatores contextuais que forma o cenário evangélico brasileiro, assim a Frente Parlamentar Evangélica, não fala em nome dos evangélicos, fala em nome de um segmento dentro do movimento evangélico, ou, fala em nome dos próprios interesses pessoais.

1. Histórico

O crescimento dos evangélicos se reflete também na presença numérica e geográfica na política, tendo na constituinte a presença do que foi chamada bancada evangélica, ou, bancada da Bíblia. Em 1988 esta bancada era composta de 36 deputados federais, hoje são 219 deputados e 26 senadores, além das bancadas e frentes estaduais.

No portal da Câmara dos Deputados pode se encontrar a definição oficial do que é uma Frente Parlamentar:

⁴ CUNHA, Magali, *Evangélicos na Política Brasileira*, p. 32 – 35.

“Frentes Parlamentares são associações de parlamentares de vários partidos para debater sobre determinado tema de interesse da sociedade. [...] O registro na Câmara dos Deputados é solicitado por meio de requerimento assinado por pelo menos um terço dos parlamentares do Congresso (198 deputados e senadores). É preciso ainda apresentar a ata de fundação e constituição e o estatuto da frente parlamentar, além de indicar o nome da frente e do deputado representante, responsável pelas informações prestadas à Mesa Diretora da Câmara. [...]Ao final da legislatura, o registro das frentes parlamentares é extinto. Novas solicitações de registro podem ser apresentadas na legislatura seguinte. [...] As frentes parlamentares são regulamentadas pelo ato da mesa nº 69 de 2005.”.⁵

No portal da Câmara dos Deputados atualmente no Brasil temos 305 frentes parlamentares criadas.⁶ O papel das frentes parlamentares é debater assuntos relevantes à sociedade, mas o que pode ser visto são debates exclusivos de grupos específicos, visando atender apenas as demandas, cosmovisões e interesses deste grupo.

A Frente Parlamentar Evangélica tem seu início na Constituinte em 1988 como bancada evangélica e em 2003 foi oficializada conforme estatuto:

“Para efeitos de registro histórico que a FPE iniciou suas atividades em 18 de setembro de 2003 quando pela primeira vez foi instituída junto ao Congresso Nacional, no Plenário da Câmara dos Deputados, durante sessão solene”.⁷

Janine Trevisan no *artigo*: A Frente Parlamentar Evangélica: Força política no estado laico brasileiro:

⁵ <https://www.camara.leg.br/deputados/frentes-e-grupos-parlamentares>

⁶ <https://www.camara.leg.br/deputados/frentes-parlamentares>. (acesso em 03/11/2025)

⁷ Estatuto da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional.

“Desde o surgimento da bancada evangélica na Constituinte em 1986⁸ até a formação da Frente Parlamentar em 2003, importantes lideranças pentecostais deixaram de demonizar o candidato à presidência da República, Lula, para apoiá-lo nas eleições de 2002, quando ele finalmente conseguiu se eleger.”⁹

Conhecida como Bancada da Bíblia, a Frente Parlamentar Evangélica ou Bancada Evangélica é uma das bancadas mais antigas do congresso nacional que estava presente na Constituinte de 1987/88.

No processo de redemocratização a Bancada Evangélica estava na qualidade de organização suprapartidária, até que foi oficializada em 2003, como Frente Parlamentar, na 52ª legislatura (2003-2006), para congregar parlamentares evangélicos em um culto semanal, e reuniões estratégicas do grupo.¹⁰

A Frente Parlamentar Evangélica pode ser vista como uma continuidade da chamada bancada evangélica que participou da Constituinte de 1987/88, defendendo os projetos das denominações as quais estão vinculados, independente da ideologia partidária.

Juridicamente e estatutariamente o papel da Frente Parlamentar Evangélica está descrito no artigo 2 do seu estatuto, onde estão estabelecidas as finalidades da Frente Parlamentar Evangélica (transcrito na íntegra):

⁸ SIC, a data correta é 1998 ano que foi votada a Constituinte que teve início dos trabalhos em 1987.

⁹ TREVISAN, Janine, A Frente Parlamentar Evangélica: força política no estado laico brasileiro, p. 581-609

¹⁰ “Apesar dessa incursão inédita, os evangélicos só entrariam para valer na arena política na eleição de 1986, que escolheu os membros da Assembleia Nacional Constituinte, convocada após o fim da ditadura. A principal motivação era lutar para que a Nova Constituição lhes garantisse liberdade de culto. Em um país de maioria católica, ainda havia o receio de perseguições. As igrejas evangélicas, além disso, queriam influenciar a elaboração de leis relacionadas a questões morais. Com o fim do regime militar, temiam o avanço de pautas em geral associadas à esquerda, como o aborto e a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo. O engajamento coordenado resultou na eleição de 32 deputados (alguns levantamentos falam em 33 porque incluem um suplente) que formaram a primeira bancada evangélica na história da democracia brasileira, um grupo ainda informal – a FPE só iria surgir em 2003 -, sendo treze pertencentes à Assembleia de Deus”.

“Art.2º. A FPE tem como finalidade, em cumprimento aos termos do inciso I, art. 54, do Código Civil Brasileiro:

I. Promover a defesa e articulação política das bandeiras evangélicas junto ao Congresso Nacional;

II. Promover junto à bancada que a representa seminários, mesas redondas, audiências públicas, debates, estudos, discussões sobre temas de relevância para o seguimento evangélico junto a sociedade e governo;

III. Acompanhar e fiscalizar os programas e as políticas públicas governamentais manifestando-se quanto aos aspectos mais importantes de sua aplicabilidade e execução para o seu segmento de representação;

IV. Promover o intercâmbio com entidades que desempenhem atividades semelhantes e correlatas de parlamentos estaduais, municipais no âmbito brasileiro, e, também, de outras nações, grupos de países e blocos de representação internacional no intuito de aperfeiçoar respectivas ações políticas e sua forma de sua atuação;

V. Desenvolver de modo contínuo, a inovação da legislação necessária à promoção de políticas públicas, sociais e econômicas eficazes;

VI. Atuar junto ao processo legislativo a partir das comissões temáticas existentes nas Casas do Congresso Nacional, e atuação no Plenário da Câmara do Senador, do Congresso segundo seus objetivos, combinados com os propósitos de Deus, e conforme a Sua Palavra”.

Dois dos seis parágrafos do artigo 2 colocam como base as decisões sendo tomadas baseadas nas ‘bandeiras evangélicas’ (parágrafo 1) e ‘objetivos, combinados com os propósitos de Deus, e conforme a Sua Palavra’ (parágrafo 6). Nestes dois parágrafos fica claro que as decisões públicas devem ser pautadas por princípios cristãos.

Sendo assim, surge um questionamento, como fica a questão da laicidade, tendo em vista, que o propósito básico da política é zelar pelo bem estar da nação brasileira, independente de credo, posição social e raça.

Ainda que a Frente Parlamentar Evangélica não represente o total de congressistas evangélicos. Atualmente a bancada evangélica tem 219 deputados e 26 senadores.¹¹ Quando a Frente Parlamentar Evangélica foi aprovada não tinha o número mínimo necessário para sua criação, o que implica na realização de acordos com membros não evangélicos.¹² Ou seja, ela já nasce tendo que fazer acordos políticos, agindo com fisiologismo¹³.

André Ítalo Rocha no seu livro *A Bancada da Bíblia: uma história de conversões políticas* relata sobre como este fisiologismo ocorreu na constituinte quando foi tratado o uso da expressão: “orientação sexual”, que segundo representantes da bancada estaria incentivando e liberando a prática da homossexualidade. Sugeriram a mudança para: “comportamento sexual” ou “desvio sexual”. Depois de muitas discussões chegou ao seguinte texto: comportamento sexual. A narrativa do autor:

“A briga tirou qualquer clima para que as conversas chegassem ao um meio-termo. Mas Bisol, acuado, achou por bem ceder. Na abertura da sessão, usou o tempo a que tinha direito para anunciar que havia decidido retirar o trecho que limitava a liberdade de culto e resolveu trocar a expressão “orientação sexual” por “comportamento sexual”. [...] O deputado José Fernandes, orgulhoso por ter liderado a articulação pela retirada do termo “orientação sexual”, com apoio do Centrão, declarou estar de acordo com as novas propostas do senador e garantiu que o grupo votaria favoravelmente ao relatório. Dito e feito. Às 23h30, o texto foi aprovado por 41 votos a 17, com direito a aplausos da bancada evangélica. Após a votação, com lágrimas

¹¹ Para a criação de uma frente parlamentar é necessário no mínimo 171 parlamentares.

¹² Um elemento importante para compreensão da dinâmica de formação das frentes é o fato de que parlamentares são membros de muitas delas, mesmo que não tenham ligação, ou pretendam ter, com o tema específico ou com a área de atuação temática. Isso acontece devido à imposição regimental que exige que as frentes reúnam um terço dos parlamentares. Assim, muitos deles e delas passam a integrar uma frente no momento da coleta de assinaturas porque necessitarão desse mesmo apoio quando decidirem integrar a criação de uma frente de seu interesse. (CUNHA, Magali, 63, 2019).

¹³ Fisiologismo refere-se a um tipo promíscuo de relações de poder em que as ações políticas e as decisões são tomadas em troca de favores e outros benefícios de interesse privado (empresas, partidos, igrejas). Uma prática recorrente no cenário político brasileiro. (GONÇALVES, Alonso, p. 35).

nos olhos e mãos trêmulas, Bisol abraçou colegas e parentes e disse que aquela havia sido a experiência mais dura de sua vida”.¹⁴

Este relato mostra como o fisiologismo esteve presente desde o nascimento da bancada evangélica. Embora na ocasião os evangélicos eram apenas 32 em relação aos 559 constituintes, o grupo minoritário agia como majoritário.

Uma outra explicação sobre como a Frente Parlamentar Evangélica foi constituída é apresentada por Tatiane dos Santos Duarte no seu artigo *A Participação da Frente Parlamentar Evangélica no Legislativo Brasileiro: ação política e (in) vocação religiosa*:

“Algumas considerações devem ser feitas em relação à FPE. A primeira delas diz respeito à oficialização da Frente Evangélica como entidade jurídica da *Casa*. A FPE ocupa uma sala no Anexo IV da Câmara e possui uma placa oficial identificando-a como espaço da “Frente”. Todavia, a FPE não é considerada “uma entidade jurídica da Câmara”. A FPE é “apenas um nome”, explicou-me o José Duque, pois o regimento interno da Câmara dos Deputados exige o mínimo de 100 deputados filiados para legalizar uma frente parlamentar. Como a FPE na 53ª legislatura (2007-2010) tinha 56 parlamentares filiados, insistiu Jose Duque, “nós existimos, temos frente na *Casa*, mas sem legalização, até atingirmos o número exigido”.¹⁵

Dois pontos sobre a Frente Parlamentar Evangélica merecem destaque: O primeiro é que ela não possui qualquer registro formal na estrutura administrativa e burocrática do Congresso Nacional, inclusive na

¹⁴ ROCHA, André Ítalo, *A Bancada Evangélica: uma história de conversões políticas*, p. 100.

¹⁵ José Duque mencionado na fala de Tatiane dos Santos Duarte, é o ministro de louvor responsável para realização dos cultos que ocorrem nas manhãs de todas as quartas na câmara.

Biblioteca da Casa. O segundo é que a despeito da Frente Parlamentar Evangélica ser conhecida como “Bancada evangélica”, na verdade, ela deve ser referida como “Frente Parlamentar”. “Bancada” abarca um agrupamento partidário e a “frente parlamentar” compreende a reunião de um grupo de parlamentares de diversos partidos que lutam por uma causa em comum (como a ruralista, a empresarial, a sindical). O termo adotado neste trabalho será Frente Parlamentar Evangélica porque é utilizando tal designação que se apresentam no mundo da política, a despeito do reconhecimento público enquanto “Bancada evangélica”.

O predomínio pentecostal na política partidária passa a ser feito na Constituinte partir de 1987 e são as Assembleias de Deus que se tornam maioria na Bancada Evangélica até a legislatura 2019-2022, abrindo caminho para o ativismo político do seguimento que tem marcado os anos 2000 e os tempos atuais.

Esta entrada do pentecostalismo na esfera política foi provocada pelo pensamento difundido e usado como justificativa para entrada na política, do medo de que o catolicismo adquirisse mais privilégios, e fizesse leis que prejudicasse os evangélicos.

Outro motivo foi o medo que a redemocratização permitisse pautas sociais consideradas pelos evangélicos liberais. Temas como legalização das drogas, direito ao aborto, ao casamento homossexual, legalização da união estável. A defesa da moral cristã, da família e bons costumes passa a ser uma missão dos evangélicos na política. Aqui surge lemas como: “irmão vota em irmão”, ou, “cristão não pode ser de esquerda”.

De acordo com André Ítalo da Rocha no livro *A Bancada da Bíblia uma história de conversões políticas*, no ano de 2018, o Tribunal Superior Eleitoral registrou o engajamento de crentes a partir dos nomes nas urnas.

“Foram 524 os candidatos que se identificaram com pastor, irmão, apóstolo ou missionário, ou que preencheram com algum posto evangélico o campo de atividade profissional – um crescimento de 8% em relação a 2014”.¹⁶

¹⁶ ROCHA, André Ítalo, *A Bancada da Bíblia: uma história de conversões políticas*, p. 18.

Dados do portal da câmara dos deputados a Frente Parlamentar Evangélica reúne 219 deputados e 26 senadores (Ver Anexo) e tem papel relevante na discussão das matérias em votação pelo Congresso.¹⁷

Reginaldo Prandi e Renan William dos Santos no artigo: Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica afirma que a bancada evangélica já nasce conservadora, apesar de não ser homogênea nas questões político-partidária e ideológica.

“A bancada evangélica surgiu com a eleição da Assembleia Constituinte, no final de 1986, já com uma característica bem marcada e que permanece até hoje: não é política nem ideologicamente homogênea, mas é, de forma geral, conservadora”.¹⁸

Para o deputado federal Marcos Feliciano, eleito e reeleito pelo estado de São Paulo, membro da Assembleia de Deus, o Brasil ainda não elegeu um presidente evangélico por causa dos excessos de candidaturas. Para ele a igreja deveria se unir em torno de um único candidato evangélico. Por trás da bancada evangélica pode ser visto o pensamento da Teologia do Domínio, onde objetivo é instaurar o poder em nome de Deus.

No portal da câmara dos deputados tramita com força de urgência a criação da Frente Parlamentar Cristã, proposta feita pelos presidentes da Frente Parlamentar Evangélica e a Frente Parlamentar Católica:

“A Câmara dos Deputados aprovou nesta quarta-feira (22) o regime de urgência para o projeto que cria a bancada cristã da Câmara. Trata-se do Projeto de Resolução 71/25, apresentado

¹⁷ Fonte: Portal visitado no dia 01/10/2025. <https://www.camara.leg.br/noticias/1136508-gilberto-nascimento-e-eleito-presidente-da-frente-parlamentar-evangelica>.

¹⁸ PRANDI, Reginaldo & SANTOS, Renan William, Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica, p. 187.

pelos presidentes das frentes parlamentares evangélica e católica, respectivamente os deputados Gilberto Nascimento (PSD-SP) e Luiz Gastão (PSD-CE). [...] O pedido de urgência foi aprovado com 398 votos favoráveis e 30 contrários. Os projetos com urgência podem ser votados diretamente no Plenário, sem passar antes pelas comissões da Câmara. [...] Segundo a proposta, a bancada será constituída por uma coordenação-geral e três vices-coordenadorias. A bancada poderá ter direito a voz e voto nas reuniões de líderes partidários. Além disso, o órgão poderá usar a palavra por 5 minutos semanalmente em Plenário. [...] O deputado Luiz Gastão defendeu a criação da bancada pelo fato de mais de 80% da população brasileira ser cristã. “A Constituição nos garante liberdade de manifestação de fé de todas as formas”, disse.”¹⁹

Sendo concretizada a criação desta Frente Parlamentar Cristã, a força política desse grupo será maior ainda, e contará com uma representação que poderá ter mais influência no cenário político brasileiro, podendo aprovar projetos favoráveis à sua ideologia e rejeitar projetos que vão em desencontro a leitura cristã deste grupo.

Conforme a proposta, compete à bancada cristã: zelar pela participação de seus respectivos deputados e deputadas nos órgãos e nas atividades da Câmara dos Deputados; participar, com os líderes, das reuniões convocadas pelo presidente da Câmara dos Deputados, com direito a voz e voto; e usar da palavra, pessoalmente ou por delegação, durante o período destinado às Comunicações de Liderança, por cinco minutos, semanalmente, para dar expressão à posição dos parlamentares cristãos da Casa quanto à votação de proposições e ao conhecimento das ações de interesse da bancada.

Em entrevista ao portal de notícias uol o deputado federal Otoni de Paula faz a seguinte declaração:

¹⁹ Fonte: Portal acessado no dia 28/10/2025. <https://www.camara.leg.br/noticias/1214915-deputados-aprovam-urgencia-para-projeto-que-cria-a-bancada-crista-da-camara-acompanhe>

“A organização de uma bancada cristã significa a organização do movimento conservador nesta Casa [a Câmara]. Todas as pautas que ferem o conservadorismo brasileiro vão ter um contraponto dentro do colégio de líderes. [...] "Essas duas frentes [evangélica e católica] se unem para formar o que estamos chamando de bancada cristã. Mas poderia chamar também de bancada conservadora”²⁰.

Aqui pode ser visto o principal propósito da bancada cristã: o conservadorismo sem respeitar os direitos de outros grupos e segmentos da sociedade brasileira:

“A bancada cristã tem três prioridades: combater aborto, liberação de drogas e casamento gay. Otoni de Paula disse que os conservadores não são contra a união estável entre pessoas do mesmo sexo, mas que o casamento tem uma sacralidade religiosa que merece ser preservada”.²¹

Somente temas relativos à moral e aos costumes serão abordados pela bancada cristã. Em projetos sobre economia e disputas políticas a respeito de outros assuntos, cada integrante votará de acordo com a orientação de seu partido.

O deputado federal Pastor Henrique Vieira, pastor batista, do PSOL, do Rio de Janeiro, declarou ao portal de notícias da Uol sua discordância com a união das duas frentes, e enfatiza a questão da laicidade do Estado. Henrique Vieira, é coordenador da Frente Parlamentar em Defesa do Estado Laico e da Liberdade Religiosa:

“Tudo isso é mais do que influência, não é sobre fé, não é sobre devoção, não é sobre culto, não é sobre Jesus, É projeto de poder, é mobilização do repertório religioso para uma ideologia.

²⁰ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2025/10/23/deputados-evangelicos-e-catolicos-se-unem-em-bancada-contra-aborto-e-drogas.htm>

²¹ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2025/10/23/deputados-evangelicos-e-catolicos-se-unem-em-bancada-contra-aborto-e-drogas.htm>

Eu diria que a criação de uma bancada cristã que pretende falar o nome de todos os cristãos é um desrespeito à democracia, ao Estado laico, à pluralidade religiosa, à não crença religiosa e também aos próprios cristãos. Porque trata a gente como massa de manobra que algum ultraconservador vai pegar o microfone e falar em nome de toda essa população de 80% dos brasileiros. Pastor Henrique Vieira (PSOL-RJ), deputado federal, ao UOL News”.²²

O surgimento da nova Frente Parlamentar em Defesa do Estado Laico e da Liberdade Religiosa em agosto de 2025 é nitidamente uma resposta ao avanço e crescimento da Frente Parlamentar Evangélica, o que chama atenção é a presença de membros nas duas Frentes. Ou seja, mais uma vez fica nítido o fisiologismo, assinando a criação da nova frente como acordos políticos. Entre os nomes estão Otoniel de Paula e Benedita da Silva, o que pode ser conferido na relação de membros das duas frentes.

2. Partido Republicanos

No ano de 2005 surge um novo partido ligado à Igreja Universal do Reino de Deus. Seu nome inicial foi Partido Municipalista Renovador (PMR, 2005) Em 2006 mudou Partido Republicano do Brasil (PRB), mais tarde mudou sua nomenclatura conforme registro do TSE para Republicanos (2019). Este partido é controlado por Edir Macedo. Abaixo um quadro explicativo da missão, visão e valores, os dados foram extraídos do site dos Republicanos:

Missão: O Republicanos existe para vocalizar os valores do conservadorismo de costumes, liberalismo econômico e defesa intransigente do sistema democrático, por meio da representação qualificada de seus quadros partidários.

²² <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2025/10/22/camara-acelera-votacao-para-criacao-de-bancada-crista.htm>

Visão:		
Curto Prazo: Em 2022, aumentar a representatividade no Congresso Nacional e ter uma bancada de visão mais alinhada aos conceitos da direita conservadora.	Médio Prazo: Em 10 anos, eleger o presidente da República e ter uma representação qualificada no Congresso Nacional, sendo um dos 3 maiores partidos políticos do país e referência internacional em Conservadorismo.	Longo Prazo: Ser o primeiro partido digital do país.
Valores: Integridade, honestidade e transparência		

Andrea Dipp, no livro – *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder* – faz o seguinte comentário sobre a Frente Parlamentar Evangélica:

“Os dois partidos com maior representatividade na FPE são também ligados às denominações com maior número de parlamentares: o PRB, partido fundado em 2005 e ligado à IURD, conta com 18 parlamentares integrados à FPE e 12 membros declarados da Igreja. Já o PSC, mais próximo da Assembleia de Deus, conta com 9 parlamentares na FPE”.²³

De acordo com o portal da câmara dos deputados atualmente são 216 deputados federais e 26 senadores²⁴. Estes estão distribuídos em 15 partidos, sendo maioria dos republicanos. Hoje os republicanos tem na

²³ DIPP, Andrea – *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*, p. 32.

²⁴ <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54477>

Câmara 40 deputados federais, e no Senado 2 senadores.²⁵ O vice-presidente do Lula, eleito em 2002, José Alencar Gomes da Silva (1931-2011) foi do PL para o PRB. Na posse em 2023, o partido deu posse a 40 deputados federais.²⁶

O PRB – Partido Republicano do Brasil, surgiu em 2003, e foi registrado em 2005, em 15/08/2019 no TSE²⁷ mudou o nome para Republicanos. É um dos partidos que mais cresceu nos últimos anos no Brasil.

No site oficial dos Republicanos²⁸ em 2024 consta que o partido elegeu: 430 prefeitos, 4645 vereadores. Em 2022 elegeu²⁹ 76 deputados estaduais e distritais, 40 deputados federais, 2 senadores, 2 governadores e 2 vice-governadores.

Gilberto Nascimento autor do livro, *O Reino: A História de Edir Macedo e uma radiografia da Universal do Reino de Deus*, afirma sobre a Frente Parlamentar Evangélica:

“O ativismo de líderes conservadores evangélicos na última década reacendeu o antigo discurso de que a tradicional família brasileira estava ameaçada pelo “comunismo” e pelo “socialismo”. Nas eleições de 2018, as redes sociais divulgaram amplamente que a esquerda, representada pelo PT, iria perseguir os cristãos, inflar as teses e ações do movimento LGBT e distribuir um “kit gay” nas escolas para incentivar as crianças a mudar de orientação sexual. Os pais, impedidos de educar os filhos, assistiram indefesos à destruição das famílias brasileiras. Esse discurso, turbinado por notícias falsas em grupos de whatsapp, fortaleceu essa tese – aterrorizante, desnecessário dizer, para grupos religiosos, sobretudo os evangélicos”.³⁰

²⁵ <https://republicanos10.org.br/republicanos-nas-urnas/eleicoes-2022/>

²⁶ <https://www.camara.leg.br/deputados/liderancas-e-bancadas-partidarias/bancada-na-posse>

²⁷ <https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-registrados-no-tse/republicanos>

²⁸ <https://republicanos10.org.br/republicanos-nas-urnas/eleicoes-2024/>

²⁹ <https://republicanos10.org.br/republicanos-nas-urnas/eleicoes-2022/>

³⁰ NASCIMENTO, Gilberto – *O Reino: A História de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*, p. 15

Neste relato do Gilberto Nascimento podemos ver a ideia por trás da Frente Parlamentar Evangélica é a imposição dos princípios cristãos e de domínio da sociedade através do uso das leis.

Joanildo Burity, sociólogo, especialista em estudos de política e religião, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, no dia 30/11/2016 analisando a eleição de 2016 e o peso da interferência da Igreja Universal do Reino de Deus na gestão da prefeitura de Marcelo Crivella, fala sobre a profissionalização das igrejas neopentecostais:

“Na Igreja Universal e na Assembleia de Deus existem conselhos políticos desde o fim dos anos 80 que pensam esses processos de definição de candidaturas, identificação de quais partidos elas devem se registrar e disputar eleições, processo de acompanhamento dos mandatos, avaliação se vale a pena apostar nessas pessoas de novo ou não, e uma estrutura crescente de assessoria com profissionais com capacitação com pós-graduação em Direito, Ciência Sociais, em áreas especializadas na atuação parlamentar.”³¹

Não se trata apenas de participação em campanhas políticas, mas de um projeto elaborado de domínio e de poder, onde estas igrejas estão trabalhando como verdadeiros marketeiros elegendo os seus candidatos em nome de Deus.

3. Edir Macedo e o Plano de Poder

O site Intercept Brasil, na reportagem realizada por Gilberto Nascimento,³² fez uma denúncia sobre a Igreja Universal do Reino de Deus afirmando que ela tem um projeto chamado Arimatéia para o ano de 2026. A ideia é impedir o avanço da esquerda no Brasil. Diante das denúncias feitas pelo site o deputado federal Pastor Henrique Vieira do PSOL/RJ

³¹ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/10/1828025-alianca-e-oposicao-vao-definir-peso-da-universal-no-governo-crivella-diz-sociologo>

³² www.intercept.com.br/2025/09/15/descobrimos-como-funciona-a-maquina-politica-da-universal-para-impedir-a-vitoria-da-esquerda-em-2026/

acionou o Procurador da Geral da República Paulo Gonet Branco para apurar esta denúncia sobre o uso da estrutura da Universal para benefícios de candidatos em 2026.

“O conglomerado do bilionário Edir Macedo, o grande líder da Universal, visa aumentar seu poder político para impor pautas conservadoras e tentar impedir a vitória do PT. A igreja tem hoje um braço político que inclui, além de seus fiéis e religiosos, o partido Republicanos – que tem, entre seus expoentes, o governador de São Paulo e pré-candidato à presidência, Tarcísio de Freitas.”³³

No livro *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*, os autores Edir Macedo e Carlos Oliveira declaram:

“Desde os primórdios da humanidade o ser humano vem lutando por espaços, por domínio e estabelecimento de poder. [...] Sendo assim, do ponto de vista de Deus, com quem você acha que Ele desejaria que estivesse este poder e domínio? Nas mãos do seu povo, ou não?”³⁴

Os autores deixam claro que o papel de domínio e poder pertence à igreja. Neste livro, ele faz uma narrativa desde o jardim do Éden, onde ela afirma que o primeiro projeto de poder fracassou porque o próprio Adão frustrou. Coloca que a igreja deve ocupar a política e retomar o Plano de Poder estabelecido por Deus.

“Lembre-se: estamos tratando de uma disputa por espaços e por consolidação desses espaços. [...] Existem três formas clássicas de poder; são elas: o poder econômico, o ideológico e o político. [...] O objetivo deste livro é, sim, revelar, conscientizar e

³³ www.intercept.com.br/2025/09/15/descobrimos-como-funciona-a-maquina-politica-da-universal-para-impedir-a-vinga-da-esquerda-em-2026/

³⁴ MACEDO, Edir & OLIVEIRA, Carlos – *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*, p. 11,12.

despertar os cristãos para uma causa bíblicamente anunciada. [...] A forma de poder considerada mais eficaz e abrangente é o político, que depende de habilidades estratégicas e ideológicas”.³⁵

Aqui os autores deixam o seu plano de poder definido: - ele busca convencer o leitor, e neste caso, o evangélico e seus seguidores, que a igreja deve ocupar um lugar de destaque política. Ele usa da expressão “causa bíblicamente anunciada” para legitimar o processo de criação do partido próprio e legitimar o uso do púlpito nas campanhas eleitorais.

Em seguida os autores falam do candidato político como um produto de venda e marketing:

“O bom produto político (candidato) e o número de simpatizantes eleitores são fundamentais, mas as estratégias podem ser altamente determinantes em um pleito. O que estamos falando diz respeito a uma série de fatores, como o discurso (tema que vise criar uma identidade coletiva), o tom do discurso (volume da voz e de sua cadência), a imagem do produto (forma de apresentação do candidato), o tempo de televisão na propaganda eleitoral gratuita, e hoje, mais do que nunca, o marketing”.³⁶

Segundo eles, o político tem que ser um bom produto e para isto as suas propostas devem ter conteúdo que atraia o povo. Somente um belo discurso não será suficiente para o convencimento dos eleitores. É preciso ações bem coordenadas, que começam a partir de uma conscientização política, estratégias, união em torno dessa nobre causa, que depende em parte dos líderes religiosos que estão à frente do rebanho de Deus.

³⁵MACEDO, EDIR & OLIVEIRA, CARLOS – *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*, p. 46,47,48.

³⁶MACEDO, EDIR & OLIVEIRA, CARLOS – *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*, p. 49

Esses autores propõem que as questões ideológicas, doutrinárias e denominacionais devem ficar à parte das questões políticas, as igrejas devem se unir em torno de um propósito do plano de poder.

As igrejas protestantes históricas, mesmo contando com fiéis candidatos, sempre defenderam uma separação rigorosa entre a esfera espiritual e estatal, recusando-se a ceder seus púlpitos para campanhas ou a distribuir materiais de propaganda eleitoral. A defesa da separação entre a Igreja e Estado é, portanto, entre as igrejas protestantes históricas, um discurso praticamente unânime.

Os autores afirmam fundamentando-se em Thomas Hobbes e no Antigo Testamento, que Deus é um estadista e, sobretudo, um gestor da coisa pública. Eles finalizam o livro ressaltando que o “Brasil tem uma população de aproximadamente 40 milhões de evangélicos” e que essa “potencialidade” não pode ser desperdiçada ou permanecer adormecida em termos de poder estatal.³⁷

Claro que isto não significa que há uma isenção do risco de envolvimento partidário. Na candidatura para reeleição em 2022, Bolsonaro subiu no púlpito da Igreja Batista Altitude, liderada pelo pastor Josué Valandro Junior, recebeu esse e outros candidatos para outros cargos públicos. Valandro também fez campanha eleitoral para Bolsonaro em 2018.

No dia 11 de setembro de 2022, O Pr Josué Valandro Junior,³⁸ chama os candidatos da sua igreja e demais candidatos políticos. Bolsonaro recebe oração por meio de uma videoconferência.

“As relações da igreja com a política estavam escancaradas naquele culto matinal. Os fiéis eram recebidos com pipoca, algodão doce e santinhos de políticos locais, como os candidatos a deputado estadual Major Douglas e Roseane Félix, ambos do Podemos-RJ e do candidato a deputado federal pelo

³⁷ MACEDO, Edir & OLIVEIRA, Carlos – *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*, p. 69, 123.

³⁸publica.org/2022/09/culto-na-igreja-de-michelle-bolsonaro-tem-distribuicao-de-santinho-e-oracao-por-candidato

Republicanos-RJ, Zé André. [...] “A gente precisa de leis. Não adianta só orar, temos que ter gente lá que vote”, disse uma irmã ao entregar, dentro do estacionamento da igreja, o panfleto da candidata Alana Passos, que tenta reeleição a deputada estadual pelo PTB. Alana é membro da Batista Atitude e sargento paraquedista do Exército. No material de campanha entregue pela funcionária contratada da campanha, Alana aparece ao lado do presidente Jair Bolsonaro (PL) e se apresenta como “a deputada do capitão!” e “conservadora convicta e evangélica”. [...]”

Em outro trecho do culto além de pedir votos Josué Valandro fala do candidato Marcelo Crivella:

“A política também subiu ao púlpito. Dentro do templo com capacidade para mais de 10 mil pessoas, o pastor Josué Valandro, fundador da Igreja, convocou uma oração por Marcelo Crivella, candidato a deputado federal pelo Republicanos do Rio. Crivella é ex-prefeito do Rio de Janeiro e bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus. “Esse homem [Crivella] teve a visão de fazer uma creche em um prédio abandonado. Hoje temos 250 crianças na creche. A creche tá lá, a igreja realizou e esse homem foi instrumento”, disse o pastor Josué Valandro. Durante o culto, Crivella se manteve sentado na plateia ao lado da esposa, Sylvia Crivella.”³⁹

No mesmo dia no culto à noite o Pr Josué Valandro Junior convoca os candidatos membros da igreja e de outras igrejas para oração:

“No culto da noite daquele mesmo domingo, o pastor Valandro chamou candidatos que são membros da igreja para uma oração. Eles se posicionaram em frente ao palco. “O voto é seu,

³⁹ apublica.org/2022/09/culto-na-igreja-de-michelle-bolsonaro-tem-distribuicao-de-santinho-e-oracao-por-candidato/

mas a consciência cristã é papel da igreja trazer”, disse, apresentando Alana Passos e o Major Douglas, e o candidato a deputado federal Aroldinho Federal, do PL-RJ. O deputado federal Otoni de Paula (MDB-RJ) e a candidata ao Senado pelo Rio de Janeiro, a deputada federal Clarissa Garotinho (União Brasil), foram convidados à oração, mesmo não sendo membros da igreja.”⁴⁰

A Igreja Batista Atitude, com sua sede localizada na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, nesta ocasião tinha em sua membresia mais de 10.000 membros, e em 2022 quase duplicou de 21 para 40 templos. Parte deste crescimento se dá por ser a igreja da esposa do ex-presidente da República Michele Bolsonaro, que promove encontros em células, dentro do planalto central.

Neste mesmo culto do dia 11 de setembro de 2022, o presidente e candidato à reeleição faz o discurso final de agradecimento:

“Bolsonaro agradeceu o espaço e aproveitou para falar de liberdade religiosa, aborto e proibição de drogas, pautas que mobilizam o eleitorado evangélico. “Peço a Deus que dê sabedoria para cada dos brasileiros para que possam decidir o futuro da nossa nação, bem como se vamos ter uma pátria livre ou não. Vamos falar de política agora para poder continuar falando de Deus no futuro”, disse. “Como um exemplo negativo se cita a Nicarágua, onde se persegue padres, se expulsa as freiras, se fecha meio de comunicação da igreja católica. A intenção dessas pessoas sempre é a mesma: calar aqueles que pensam diferente, aqueles que falam em Deus, aqueles que defendem a família, que são contra as drogas, a ideologia de gênero e contra o aborto”.⁴¹

⁴⁰ apublica.org/2022/09/culto-na-igreja-de-michelle-bolsonaro-tem-distribuicao-de-santinho-e-oracao-por-candidato/

⁴¹ apublica.org/2022/09/culto-na-igreja-de-michelle-bolsonaro-tem-distribuicao-de-santinho-e-oracao-por-candidato/

Em outubro de 2024 o deputado Otoni de Paula declarou numa entrevista ao canal Globo News:

“A Igreja do Senhor Jesus por um sentimento político. A Bíblia diz o seguinte: ‘Toda autoridade é proveniente de Deus’. ‘Toda autoridade’ não é apenas a em quem eu votei na última eleição. É qualquer autoridade. Portanto, de acordo com a nossa fé, querendo o pastor Silas (Malafaia) ou não, querendo o (deputado) Sóstenes (Cavalcante) ou não, o mesmo Deus que permitiu (Jair) Bolsonaro ser presidente permitiu agora Lula ser presidente”, diz o deputado Otoni de Paula (MDB-RJ) sobre a sua aproximação com o presidente Lula.”

Esta fala do deputado Otoniel de Paula pode ser vista como uso do místico-espiritual para justificar decisões político-partidárias. Esta mesma postura pode ser vista com outros líderes religiosos, entre eles Silas Malafaia, que já apoiou o presidente Lula, na sua primeira eleição e declarou nos palanques e no púlpito que era o homem de Deus, o homem escolhido por Deus para aquele momento. Ele chega declarar em 2002 que Lula era vítima da cultura do medo. Silas apoiou Lula até 2010.⁴²

Para Ricardo Mariano no seu artigo: “O Futuro não será protestante” narra o projeto político da Frente Parlamentar Evangélica:

“Sua disposição é a de tomar posse para Deus, por meio da guerra espiritual e da ação concreta, das coisas de que o Diabo

⁴² Em sua campanha presidencial nas eleições de 2002, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) contou com o apoio de uma liderança evangélica que hoje o trata como rival: o pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus. Na ocasião, se pronunciou em defesa do petista, afirmando que este era alvo de uma "cultura do medo, do terror e do pânico" promovida pelos apoiadores de seu concorrente, José Serra, do PSDB. "Enquanto eles estão com o império do medo, para neutralizar o potencial dessa nação, você tem dito: 'eu acredito na capacidade do brasileiro de resolver a crise'. Enquanto eles, com o império do medo, estão neutralizando os sonhos, e quem não sonha não vai a lugar algum, você tem passado os seus sonhos de construir uma nação grande, com mais equilíbrio, com mais igualdade, com melhorias", declarou o pastor em discurso ao lado de Lula. (Site acessado: <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/10921/lula-e-vitima-da-cultura-do-medo-disse-malafaia-em-2002>).

por muito tempo governou. Quer ter vez e voz ativas. Anseia por respeitabilidade social, poder político e econômico.”⁴³

Gilberto Nascimento no livro *O Reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*, relata sobre esta situação de apoio aos políticos:

“Desde a primeira eleição direta para a Presidência da República, em 1989, Edir Macedo e sua igreja vêm se alinhando aos ocupantes do Palácio do Planalto. O bispo sempre esteve ao lado do poder, fosse com governos de centro, de esquerda ou de direita. Nos estados e prefeituras, sua igreja em geral repete o mesmo procedimento, apoio os governantes de plantão, com raras exceções”.⁴⁴

Fica nítido que o projeto de domínio e poder está acima de bandeiras partidárias, ideológicas, o importante é estar no poder e com o poder. Janine Trevisan chama a atenção no seu artigo *A Frente Parlamentar Evangélica: Força política no estado laico brasileiro*:

“Ao lado da bancada católica, dispõe de força suficiente para impedir que projetos referentes ao aborto ou aos direitos civis de homossexuais sejam aprovados no Congresso. Embora composta por partidos e denominações concorrentes, a Frente Parlamentar Evangélica, em certos momentos, apresenta estratégia e atuação conjunta e reflete o poder de mobilização dos pentecostais na sociedade brasileira.”⁴⁵

Após a compra da Record o Bispo Macedo inicia uma guerra com os empresários da área de comunicação. E usando da linguagem mística-

⁴³ MARIANO, Ricardo – *O Futuro não será protestante*, p. 89-114.

⁴⁴ NASCIMENTO, Gilberto – *O Reino: A História de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*, p. 14

⁴⁵ TREVISAN, Janine - *A Frente Parlamentar Evangélica: Força política no estado laico brasileiro*, p. 581-609.

espiritual esse líder lamentou ser alvo de muitos ataques do diabo e seus parceiros.

“Nós tínhamos [a] a Rede Globo como informação única neste país. Com o evento [advento] da Record, nós tivemos, então, a chance de deixar o povo brasileiro ciente do outro lado dos fatos. A Record veio para assumir o ‘nadar a perder’, ou tudo ou nada, o é ou não é. Ou Deus é conosco ou não é, provocou. Reconhecia que sua igreja, ao crescer, ganhara um telhado de vidro, porém ressaltava que os inimigos também tinham seus pontos vulneráveis e, por isso, não poderiam apedrejá-lo”.⁴⁶

4. A Organização da Frente Parlamentar Evangélica

A partir do momento que a bancada evangélica se torna Frente Parlamentar Evangélica e se organiza tendo presidente, coordenação e equipe de assessoria e conta com uma sala, onde realiza reuniões para discussões de temas de interesse. A esse respeito, Janine Trevisan faz a seguinte observação:

“Os parlamentares são divididos por temáticas, pelas quais ficam responsáveis para análise de projetos específicos sempre que necessário, com a subsequente elaboração de parecer e orientação de voto para os demais membros da FPE. Nas reuniões semanais, os assessores informam sobre os projetos em tramitação, que deverão receber análise especializada, distribuem tarefas, incluindo a elaboração de pareceres. A assessoria, que é voluntária, monitora os projetos em tramitação no Congresso nas sextas-feiras a partir das 18h, através da busca digital por palavras chave. Em seguida, encaminha as providências mais urgentes, que não podem esperar até a reunião da terça-feira quando, então, os projetos a serem

⁴⁶ NASCIMENTO, Gilberto, *O Reino: A História de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*, p. 14

analisados são repassados aos demais integrantes da Frente. A partir dos pareceres produzidos pelos parlamentares designados, de acordo com suas áreas de formação/especialização, a assessoria elabora discursos específicos e os distribui aos deputados participantes das comissões que os discutem para justificar seus votos. Além disso, as reuniões são utilizadas para tomar decisões e fazer encaminhamentos sobre procedimentos diversos: solicitação de requerimentos de informação, audiências, votações a favor/contra projetos específicos, estratégias para interromper sessão no plenário e nas comissões.”⁴⁷

A Frente Parlamentar Evangélica atua nas comissões permanentes da casa legislativa, principalmente na Comissão de Seguridade Social e Família/CSSF onde se concentra o maior número de deputados evangélicos especialmente porque a CSSF aprecia e vota propostas que tratam de conteúdos como família, sexualidade, corpo, pessoa, vida e morte, nascimento e óbitos. Tais temas são de grande interesse para a Frente Parlamentar Evangélica.

5. As Pautas Centrais da Frente Parlamentar Evangélica

Tatiane dos Santos Duarte faz uma observação muito importante sobre as pautas da Frente Parlamentar Evangélica:

“Uma questão deve ser ressaltada. O engajamento dos parlamentares evangélicos nas atividades propostas pela “Frente” não se constitui de forma amplamente coesa, interessada e participativa (Baptista, 2009). Pude observar durante o trabalho de campo que poucos deputados participavam dos cultos da “Frente”. Frequentemente são estes mesmos parlamentares que organizam e/ou participam “das

⁴⁷ TREVISAN, Janine - A Frente Parlamentar Evangélica: Força política no estado laico brasileiro, p. 581-609.

atividades da Frente”, como os eventos “pró-vida”. Como me advertiu José Duque, dos 53 parlamentares que integravam a FPE, cerca de quinze frequentam os cultos semanais realizados em um dos Plenários das salas de comissões da Casa. A maioria dos filiados, contudo, comparece aos almoços de confraternização e às reuniões que ocorrem após os cultos.”

As pautas centrais da Frente Parlamentar Evangélica são as mesmas defendidas pela Teologia do Domínio e pela TFP⁴⁸ (Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade).

Presos ao ideário patriarcal, ao zelo pela família nuclear e aos valores cristãos tradicionais centram sua ação política na defesa de projetos contra a legalização do aborto, do jogo e da união civil de homossexuais, na oposição à descriminalização da maconha, no combate ao feminismo, à nudez, à liberalidade dos costumes e à pornografia e no apoio à censura dos meios de comunicação.

As pautas principais podem ser vistas no Estatuto da Frente Evangélica Parlamentar, destaco aqui os dois parágrafos do segundo artigo:

I. Promover a *defesa e articulação política das bandeiras evangélicas* junto ao Congresso Nacional; (grifo meu)

II. Atuar junto ao processo legislativo a partir das comissões temáticas existentes nas Casas do Congresso Nacional, e atuação no Plenário da Câmara do Senador, do Congresso segundo seus objetivos, *combinados com os propósitos de Deus, e conforme a Sua Palavra.* (grifo meu)

Fica clara a pauta principal defesa das bandeiras evangélicas, ou seja, a imposição do pensamento e da fé cristã, sem considerar os direitos

⁴⁸ A TFP (Tradição, Família e Propriedade) é uma organização católica tradicionalista de inspiração conservadora, fundada no Brasil em 1960 por Plínio Corrêa de Oliveira. A sigla se refere à defesa desses três valores e o movimento ficou conhecido por sua atuação política, especialmente durante a ditadura militar, e pelo forte anticomunismo. Após a morte de seu fundador em 1995, a TFP se reestruturou e deu origem a outras entidades, como os Arautos do Evangelho e o Instituto Plínio Correa de Oliveira.

de outros grupos religiosos. Por exemplo, a questão da união civil homossexuais, o ateísmo, o controle de natalidade.

Eunice Aparecida Borsetto, afirma que a bancada evangélica tem o seu projeto de poder alicerçado em dois pilares:

“Um é a Teologia da Prosperidade (TP), em que todos os fiéis têm direito a saúde, bem-estar e boa situação financeira para desfrutarem dos privilégios de serem ‘filhos do Rei’. Outro é a Teologia do Domínio (TD) onde a realidade tanto física quanto espiritual se restringe à luta do cristão contra o diabo, aqui representados pelos santos católicos e guias de religiões de matriz africana”.⁴⁹

O alvo da Frente Parlamentar Evangélica é a conquista do poder político, onde em nome de Deus ela decide através da política e do estabelecimento de leis, e como está colocado no seu estatuto, votar de acordo com a vontade de Deus e as Escrituras.

Aqui não foi esgotado tudo sobre a Frente Parlamentar Evangélica, mas foi apresentado sua origem, seu propósito e sua influência nas decisões políticas no Brasil. O que dá uma base para entender o seu papel e a Teologia do Domínio no Brasil.

⁴⁹ <https://portal.unit.br/blog/noticias/como-a-bancada-evangelica-e-influente-na-politica-brasileira>

Capítulo II

A Teologia do Domínio

A proposta deste capítulo é apresentar a Teologia do Domínio⁵⁰, seus principais representantes, sua chegada ao Brasil e sua influência nas igrejas. Mas o que é Teologia do Domínio? Como ela tem atuado nas igrejas brasileiras?

A Teologia do Domínio, também conhecida como dominionismo, perpassa a história da igreja desde os seus primórdios, numa disputa de poder entre as lideranças espirituais e as lideranças políticas. Eliseu Pereira o seu livro *Para Compreender a Teologia do Domínio* traz a seguinte definição:

“Teologia do Domínio é o um conjunto de crenças e práticas surgido nos EUA em meados dos anos 1970, segundo o qual os cristãos devem assumir o domínio de cada esfera da sociedade a fim de abrir caminho para a vinda do reino de Deus. O movimento deu origem à Direita Cristã com grande influência no Partido Republicano a partir dos anos 1980. A Teologia do Domínio pode ser considerada a versão popular do Reconstrucionismo Cristão. A ideia chave é a missão cristã de dominar a sociedade em vez de evangelizar e fazer missões”.⁵¹

A nomenclatura Teologia do Domínio tem sido atualmente muito discutida. Para alguns o termo mais adequado seria ideologia por se tratar de uma visão de mundo, com viés religioso, a serviço de um projeto político de defesa de interesses de determinados grupos ou classes sociais.

O termo Teologia do Domínio, segundo Eliseu Pereira⁵², surgiu do encontro dos reconstrucionistas cristãos com líderes evangélicos da

⁵⁰ É importante ressaltar que no âmbito das igrejas evangélicas o termo Teologia do Domínio não é tão conhecido do público em geral. O termo está mais restrito ao meio acadêmico.

⁵¹ PEREIRA, Eliseu, *Para Compreender a Teologia do Domínio*, p. 39.

⁵² PEREIRA, Eliseu, *Para Compreender a Teologia do Domínio*, p. 39.

emergente Direita Cristã. Mesmo que tenha sido oriunda deste encontro, mas o termo domínio está ligado ao que é chamado mandato cultural de Gênesis 2.15, onde Deus dá a ordem ao homem de dominar sobre a terra, no sentido de cuidar, de cultivar e guardar a terra. Contudo, na leitura da teologia do domínio este mandato cultural é lido como poder. A igreja precisar retomar o poder que foi perdido após a queda da humanidade em Gênesis 3.15.

Nesta leitura hermenêutica proposta pela teologia do domínio somente os verdadeiros cristãos, reconciliados com Deus, tem este direito e estão aptos a tomar o mundo do poder de Satanás e exercer o domínio sobre todas as esferas da sociedade.

Segundo a Teologia do Domínio, somente os cristãos têm legitimidade para exercer o domínio debaixo da autoridade divina, qualquer pessoa que não esteja debaixo da lei de Deus é ilegítimo.

Esta cosmovisão dá legitimidade a expansão e a cristianização não como evangelização, mas como domínio, como poder. O mandato cultural passa de evangelização para domínio, e, tal domínio pode ser feito também através do uso de armas. Permitindo e legitimando fundir uma militância política.

O conceito de domínio presente na cosmovisão desses grupos é de que a igreja deve dominar todas as áreas da sociedade. Partindo de uma hermenêutica fundamentalista, pressuposicionalista⁵³ e alegórica⁵⁴.

Falar deste tema não é simples, é um tema complexo porque envolve religião, fé e política. No Brasil temos o ditado: “religião, política e

⁵³ Pressuposicionalismo é uma tese formulada por Abraham Kuyper e Cornelius Van Til, tendo sido apropriada como fundamento teórico do reconstrucionismo cristão. De pressupor (supor de antemão), significa que todo conhecimento se baseia em apenas dois pressupostos: a palavra revelada de Deus e a razão humana. Como o ser humano se encontra em estado de rebelião contra Deus, tudo que ele pensa e realiza ofende a santidade de Deus. Portanto, a palavra de Deus é o único pressuposto epistemológico válido para acessar a realidade.

⁵⁴ Alegoria é um método de interpretação bíblica que afirma a necessidade da leitura nas entrelinhas. Pode ser definida com a busca de um sentido simbólico, oculto, imposto ao sentido natural do texto bíblico, de acordo com pressuposições morais ou filosóficas. Ela distorce o sentido objetivado pelo autor em relação aos seus primeiros leitores, e o transforma no sentido desejado pelo autor atual. Assim, o texto será interpretado dentro do desejo do leitor de forma indiscriminada e sem regras.

futebol não se discutem”. Na Teologia do Domínio estão presentes dois destes pontos: religião e política.

As igrejas protestantes históricas e o pentecostalismo histórico até a década de 1980 não se envolvia com política, alguns por falta de interesse, outros por defender o Estado Laico.

Mas na década de 1980 tivemos muitos candidatos políticos, o que levou as igrejas, ou melhor dizendo, boa parte das igrejas, a repensarem o seu papel na sociedade e a necessidade em ter seus representantes cristãos na esfera política.

De acordo com Eliseu Pereira⁵⁵ o fenômeno Teologia do Domínio tem pelo menos cinquenta anos de desenvolvimento nos Estados Unidos, a partir da eleição de Ronald Regan em 1980 e a conquista do Partido Republicano pela direita cristã.

“O termo dominionismo foi criado por Sara Diamond, socióloga, em 1995, para se referir à “tendência política crescente na Direita Cristã”, “influenciada pelo Reconstrucionismo Cristão” (BERLET, 2008). A partir de então, o termo foi popularizado por Diamond, Frederick Clarkson e Chip Berlet, jornalistas investigativos, os primeiros pesquisadores do tema nos EUA. [...] Na percepção de Diamond, a chave da nova pregação na Direita Cristã era o domínio. Como a expressão “Teologia do Domínio” não era clara para opinião pública, eles optaram pelo termo “dominionismo”, que tem conotação mais política. Em síntese, TD e dominionismo são sinônimos, destacando apenas o foco religioso ou político”.⁵⁶

O dominionismo⁵⁷ tem três características que estão presentes também no Reconstrucionismo Cristão: nacionalismo cristão, supremacia

⁵⁵ PASSOS, João Décio, *Teologia do Domínio e usos de Deus na Política*, p.23.

⁵⁶ PASSOS, João Décio, *Teologia do Domínio e usos de Deus na Política*, p. 31.

⁵⁷ Nota explicativa: Para Eliseu Pereira embora as expressões dominionismo e teologia do domínio sejam sinônimas, ele apresente uma distinção, o dominionismo tem um foco mais político. As três características que ele destaca são mais do viés político do que teológico.

religiosa e visão teocrática. Na leitura de Eliseu Pereira, as três características podem ser explicadas da seguinte maneira:

“Primeiro: os dominionistas celebram o nacionalismo cristão, pois acreditam que os Estados Unidos já foram e deveriam ser novamente uma nação cristã. Dessa forma, eles negam as raízes iluministas da democracia americana.

Segundo: os dominionistas promovem a supremacia religiosa, na medida em que geralmente não respeitam a igualdade de outras religiões, ou mesmo de outras versões do cristianismo.

Terceiro: os dominionistas endossam visões teocráticas, na medida em que acreditam que os Dez Mandamentos, ou “lei bíblica” devem ser o fundamento da lei americana e que a Constituição dos EUA deve ser vista como um veículo para a implementação dos princípios bíblicos”.⁵⁸

Estas características como foi apresentado no capítulo sobre a Frente Parlamentar Evangélica, podem ser encontradas tanto no Estatuto como nas falas dos componentes da FPE. Embora aqui Eliseu esteja se referindo ao contexto norte-americano, estas características estão inseridas no contexto brasileiro. Como na famosa frase que ecoou no Brasil: “Deus, Pátria e Família”.

A Teologia do Domínio se apresenta como uma cosmovisão que defende a conquista do poder estabelecido em nome de Deus e, que por meio da instauração dessa nova forma de poder dele a sociedade será transformada em seus valores, práticas, mentalidades e instituições. Segundo o que afirmam os defensores da Teologia do Domínio quando a igreja dominar o mundo teremos um mundo melhor.

Samuel Araújo traz no seu texto: *Ameaça Fantasma: vetores formativos para teologias do domínio contemporâneas*, onde o autor trabalha a metáfora do filme Guerra das Estrelas para explicar o arcabouço da Teologia do Domínio. Ele diz:

⁵⁸ PEREIRA, Eliseu, *Para Compreender a Teologia do Domínio*, p. 50.

“No caso deste ensaio, essa “ameaça” corresponde às forças de uma teologia que reivindica a soberania divina sobre todas as esferas da vida social – uma “teologia do domínio” (TD), por assim dizer. [...] Mais do que um sistema de crenças, a teologia é um campo de produção coletiva de enunciados e de desejo. Seu poder não reside na coerência doutrinária, mas na capacidade de agenciar subjetividades e práticas, moldando realidade sociais. Longe de se restringir a um discurso religioso, a teologia opera como um dispositivo de produção política e social. Não se trata de um conjunto de doutrinas sistematizadas ou de um discurso formulado por sujeitos individuais, mas de um campo de forças onde discursos e desejos se entrelaçam, se reorganizam e produzem efeitos concretos no mundo”.⁵⁹

Samuel Araújo apresenta o conceito da teologia partindo da leitura da soberania divina usada pela Teologia do Domínio para justificar a ação da igreja de tomar todas as áreas. Reivindicar em domínio de toda a sociedade como território de ação divina. Além disso, chama a atenção nesta passagem para a força da teologia que não fica restrita ao campo religioso, mas que atua na política e no social. Expandindo a fronteira, se antes havia uma separação entre igreja e Estado, entre espiritual e governamental, agora tudo deve ser tomado, dominado pela igreja. A fé cristã deve dominar o governo e todas as áreas.

A Teologia do Domínio pode ser vista tanto dentro da igreja católica, quanto nas igrejas históricas protestante, e, dentro do pentecostalismo, principalmente no neopentecostalismo.

A Teologia do Domínio parte da visão do restabelecimento do governo de Deus aqui na terra, através de uma teonomia⁶⁰. Esta teonomia é considerada o plano de Deus para o domínio, um programa de Deus para a conquista. A teonomia é uma das bases da Teologia do Domínio porque

⁵⁹ PASSOS, João Décio, *Teologia do Domínio e Usos de Deus na Política*, p.43,45.

⁶⁰ Teonomia (theos + nomos), palavra de origem grega, que literalmente significa lei de Deus. Desta forma, a lei do país deverá ser regida pela lei das escrituras. A Bíblia é o único regulador de todas as áreas da vida.

defende a aplicação da lei de Deus em todas as áreas da vida de todas as pessoas, baseada na convicção de que Deus é a última fonte de autoridade e toda a lei humana resulta da autonomia rebelde contra Deus.

Durante o governo Bolsonaro e na campanha de reeleição uma das expressões mais usadas foi: “Feliz a nação cujo Deus é o Senhor”, retirada das escrituras, sem respeitar o contexto em que estava inserida.

A Teologia do Domínio coloca a Bíblia como a base da sociedade. O único fundamento válido para reconstruir a nação é a lei bíblica. Todas as instituições do país e todas as áreas da vida em sociedade devem refletir a lei de Deus.

Eliseu Pereira no capítulo Teologia do Domínio: conceitos e futuros apresenta a mudança que ocorre na sociedade cristã norte-americana com a chegada da Teologia do Domínio, é importante destacar que não significa que todo americano aderiu a ideologia desta teologia, mas que houve uma mudança significativa do conceito de evangelização para imposição do cristianismo.

“A partir da TD, o alvo da igreja deixa de ser a evangelização de pessoas e passa a ser o controle das nações, submetendo-as a tudo o que Jesus ordenou. Os cristãos são o novo povo de Deus e os únicos aptos para exercerem o domínio da sociedade”.⁶¹

Na introdução do livro *Teologia do Domínio e usos de Deus na Política*, João Décio Passos observa:

“A afirmação do poder de Deus sobre o mundo não constitui nenhuma novidade para as tradições monoteístas; além de compor seus credos oficiais, atua na consciência de seus adeptos como valor e convicção inabalável, apesar dos abalos advindos da cultura e da sociedade modernas.”⁶²

⁶¹ PASSOS, João Décio, *Teologia do Domínio e Usos de Deus na Política*, p. 31.

⁶² PASSOS, João Décio, *Teologia do Domínio e Usos de Deus na Política*, p. 9.

Esta observação chama a atenção porque a Teologia do Domínio não é algo novo, na história temos a tensão e disputa entre as instituições, entre o poder espiritual (Igreja) e o poder temporal (Estado). O cristianismo ao longo da história tem sido um objeto nesta disputa.

1. A Teologia do Domínio na contemporaneidade

Apesar da idéia de domínio vinculada a uma determinada compreensão de religião, no âmbito do cristianismo, observa-se atualmente um revivalismo da Teologia do Domínio, que ganha força com novos adeptos e se apresenta sob novas vestes. Esse retorno é interpretado por parte da sociedade como um movimento preocupante, que desafia os alicerces da modernidade, conforme se depreende da crítica a seguir:

“Para a perspectiva moderna, estaríamos vivenciando o retorno de uma visão superada pela consciência gestada no movimento da chamada modernidade e pelas instituições jurídicas e políticas do Estado laico, além de um retrocesso obscurantista que colocaria em risco as construções e conquistas básicas da sociedade laica e do regime democrática”.⁶³

A Teologia do Domínio ressurgiu nos Estados Unidos da América dentro do neopentecostalismo, com o discurso de evangelização e de expansão do reino de Deus aqui na terra.

A Teologia do Domínio pode ser vista e lida como um projeto de cristianização ou recristianização ressurgido nos Estados Unidos através de líderes evangélicos, e, na sua maioria, neopentecostais que tem como base a dominação de áreas estratégicas na sociedade, com o objetivo de estabelecer o reino de Deus e a volta do Messias.

“Isso não é uma coisa nova, mas uma relevação renovada. No século XIX, o holandês Abraham Kuyper tinha uma lista de

⁶³ PASSOS, João Décio, *Teologia do Domínio e Usos de Deus na Política*, p. 10.

quatro “jurisdições” dadas por Deus através da Sua Palavra. William Carey, o sapateiro inglês que acabou se tornando missionário pioneiro na Índia, criou programa em cada uma dessas sete esferas da sociedade.”⁶⁴

O reconstrucionismo cristão⁶⁵ propõe a imposição das leis bíblicas para toda a sociedade, independente da religião individual, todos devem seguir os princípios cristãos para a sociedade viver. Para os reconstrucionista cristão a educação da criança pertence exclusivamente à família e não ao Estado, ao governo, à igreja ou à escola, é única e exclusivamente a família.

Como já apresentado anteriormente, a Teologia do Domínio tem influência do reconstrucionismo cristão, da teologia da prosperidade, da batalha espiritual, da confissão positiva, do movimento apostólico, mas a maior influência vem da concepção da chamada “doutrina das sete montanhas”.

Eliseu Pereira faz uma observação que merece nossa atenção quando fala da doutrina dos sete montes e o reconstrucionismo cristão:

“A Doutrina dos Sete Montes simplificou e popularizou ainda mais o Reconstrucionismo cristão para o grande público acostumados às mídias sociais e textos curtos de fácil e rápida compreensão. As obras reconstrucionista são eruditas e massivas, por isso, lidas apenas em um círculo acadêmico mais

⁶⁴ COPE, Landa – *Template Social do Antigo Testamento: redescobrimo principios de Deus para discipular nações*, p. 11.

⁶⁵ Reconstrucionismo cristão é um movimento fundamentalista reformista teonômico que se desenvolveu sob as ideias de Rousas Rushdoony, Greg Bahnsen e Gary North; tem tido uma influência importante no direito cristão nos Estados Unidos. O reconstrucionismo cristão tem duas etapas: primeira etapa colocar cristãos nas áreas públicas e assim transformar a sociedade, e, a segunda etapa assumir a educação dos filhos por meio do estudo em casa ou em escolas cristãs a fim de formar uma geração com toda base cristã. Esta ideologia formulada pelo pastor Rousas John Rushdoony, a partir de 1960, nos EUA, defende que os cristãos devem conquistar todas as instituições do Estado e da sociedade civil para Jesus Cristo e impor a lei de Deus a fim de reconstruir as nações. Somente assim, os cristãos cumprirão o mandato cultural (dominar sobre a terra, Gn 1.28) e a grande comissão (Mt 28.18 a 20) e abrirão o caminho para a vitória final do reino de Deus na terra. A ideia chave é reconstruir a nação pela lei de Deus.

⁶⁵ PASSOS, João Décio, *Teologia do Domínio e Usos de Deus na Política*, p. 33.

restrito. [...] A doutrina dos Sete Montes levou as teses reconstrucionista e dominionistas ao seu estágio mais simples e prático”.⁶⁶

Aqui é necessário destacar dois aspectos, Eliseu Pereira, faz uma distinção entre dominionismo e doutrina dos sete montes⁶⁷. Para ele a doutrina dos sete montes popularizou o dominionismo trabalhava de forma mais discreta, a Teologia do Domínio leva o pensamento dominionista ao público não cristão através de palestras, livros.

O reconstrucionismo cristão ficou mais restrito ao público acadêmico e erudito. Então a Teologia do Domínio pode ser lida e vista como um desenvolvimento do reconstrucionismo cristão e do dominionismo.

A visão das sete montanhas, muito presente em certa corrente da Teologia do Domínio, traz batalha espiritual para a história concreta, para arena da disputa política e pública. Na visão dos principais percussores e líderes desse movimento, a igreja precisa dominar estas áreas, arrancá-las do controle do diabo e seus demônios. A igreja precisa dominar a mídia, os negócios, o governo, a arte e o entretenimento, a educação, a família e a religião. Quem controla estas áreas domina a cultura, controla o povo e define o que é certo ou errado. O que deve ser considerado pecado ou não.

Eliseu Pereira citando Clarkson apresenta características principais dominionismo: nacionalismo cristão⁶⁸, supremacia religiosa⁶⁹ e visão

⁶⁶ PASSOS, João Décio, *Teologia do Domínio e Usos de Deus na Política*, p. 33.

⁶⁷ Nesta nota explicativa Eliseu Pereira usa o termo doutrina dos sete montes, mas se refere ao mesmo pensamento da teologia das sete montanhas. O texto aqui, respeitando a preferência do escritor Eliseu Pereira, adoto o termo sete montanhas.

⁶⁸ Marty, Antonela, no artigo: Deus, Pátria e Poder. Nacionalismo Cristão buscar conquistar os Estados Unidos, publicado no site da Unisinos traz a seguinte definição sobre Nacionalismo cristão: é um movimento político-religioso que surgiu com a intenção de criar uma nação cristã e perpetuar a falsa narrativa de que os Estados Unidos já foram uma nação cristã, mas não o são mais devido a uma crise moral resultante da cultura "**woke**" (transformada em sinônimo de progresso em termos de direitos sociais e liberdade) ou de um "declínio moral no Ocidente". <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/649117-deus-patria-e-poder-o-nacionalismo-cristao-busca-conquistar-os-estados-unidos-artigo-de-antonela-marty>.

⁶⁹ Supremacia religiosa é a crença ou conceito de que uma religião é superior a outra, portanto, ela tem o direito de dominar as outras e é mais adequado para governar. Este conceito vai contra a tolerância religiosa e o diálogo inter-religioso.

teocrática⁷⁰, pós-milenismo⁷¹, aliancismo⁷² e revisionismo⁷³. Estas características estão presentes também na teologia das sete montanhas que busca dentro de uma cosmovisão fundamentada na soberania divina o domínio da sociedade.

Para os defensores da Teologia do Domínio vivemos numa sociedade marcada pela secularização, pelo relativismo e individualismo, neste caso, a Teologia do Domínio se apresenta como uma resposta de Deus, um antídoto para uma sociedade depravada. A teologia das sete montanhas é a Teologia do Domínio de forma pragmática, que por sua vez, é o reconstrucionismo numa linguagem mais palatável ao público.

2. Os precursores da Teologia do Domínio: Jocum, Johnny Enlow e Landa Cope

Os três principais precursores da Teologia do Domínio nos tempos atuais são: a instituição missionária JOCUM (Jovens Com Uma Missão), a missionária da JOCUM Landa Cope autora de dois livros em que defende esta teologia e Johnny Enlow o autor de diversos livros onde defende os ideais da Teologia do Domínio.⁷⁴

O site oficial da JOCUM⁷⁵ informa que esta instituição foi fundada em 1960, por Loren e Darlene Cunningham. Os líderes desta organização

⁷⁰ Visão teocrática implica uma visão de governo fundamentada em Deus, neste caso, Deus cristão, que governa com base nas Escrituras. A visão teocrática é aquela onde Deus governa através dos seus representantes na terra. Nesta visão o governo deve ser submisso à lei de Deus.

⁷¹ Pós-milenismo também conhecido como pós-milenarismo, é a linha escatológica que defende a volta de Cristo após o milênio (não necessariamente 1000 anos). Defende que Cristo voltará quando a igreja terá influenciado toda a sociedade com a pregação do evangelho. Nesta leitura Cristo só retornará quando a igreja transformar todo o mundo.

⁷² Aliancismo é pensamento teológico e hermenêutico de que Deus estabeleceu ao longo da história bíblica alianças com o seu povo. É também conhecida como teologia do pacto. Organiza o plano de Deus por meio de alianças feitas com a humanidade. De acordo com estas alianças Deus abençoe ou pune um povo pela quebra da aliança.

⁷³ O revisionismo visa reconstruir a história do Estados Unidos como nação cristã.

⁷⁴ Estes escritores neopentecostais, traz em seu pensamento teológico o conceito da soberania divina defendida pelo neocalvinismo. O neocalvinismo é um movimento teológico, cultural e político que busca, por meio de uma tradição calvinista fornecer respostas às transformações da modernidade reafirmando o papel do cristianismo de linha reformada na sociedade. Como uma cosmovisão da soberania divina sobre todas as esferas, leia-se aqui, montanhas da sociedade que devem ser dominadas pela igreja.

⁷⁵ <https://jocum.org.br/>

afirmam que tem despertado no Brasil e no mundo milhares de pessoas no cumprimento da ordem de Jesus de evangelização.

Jovens Com Uma Missão (JOCUM) é um movimento internacional de cristãos de muitas denominações dedicado a mensagem cristã a esta e futuras gerações, mobilizar o máximo de pessoas possível para ajudar nesta tarefa e ao treinamento e capacitação de crentes para assumirem sua parte no cumprimento da Grande Comissão.

Landa Lea Cope juntou-se à JOCUM em 1971 e suas conferências e trabalho com missões a tem levado a mais de 110 países.

Fundadora da Faculdade de Comunicação da Universidade das Nações (UOFN), do movimento JOCUM, e do campus da Universidade das Nações próximo à cidade de Genebra, na Suíça.

No Brasil foram publicados dois livros de Landa Lea Cope: *Deus e a Justiça Política: um estudo sobre a governança civil de Genesis a Apocalipse*, publicado pela editora JOCUM (2017), e, *Template Social do Antigo Testamento: redescobrimo princípios de Deus para discipular nações*, pela editora Quatro Ventos.

Em *Template Social* Landa Cope apresenta a visão que teve e compartilhou com Bill Bright, fundador da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, nos EUA. Nesta visão, Deus apresenta sete áreas da sociedade a serem usadas estrategicamente para discipular as nações (Mt 28.18-20).

As sete áreas são⁷⁶: família (ou lar); igreja (ou religião); educação, mídia (meios de comunicação – eletrônicos e impressos); celebração (artes, entretenimento e esportes); economia (pesquisa e desenvolvimento, produção, bens e serviços, comércio) e governo (todos os setores).

Para Landa Lea Cope a igreja perdeu sua influência no mundo e precisa retomar o seu papel na sociedade. O capítulo 1 do livro *Template Social* tem como título: Onde foi que erramos? Aqui a autora fala do crescimento dos cristãos e da ineficácia dos mesmos. Na sua visão ela entende que quanto maior o número de cristãos, a sociedade deveria ser

⁷⁶ COPE, Landa – *Template Social do Antigo Testamento: redescobrimo princípios de Deus para discipular nações*, p. 11.

melhor. Ela questiona esta falta de influência dos cristãos na sociedade. O primeiro capítulo termina com a seguinte frase:

“Deus falou de forma simples, fundamental e permanente: “A devastação que você está vendo é produto do abandono da Verdade Bíblica completa. Pregaram apenas salvação como se fosse Minha única mensagem”.⁷⁷

Landa Lea Cope entende que a igreja deve influenciar todas as áreas da sociedade, e por influenciar implica em estar liderando, dominando cada área da sociedade.

“A igreja evangélica atual é enorme, porém fraca, pois, perdemos a maior parte da mensagem do Reino. Podemos dizer que os assuntos sociais, econômicos e jurídicos de nossas comunidades não são problemas nossos porque temos uma visão dicotômica do mundo. Somos “líderes espirituais” e não nos preocupamos com problemas seculares. Porém, a grande questão é que não precisamos parar de pregar a mensagem da salvação individual, e, sim, recuperar desesperadamente as verdades essenciais contidas no restante da mensagem do Reino de Deus”.⁷⁸

A noção de Landa que faz referência no seu livro ao teólogo holandês Abraham Kuyper (1837-1920)⁷⁹ de uma reforma cultural cristã é essencial para a Teologia do Domínio, onde todas as esferas cristãs devem

⁷⁷ COPE, Landa – *Template Social do Antigo Testamento: redescobrimos princípios de Deus para disciplinar nações*, p. 29.

⁷⁸ COPE, Landa – *Template Social do Antigo Testamento: redescobrimos princípios de Deus para disciplinar nações*, p. 36.

⁷⁹ Landa aqui faz uso da doutrina das esferas de Abraham Kuyper. Trata-se de uma cosmovisão da sociedade organizada em esferas autônomas e interdependentes de atuação, segundo a vontade de Deus. Eram, originalmente: família, escola, igreja, trabalho e Estado. Os reconstrucionistas cristãos as resumiram em três: família, igreja e governo civil. Toda a organização reconstrucionista cristã da sociedade está fundamentada na doutrina das esferas. Seguindo nesta ordem a família é a mais importante, as outras dependem dela. A família é a unidade básica da sociedade.

ser cristianizadas como um projeto social e político a partir das transformações na sociedade.

No livro *Calvinismo*⁸⁰, Abraham Kuyper fala sobre a soberania de Deus:

“A autoridade sobre os homens não pode originar-se de homens. Nem mesmo de uma maioria em oposição a uma minoria, pois a História mostra, quase em todas as páginas, que muitas vezes a minoria estava certa. E assim, a primeira tese calvinista de que somente o pecado tornou indispensável a instituição de governos, esta segunda e não menos momentosa tese é adicionada que: toda autoridade de governo sobre a terra origina-se somente da Soberania de Deus.”

A figura que mais ganhou e tem influenciado atualmente a difusão da Teologia do Domínio é Johnny Enlow, pastor da Daystar International Christian Fellowship em Atlanta, Georgia, Estados Unidos. No Brasil foram publicados quatro de seus livros: *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*, pela editora Shofar (2008); *O Renascimento dos Sete Montes: visão e estratégia até o ano de 2050*, pela editora Chara (2018); em coautoria com a esposa Elizabeth Enlow, publicou, *O Deus do Arco-Íris: as sete cores do amor* pela Editora Quatro Ventos (2018); e *O Fim do Mundo: como o conhecemos*, pela editora Chara, (2021).

3. Os Pressupostos Teológicos da Teologia do Domínio

Como já foi citado anteriormente a Teologia do Domínio tem seu surgimento nos EUA, com pressupostos fundamentalistas cristãos e com base na visão dos seus líderes que atribuem esta visão a experiência com Deus.

⁸⁰ KUYPER, Abraham, *Calvinismo*, p. 132, 2ª edição.

Johnny Enlow na introdução do seu livro⁸¹ enfatiza a visão que teve baseada em Apocalipse 5.1 a 12:

“Os sete chifres” representam o alicerce do poder que o Cordeiro havia conquistado através de seu ato de redenção na cruz, é por esta razão que Jesus disse após a sua ressurreição “Toda a autoridade foi dada mim no céu e na terra (Ver Mateus 28.18). Ele havia pagado o preço, não apenas algumas almas poderiam ser resgatadas do inferno, e nem apenas uns poucos poderiam receber a cura – mas Ele havia provado que Ele era digno de recuperar o terreno que havia sido perdido no Jardim do Édem. Jesus havia recuperado a autoridade para restabelecer a regra de Deus sobre os sete pilares da cultura, ou infraestrutura, de cada nação da terra.”⁸²

Nesta visão de Johnny Enlow a igreja tem que recuperar estes sete pilares da cultura. Ele interpreta que os atributos de majestade dados a Jesus em Apocalipse 5.12: “*Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, honra, gloria e louvor*” são os sete pilares da sociedade⁸³, da cultura que a igreja deve reivindicar o domínio.

“Após pesquisar o significado no grego original destas palavras, tornou-se evidente a mim que, o poder fala ao Governo, as riquezas falam à Economia, a sabedoria fala à Educação, a força fala à Família, a honra fala à Religião, e a glória fala à Celebração, e a benção fala à Midia. [...] Nosso Deus é digno de que todas as áreas da nossa sociedade, de cada povo, venham a estar debaixo de seu governo”.⁸⁴

⁸¹ ENLOW, Johnny – *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*, p. 10

⁸² ENLOW, Johnny – *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*, p. 10,11.

⁸³ Aqui Johnny Enlow compara o texto de Apocalipse que ele chama de sete pilares da sociedade com a as sete montanhas que a igreja deve dominar.

⁸⁴ ENLOW, Johnny – *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*, p. 11,12

A visão de Johnny Enlow está fundamentada numa experiência própria, numa hermenêutica própria e num conceito de batalha espiritual onde cada montanha está sob a atribuição demoníaca.

“O Senhor me deu a “revelação das sete montanhas” sobre as sete estruturas que ele está vindo para comandar. Estas montanhas são: mídia, governo, educação, economia, religião, celebração, família e serviço social.”⁸⁵

Landa Cope em sua obra: *Template Social do Antigo Testamento: redescobrimo princípios de Deus para discipular nações* ela fundamenta todo o seu pensamento numa experiência de Louren Cunningham⁸⁶ relatada no prefácio:

“Em agosto de 1975, eu e minha família estávamos passando um fim de semana prolongado em um pequeno chalé nas montanhas do oeste de Colorado, EUA. No segundo dia, enquanto orava, recebi do Senhor “sete áreas da sociedade” a serem usadas estrategicamente para discipular as nações (cf. Mateus 28.18-20). Eu as escrevi em um bloco de anotações: Família (ou Lar); Igreja (ou Religião); Educação, Mídia (meios de comunicação – eletrônicos e impressos); Celebração (Artes, entretenimento e Esportes); Economia (pesquisa e desenvolvimento, produção, bens e serviços, comércio) e Governo (todos os setores).”⁸⁷

⁸⁵ ENLOW, Johnny – *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*, p. 59.

⁸⁶ Louren Cunningham é o fundador da instituição internacional Jocum – Jovens com uma missão. Num encontro com Bill Bright fundador da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, Bill declarou ter tido a mesma visão. Estas duas instituições são conhecidas internacionalmente pelo discipulado de envio de jovens para todas as partes do mundo cumprindo o que é chamado de obedecer a grande comissão. Viajam pelo mundo doando Bíblias e fazendo trabalho de conversão.

⁸⁷ COPE, Landa – *Template Social do Antigo Testamento: redescobrimo princípios de Deus para discipular nações*, p. 11.

No livro *Renascimento dos Sete Montes*, escrito dez anos após o livro *A Profecia das Sete Montanhas*, Johnny Enlow acrescenta em relação ao tema:

“E a beleza da mensagem dos Sete Montes é que ela proclama um Deus que não apenas salva (Monte da Religião), mas também governa (Monte do Governo), é criativo (Monte de Entretenimento/Artes), é um Especialista em Comunicações (Monte dos Meios de Comunicação), é nosso Pai, ou Papai (Monte da Família), é nosso Provedor (Monte da Economia) e é o nosso Mestre (Monte de Educação).”⁸⁸

Neste novo texto Johnny Enlow muda o foco de revolução para renascimento. Essa época de Renascimento não estará completa até que o Deus invisível seja feito visível por meio da vida de Seus filhos embaixadores presentes em toda as áreas da sociedade, em cada um do monte.

De acordo com Johnny Enlow Jesus não irá voltar até que Ele tenha preenchido toda a terra com a compreensão das surpreendentes maneiras de Deus realizar tudo. Neste ponto a visão escatológica da teologia das sete montanhas é o pós-milenarismo, que afirma a volta de Cristo ocorrerá somente quando o mundo todo for cristianizado, ou, o evangelho das boas novas for pregado em todo mundo.

Albert J Dager, apresenta três crenças básicas da Teologia do Domínio:

“Primeiro: Satanás usurpou o domínio do homem sobre a terra através da tentação de Adão e Eva; segundo: A Igreja é o instrumento de Deus para retomar o domínio de Satanás; e terceiro: Jesus não retornará até que a Igreja tenha assumido o domínio de

⁸⁸ ENLOW, Johnny, *O Renascimento dos Sete Montes: visão e estratégia até ano 2050*, p. 32.

ganhar o controle das instituições governamentais e sociais da terra.”⁸⁹

Aqui Albert T Dager sintetiza a Teologia do Domínio apresentando seus pilares, a origem que está na queda do homem e domínio de Satanás, a retomada do poder que deve ser realizado pela igreja reconquistando as sete áreas e a cristianização do mundo para o restabelecimento do reino e a volta de Cristo.

4. A Profecia das Sete Montanhas a Teologia do Domínio de Johnny Enlow

A Teologia do Domínio é exposta no livro de Johnny Enlow intitulado *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*, publicado em 2008, que traz o que segundo o autor foi uma revelação recebida.

Esta revelação segundo o autor está fundamentada na Bíblia, principalmente no Antigo Testamento, e com uma interpretação fundamentada na visão apostólica do líder:

“O propósito central deste livro é para ajudar os cristãos a entenderem que esta graça divina e estratégica constitui o lugar de ministério designado para cada pessoa. Cada crente precisa entender que seu chamado não é secular, mas sim uma missão determinada por Deus!”⁹⁰

No primeiro capítulo do livro Johnny Enlow fala sobre o “Tsunami Espiritual” que precisa ocorrer nas igrejas, segundo ele, as igrejas têm que fazer uma revolução de Elias. Neste contexto, o autor usa a narrativa bíblica de Elias contra os profetas de Baal.

⁸⁹ DAGER, Albert J apud PEREIRA, Eliseu, *Para Compreender a Teologia do Domínio*, p. 43.

⁹⁰ ENLOW, Johnny – *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*, p. 14.

Johnny Enlow propõe que é necessário ocorrer uma revolução porque a igreja está morta, e revolucionar significa uma mudança dinâmica. Esta revolução esquadrinhará e recuperará o que é bom e lavará aquilo que foi poluído. Esta revolução tem sua base no movimento de igrejas nos lares. Segundo ele, o novo Elias irá destruir o Baal e a Jezabel modernos, como nos tempos de Isaías no Antigo Testamento.

Johnny Enlow trabalha com a mística do número sete. Ele apresenta as sete manifestações de Elias: profeta, intercessor, aquele que expõe Jezabel, aniquilador dos profetas de Baal, praticantes do sobrenatural, eliminador de ambiguidade, e, aquele que unge com uma porção dobrada.

Como profeta restaurará o ministério e os dons proféticos ao seu devido lugar. Como intercessor será um movimento de oração nas igrejas.

Como aquele que expõe Jezabel será uma exposição da religiosidade e o espírito de sedução da igreja, eliminando as artimanhas deste espírito na sociedade.

Como aniquilador dos profetas de Baal, destruir as pautas de Baal, deus do aborto, da homossexualidade, divórcio, mutilação e mamom⁹¹. Na revolução de Elias Baal será exposto, desmascarado e derrotado como foi no Monte Carmelo.⁹²

Como aquele que irá se opor aos praticantes do sobrenatural, a revolução de Elias irá proclamar um avivamento de cura e demonstrará o poder de Deus se opondo a religião sem substância e poder.

Como eliminador da ambiguidade a revolução de Elias irá confrontar todos que tem pensamento ambíguo, todos os indecisos para voltarem para aquele que é a Verdade.

Como aquele que unge com porção dobrada. Aquele que liberou grandes coisas para a próxima geração. Assim como Elias liberou a unção sobre Eliseu.⁹³ A revolução está preparando o caminho para que ocorra a remoção total de Jezabel.

⁹¹ Mamom no contexto bíblico-teológico é identificado com o deus do dinheiro.

⁹² I Reis 18. A narrativa bíblica da derrota dos profetas de Baal diante do Deus de Israel, tendo Elias como seu profeta.

⁹³ II Reis 2.9 Na narrativa bíblica quando Elias é levado aos céus, ele deixa sua capa com Eliseu seu sucessor, dando porção dobrada de Deus.

O texto de Johnny Enlow é repleto de analogias nas quais ele compara o tempo de hoje como o tempo de Elias. Por isso, o subtítulo do livro é: “*desvendando a próxima revolução de Elias*”. Ele usa a narrativa do livro de Reis para justificar o tempo que vivemos e a necessidade de um novo Elias e o domínio das sete montanhas. Segundo o autor este será um movimento de preparação para a volta de Cristo.

Nesta leitura a terra prometida são as nações. O povo de Israel é a igreja atual, que será abençoada conquistando e dominando o mundo com o cristianismo. Cada povo que habitava a terra prometida deveria ser conquistado por Josué, hoje a igreja deve conquistar cada uma destas montanhas.⁹⁴

“Portanto, o evangelho do reino é oposto ao evangelho da salvação, pois ele não quer as almas somente, ele vem para impor o domínio do Senhor sobre toda a criação”.⁹⁵

Esta frase de Enlow sintetiza o pensamento da Teologia do Domínio. A sua essência é diferente da compreensão que a maior parte das igrejas têm do evangelho. Para Enlow o evangelho do reino é maior que o evangelho da salvação, Cristo não morreu para salvação apenas das almas, mas para redimir a criação.

Segundo este autor, cada nação tem uma identidade e destino aos olhos de Deus. A maioria dos profetas veterotestamentário profetizou às nações e cidades, suas bênçãos e maldições se estendiam à cidade ou à nação como um todo. Nas palavras de Enlow o evangelho da salvação não é suficiente, o evangelho do reino precisa ser redescoberto.

A igreja precisa requerer profeticamente a posse da terra prometida. Quando a montanha de poder e autoridade do Senhor for restabelecida através da igreja sobre todas as outras montanhas e montes Cristo voltará.

⁹⁴ Deuteronômio 7:1 Quando o SENHOR, seu Deus, os fizer entrar na terra que vocês em breve possuirão, ele removerá de diante de vocês muitas nações: os hititas, os girgaseus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus. Essas sete nações são mais numerosas e mais poderosas que vocês. (Nova Versão Transformadora).

⁹⁵ ENLOW, Johnny – *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*, p. 48.

A partir do capítulo cinco o livro ganha uma estrutura. Depois de apresentar sua visão da revolução de Elias, o autor passa a tratar cada uma das montanhas, que de acordo com o autor tem uma entidade demoníaca governando. Outro autor que defende esta mesma linha de raciocínio é o apóstolo Fernando Guillen.⁹⁶

A estrutura é usada nos sete capítulos: definição da montanha, suas características, oração e estratégia de conquista. A partir de agora será apresentado um resumo de cada montanha a partir do recurso que autor faz a cada um dos povos existentes na época de Israel. Cada montanha é representada por um povo e uma área que precisa ser dominada pela igreja atualmente.

A seguir apresentamos os diferentes povos e as sete montanhas indicadas por Johnny Enlow.

4.1. Heteus e a montanha da mídia

O autor associa a mídia com os Heteus porque o significado do nome é medo, terror. Estes espíritos assustadores estão em seu auge ao serem liberados nos ares através dos vários meios de comunicação.

De acordo com esta visão a especialidade de satanás é nos trazer notícias ruins e distorcê-las ao seu bel prazer. O rei dos Heteus era Apolion, que significa destruidor, destruição:

“A estratégia do inimigo é encher a montanha com pessoas humanistas e liberais que se tornam peões no que se refere à liberação de seu veneno”⁹⁷

⁹⁶ Fernando Guillen (1979 -2021), apóstolo da Igreja Batista Lagoinha, escreveu o livro *Sete Montes* onde narra a base da Teologia do Domínio: “Também recebi revelação do Senhor a respeito da influência de determinados principados sobre as nações, requerendo ao Senhor estratégias novas para quebrar as redes demoníacas que prendem as pessoas da sociedade. Estudei minuciosamente a importância da restauração do ministério quártuplo dentro da igreja, contudo algo estava faltando, e era a junção de todas estas ferramentas em uma operação conjunta”, p. 20.

⁹⁷ ENLOW, Johnny – *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*, p. 67.

As notícias ruins condicionam a alma a responder às influências satânicas, ao passo que boas notícias condicionam a alma a responder a Deus, porque Deus é bom. Somos motivados por aquilo que somos expostos.

Há três níveis da montanha da mídia: topo – local onde ocorre a batalha espiritual, entre anjos e demônios pela Terra; meio – local ocupado pelos meios de comunicação internet, TV e a base – pequenos meios de comunicação local, programas de notícias ou ainda revistas de pequena circulação.

4.2. Girgaseus e a montanha do governo

A montanha do governo, também conhecida como montanha da política que, segundo o autor está nas mãos do inimigo, porque as denominações na sua maioria proibiram os cristãos se envolverem com a política por causa da corrupção e contaminação.

Girgaseus significa vivendo no barro, para Johnny Enlow isto representa a corrupção trazida pela soberba da vida. Corrupção é deficiência de integridade, virtude e moralidade.

O cerne desta montanha na visão da Teologia do Domínio é uma teocracia, ou seja, o estabelecimento do governo de Deus. Esta montanha será mais explorada quando for tratado no capítulo dois sobre a frente evangélica parlamentar.

Para Landa Lea Cope a missão da igreja nesta área da sociedade:

“Fornecer e assegurar justiça e igualdade para todos os cidadãos, incluindo os serviços Executivo, Judiciário, Militar, a preservação da Lei e da Ordem e serviços de infraestrutura para a comunidade. As grandes questões abrangem: justiça para os fracos e sem voz na sociedade, incluindo crianças, mulheres e imigrantes”.

4.3. Amorreus e a montanha da educação

A montanha da educação é representada pelo povo amorreu. A educação é o conhecimento ou habilidade obtida ou desenvolvida através do processo da aprendizagem.

Aqui Enlow relata que as grandes universidades americanas foram fundadas por líderes cristãos e ou igrejas: eles - ressalta que todas as escolas públicas tinham ministros religiosos como diretores. A instrução era fundamentada colocando Deus no centro da vida como Único, e tudo orbitava em volta desta verdade.

As quatro universidades mais antigas: Harvard, William e Mary, Yale e Princeton produziram 18 presidentes norte-americanos e líderes nacionais.

Amorreu significa gabar-se, projetar-se, agir com orgulho. Neste ponto destaca a influência do humanismo, do ateísmo e do racionalismo que na leitura de Johnny Enlow os amorreus precisam ser derrotados para podermos conquistar a montanha da educação.

Johnny Enlow defende a questão da educação no lar, *homeschooling* como uma forma de conquistar esta montanha, outra ação professores cristãos. A retomada das escolas por cristãos.

4.4. Cananeus e a montanha da economia (negócios e riquezas)

A definição de economia é um sistema de produção, distribuição e consumo. A economia é o fluir adequado e equilibrado da produção, distribuição e consumo dos recursos. Esta é a montanha do materialismo. Mamom luta pelo lugar de Deus na vida da humanidade.

Cananeus significa mercador, negociante e comerciante. Os cananeus ganância e pobreza se opõem a qualquer que viva da provisão de Deus.

“A montanha da economia e riquezas é extremamente significativa como uma conquista que precisa e será feita.

Mamom tem governado e os cananeus da ganância e da pobreza já tem dominado por muito tempo. Tudo mudará quando os revolucionários de Elias ouvirem o chamado de Deus e tomarem esta montanha”.⁹⁸

4.5. Ferezeus e a montanha da religião

Johnny Enlow diz que esta é a montanha com qual os cristãos estão mais familiarizados. É o único campo de batalha que temos reconhecido. Ele parte de uma definição: “religião é o serviço e adoração de Deus ou do sobrenatural”.⁹⁹

Apresenta as quatro religiões que considera mais importante: cristianismo (2.1 bilhões), islamismo (1.2 bilhão), hinduísmo (900 milhões) e budismo (376 milhões).¹⁰⁰

Ferezeu significa sem muralhas, habitante rústico. A montanha da religião é a idolatria nas escrituras. Ela está entrincheirada nos chamados lugares altos. A idolatria rouba das pessoas a proteção e provisão.

Em seguida Johnny Enlow fala da idolatria do islamismo, do hinduísmo, do budismo e outras formas de idolatria. Tem um demônio que rouba a adoração a Deus que está sentado no topo desta montanha.

4.6. Heveus e a montanha da celebração (artes e entretenimento)

Esta montanha engloba as artes, a música, os esportes, a moda e qualquer coisa que celebre e desfrute a vida. Segundo Enlow esta montanha foi tão bem capturada por satanás e suas hostes, que muitos cristãos não têm certeza se ela pode ser possuída. Esta montanha deve ser conquistada porque ela captura o coração dos jovens.

⁹⁸ ENLOW, Johnny – *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*, p. 161.

⁹⁹ ENLOW, Johnny – *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*, p. 163.

¹⁰⁰ ENLOW, Johnny – *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*, dados apresentados pelo autor, p. 163.

Heveu significa aldeão, lugar estimulante. Eles representam a falsificação e a perversão. Perversão significa má interpretação ou liderar para um estado inferior de excelência. Heveu é uma violação.

O principado desta montanha da celebração é Jezabel (impuro, desonesto, Baal é o esposo). Jezabel faz uso do dom de Deus que é bom, como o sexo, e o perverte ao abusar das regras que Deus dá para este talento.

A montanha da celebração afeta e até cria uma cultura pop. A igreja precisa conquistar esta montanha e expulsar os principados e potestades. Neste capítulo Johnny Enlow usa a expressão profetizar: nas artes, na música, na moda, nos esportes.

4.7. Jebuseus e a montanha da família

Esta é a última montanha que Enlow alista. Para Enlow esta é a última promessa feita em Malaquias 4.6 a conversão de pais para filhos, e de filhos para pai. Aqui o autor aponta para quebra da unidade da família.

A falha na ausência paterna que está sob ataque e satanás. Esta montanha pode ser chamada também de justiça social.

Os jebuseus representam a rejeição e ela é o nosso principal inimigo nesta montanha. A rejeição é definida como a recusa a aceitar, considerar, submeter-se, ouvir e receber ou admitir. Se opõe ao amor em I Co 13.

O principado do topo desta montanha é Baal e Jezabel. Ela serve Baal. As nações ao redor de Israel tinham suas próprias versões de Baal. Baal significa dono, proprietário ou senhor. Era o deus da fertilidade, do sol, da provisão, da chuva.

Enlow propõe o retorno ao modelo da família tradicional com parâmetro das Escrituras, referencial da família judaico-cristã.

Na obra “Renascimento dos Sete Montes”, Johnny Enlow não apenas substitui o personagem principal por Calebe, como também atualiza o conceito das sete montanhas para um “renascimento 2.0”. Uma década após “A Profecia das Sete Montanhas”, seu discurso se torna menos bélico,

abandonando a ideia de domínio¹⁰¹, para focar na influência sobre a sociedade.

5. A Teologia do Domínio e sua chegada em solo brasileiro

A Teologia do Domínio chega ao Brasil, na virada do milênio, através do Movimento Apostólico que surge nos Estados Unidos. Segundo os seus representantes, Deus deu a igreja uma nova direção espiritual, denominada nova unção.

A Teologia do Domínio se apresenta como uma revelação divina onde a igreja deve recuperar as áreas que foram perdidas por causa do pecado. A expressão domínio está vinculada ao texto de Genesis 1. “Dominai e povoai a terra”.

Como já foi dito anteriormente este domínio deve ser feito em sete áreas, ou na linguagem de Johnny Enlow, sete montanhas: mídia, governo, educação, economia, religião, artes e entretenimentos e família como já foi apresentado acima. A ideia difundida por Johnny Enlow é que a igreja deve dominar cada uma destas montanhas.

Para entender esta chegada no Brasil é necessário falar do Movimento Apostólico que surge nos Estados Unidos na década de 50, e que chega e difunde no Brasil através dos televangelistas e o movimento neopentecostal.

No neopentecostalismo brasileiro, onde a Teologia do Domínio vai ter maior adesão, isto não significa que não há uma difusão nas igrejas históricas e no pentecostalismo clássico, contudo, é no neopentecostalismo que a Teologia do Domínio terá mais projeção.

¹⁰¹ “O Domínio é claramente definido com uma parceria entre Deus e o homem, e se estende sobre todas as outras formas de vida ou existência, incluindo o reino demoníaco [...] O propósito dessa “luta” é ganhar domínio sobre o reino demoníaco e as mentiras que ele levanta sobre Deus. Os alvos de nossa denominação são satanás e os demônios, e devem ter certeza de que sempre entendemos essa narrativa e de que a representemos corretamente [...] O verdadeiro chamado de domínio envolve cuidar do planeta e ser visto como imagem do nosso Criador. É um chamado para expressar o amor de Seu coração em todas as áreas da cultura – e quando isso for realizado à sua maneira, a terra se regozijará”. (Johnny Enlow, *A Profecia das Sete Montanhas*, p. 46, 47).

6. Movimento de Renovação Apostólica¹⁰²

O Movimento de Renovação Apostólica surge dentro do movimento neopentecostal. O neopentecostalismo tem as seguintes características: confissão positiva, a teologia da prosperidade, o uso da mídia televisiva, batalha espiritual, maldição hereditária e apostolicidade:

“Finalmente, em 2011, Wallnau lançou *Invading Babylon: the 7 mountain mandate* (2013) [Invadindo Babilônia: o mandato dos sete montes], em co-autoria com Bill Johnson, pastor de uma mega igreja na Califórnia, contento artigos de Alan Vicent, C Peter Wagner, Ché Ann e Patricia King, todos apóstolos. Foi na Nova Reforma Apostólica que o Mandato dos Sete Montes foi plenamente assumido como estratégia global. Essa é a história da visão e os principais livros que divulgaram no mundo”.¹⁰³

A primeira destas marcas: A confissão Positiva surge no USA com o pastor Kenneth Hagin (1917–2003). Esse pastor relata no seu livro *Em Nome de Jesus*, sua experiência de cura, onde após anos acamado teve uma visão da palavra Rhema, onde ele declara que tomou posse da benção e determinou a cura sobre a sua própria vida. Este pensamento traz a ideia de que devemos confessar positividade. Para Kenneth Hagin é necessário tomar posse da expressão do vocábulo grego Rhema (Palavra) que segundo Kenneth Hagin concretiza o mundo espiritual aqui na terra.

A teologia da prosperidade tem a Confissão Positiva como sua base: a ideia de que os cristãos devemos determinar, reivindicar, tomar posse das benções espirituais. Neste pensamento o cristão deve prosperar, não pode

¹⁰² De acordo com o Dicionário do Movimento Pentecostal, o Movimento de Renovação Apostólica, também conhecido como Movimento de Restauração Apostólica tem sua origem no Estados Unidos. É o mover de Deus na atualidade para restaurar o ofício bíblico do apóstolo (Efésios 4.11). Em 2000, veio ao Brasil um apóstolo do Movimento, Rony Chaves, da Costa Rica, líder da RAMCU – Rede Apostólica de Ministérios Cristãos Unidos. Em agosto de 2001 foi realizado um evento no Brasil onde vários ministérios foram reconhecidos como apostólicos. Em geral, os enfoques do movimento apostólico são: batalha espiritual; cura da Igreja; guerra espiritual; estratégia-conquista das cidades, estados e países; ministério profético; ministério de intercessão; adoração profética; e atos proféticos.

¹⁰³ PEREIRA, Eliseu, *Para Compreender a Teologia do Domínio*, p. 57.

aceitar a doença, a pobreza porque todos os males foram pregados na cruz de Cristo.

Outra marca deste movimento, é o uso midiático, diferente das igrejas protestantes históricas que pelo discurso de separação entre igreja e Estado não aceitaram a concessão de canais de TV. E das igrejas pentecostais clássicas e deuteropentecostais que viam a mídia televisiva como diabólico, como a marca da besta. O neopentecostalismo viu na mídia televisiva um lugar a ser explorado.

Esse movimento começou com a transmissão dos programas norte-americanos, entre eles, os pregadores televangelistas Rex Humbard (1919 a 2007) e Jimmy Swaggart (1935 a 2025) que nas décadas de 1970 e 1980 lideraram os canais de TV aberta com seus programas evangelísticos.

Segundo o apóstolo Fernando Guillen¹⁰⁴ a cronologia histórica desse movimento é a seguinte: em 1950 teve início o processo de restauração ministerial. O primeiro ministério restaurado foi o de evangelismo. Em 1960 a ênfase foi o ministério pastoral, onde ocorreu a renovação carismática. Em 1970 foi marcada pela restauração do ofício do mestre. Em 1980 a restauração do ofício profético trazendo direção para Igreja e entendimento sobre o mundo espiritual, batalha espiritual. A década de 1990 houve a restauração do ministério apostólico, que trouxe a paternidade espiritual.

“Esta restauração começou uma nova reforma na Igreja, a reforma apostólica, que visa trazer funcionalidade aso cinco ofícios ministeriais, e ativar o propósito de cada pessoa dentro do mistério quártuplo”.¹⁰⁵

Outra marca do neopentecostalismo está atrelada à batalha espiritual e à quebra de maldições. Segundo essa concepção vivemos num mundo cercado por anjos e demônios. Todas as coisas que ocorrem de ruim são coisas do demônio em nossas vidas e que devemos expulsar os mesmos. Nesta batalha espiritual as religiões afro são demoníacas. As

¹⁰⁴ GUILLEN, Fernando – *7 Montes*, p.17

¹⁰⁵ GUILLEN, Fernando – *7 Montes*, p.19

doenças são manifestações demoníacas, é preciso expulsar o demônio: da enfermidade, da prostituição, das drogas, do alcoolismo, da depressão. As maldições hereditárias são recebidas dos pais, elas precisam ser quebradas, exorcizadas das nossas vidas.

Outra marca a ser destacada é a Apostolicidade. No Brasil a ideia de apóstolos tem início em 1990, mas ganha notoriedade na virada do milênio. Augusto Nicodemus diz:

“O americano Charles Peter Wagner, nascido em 1930, doutor em missiologia, é considerado como o principal mentor do movimento da “Nova Reforma Apostólica” Ele porta o título de “apóstolo” desde 1998. Ele era um ministro ordenado da igreja congregacional quando foi como missionário à Colômbia. Em sua autobiografia, Wagner *diz* ter descoberto seu chamado apostólico na década de 1970 e sugere que foi Bill Hamon quem o comissionou como apóstolo.”¹⁰⁶

Charles Peter Wagner (1930 – 2016) foi o líder da Nova Reforma Apostólica, nas décadas 1990-2000. Ele se dedicou a divulgar doutrinas como crescimento de igreja, batalha espiritual, demônios territoriais. Até 2010, foi apóstolo presidente da *Coalizão Internacional de Apóstolos*, que dá “cobertura espiritual” a mais de quinhentos apóstolos pelo mundo. Atualmente, lidera o *Wagner Leadership Institute*, onde treina lideranças no modelo apostólico de igreja. Seu discurso principal é o avanço em todo mundo do modelo apostólico de governo de igreja e da sociedade.

“David Barrett, um dos nossos pesquisadores mais respeitados, e autor da enorme *Enciclopédia Mundial do Cristianismo*, dividiu o Cristianismo mundial em cinco “megabloco”. O maior é o Catolicismo Romano, com mais de um bilhão de membros. Entretanto, dos quatro megabloco não católicos, a Nova Reforma Apostólica (que Barrett chama de neo-apostólicos, independentes ou posdenominacionais) é o maior, com mais de

¹⁰⁶ LOPES, Augusto Nicodemus – *Apóstolos: verdade bíblicas sobre o apostolado*, p. 237.

432 milhões de aderentes, comparado ao número menor para os megabloques dos protestantes/evangélicos, ortodoxos e anglicanos. Estes neo-apostólico eram somente 3% do Cristianismo não católico em 1900, mas a projeção é que eles compreenderão quase 50% em 2025. A Nova Reforma Apostólica não somente é atualmente o maior dos quatro megabloques não católicos, mas, significativamente, é o único dos cinco megabloques que está crescendo mais rápido do que o Islamismo.” (Barrett, apud, Lopes)¹⁰⁷

A Nova Reforma Apostólica liderada por Charles Peter Wagner apresenta algumas mudanças para a cristandade. Segundo Augustus Nicodemus esse movimento apresenta¹⁰⁸:

“Um novo foco de ministério – enquanto o Cristianismo tradicional foca no passado e na herança de seus fundadores, as igrejas neo-apostólicas “olham para o futuro e são guiadas pela visão”, que, como ficará claro mais adiante, é fornecida profeticamente pelos apóstolos. Embora Wagner passe rapidamente por este ponto, ele é crucial para entendermos uma das principais características deste movimento. Ele se baseia e se guia pelas visões e profecias dos apóstolos e não pela doutrina, teologia ou exegese, como o Cristianismo tradicional faz.”

Nessa interpretação, o texto bíblico é usado para embasar uma visão que prioriza a metafísica e a espiritualidade. De acordo com essa perspectiva, as bênçãos estariam restritas apenas aos que são “espirituais” – ou seja, aqueles que compreendem e aderem inquestionavelmente à visão do líder. Dessa forma, qualquer questionamento é caracterizado não

¹⁰⁷ LOPES, Augustus Nicodemus – *Apóstolos: verdade bíblica sobre o apostolado*, p. 239.

¹⁰⁸ LOPES, Augustus Nicodemus – *Apóstolos: verdade bíblica sobre o apostolado*, p. 246 a 248.

como busca legítima, mas como um ato de rebeldia contra Deus e seus suposto representante na Terra.

O que vale aqui é a visão do apóstolo, do líder, que segundo essa perspectiva, tem a visão de Deus; ele pode interpretar o texto conforme a sua visão divina. Uma expressão muito utilizada por esses líderes é que há imaginação profética.

“Um *novo estilo de adoração* - Wagner descreve o estilo de culto das igrejas neo-apostólicas como sendo “contemporâneo” e contendo elementos como longos períodos de louvor e adoração, em que as pessoas se portam como querem, o que inclui ajoelhar-se, ficar sentado ou em pé, ficar prostrado no chão, bater palmas, dar as mãos, usar tamborins, dançar ou simplesmente ficar andando de um lado para outro. Coisas como órgãos, corais, togas, partituras, hinários - tudo isto é parte do velho e ficou para trás.”

A adoração neste movimento quebra a liturgia do catolicismo, do protestantismo histórico e das igrejas pentecostais históricas. É uma liturgia marcada pela liberdade, ou até pela falta de liturgia, onde o que vale é a sensação.

“*Novas formas de oração* - dentro das coisas novas que Deus está dando à sua igreja, diz Wagner, estão “novas formas de oração”, que são oração conjunta, oração em línguas, orar cantando, etc. Fora do ambiente de culto, expressões como marcha de louvor, caminhada de oração, jornada ou expedição de oração a outros países. Nenhuma palavra, todavia, sobre as restrições de Paulo quanto às línguas sem interpretação no culto público (I Co 14.27-28).”

Neste caso a oração é para ter novos elementos, entre eles o determinismo, a reivindicação das bênçãos, onde a ênfase está decisão do ser humano e Deus tem obrigação de cumprir.

“Um novo financiamento – segundo Wagner, as igrejas neo-apostólicas experimentam relativamente poucos problemas financeiros porque o dízimo é esperado e ensinado sem apologias, a ponto de quem não for dizimista ser questionado sobre a genuinidade de sua vida como cristão. Também se enfatiza o conceito do plantar para receber, os dízimos e ofertas sendo considerados como sementes que produzirão frutos para as famílias e os indivíduos. Aqui fica claro o compromisso das igrejas neo-apostólicas com a teologia da prosperidade.”

Neste aspecto o dízimo passa a ser moeda de troca com Deus, barganha com Deus e meio de determinar a benção. Neste discurso a fé deve ser colocada com valores financeiros. A confissão positiva e a teologia da prosperidade estão presentes nesse discurso. Se você entregou e não recebeu a benção é porque não determinou a benção, não tomou posse da benção, você não teve fé suficiente. Se você não recebeu a benção, não prosperou é porque você não fez o voto com Deus.

Um novo alcance – Wagner declara que a Nova Reforma Apostólica tem um grande impacto e alcance na área de missões e na área social, inclusive dando exemplos deste último ponto. O que chama a atenção, contudo, é que ele parece ignorar a contribuição inestimável das denominações históricas para estas duas áreas, não só no passado, mas ainda no presente, como se missões e ação fossem algo novo que Deus está revelando à sua igreja somente nestas décadas do movimento da nova reforma apostólica.

A nova reforma além de esquecer o que já foi feito na história tanto dos protestantes como dos católicos na ação social e missões, ela usa a ação social como meio de captação de membros. A ação social, a entrega de cesta é usada como meio de barganha.

Uma nova orientação de poder – nas igrejas neo-apostólicas, diz Wagner, o Espírito Santo é convidado a vir ao seu meio e trazer

poder sobrenatural, o que significa ministérios de cura, libertação de demônios, guerra espiritual, profecia, cair no Espírito, mapeamento espiritual, atos proféticos e intercessão agonizante. Não nos é dito onde o Espírito Santo nos mostra, pelas Escrituras, que estas coisas são a manifestação do seu poder, como cair no Espírito, mapeamento espiritual ou oração agonizante. Elas, na verdade, são resultado de visões proféticas dos apóstolos, trazendo maneiras extrabíblicas de se adorar a Deus.

Aqui a ênfase acompanha o pensamento pentecostal, mas são inseridos no meio novas metodologias dando uma ênfase muito forte na questão de anjos, batalha espiritual, libertação de demônios, quebra de maldições, tudo fundamentado principalmente na visão do líder espiritual que sempre é mais próximo e tem mais acesso a Deus.

O movimento da Nova Reforma Apostólica prepara o pano de fundo para a chegada e sedimentação da Teologia do Domínio moderna.

Eles desejam “restabelecer”, por meio da conversão individual, da imposição da moral cristã, do uso da mídia e da participação direta nos poderes políticos constituídos, uma espécie de neocristandade, a dominação cristã do Estado e da vida privada.

De acordo com Eliseu Pereira, Peter Wagner contribuiu para a Teologia do Domínio dando um novo impulso e escopo.

“O impulso se refere ao fato de que, enquanto os líderes da Direita Cristã estavam evitando falar em domínio, Wagner assumiu explicitamente a TD. Quanto ao escopo, Wagner foi responsável por unificar os sentidos de domínio espiritual e domínio político, como pode observar, por exemplo, na linguagem dos apoiadores de Donald Trump e de Jair Bolsonaro. Por fim, C Peter Wagner foi o principal responsável por levar a TD para além dos EUA, por meio das redes internacionais de

apóstolos, que agregam líderes de megaigrejas de todo o mundo”.¹⁰⁹

O discurso da Teologia do Domínio ganha a simpatia de muitos setores evangélicos brasileiro ao defender o nacionalismo, a família e a fé. Este discurso foi incorporado pela Frente Parlamentar Evangélica e tem sido usada como bandeira político religiosa no Brasil. Dessa forma une o domínio espiritual e o domínio político, retirando frases da Bíblia de forma descontextualizada.

“A Doutrina dos Sete Montes é equivocada: ao mesmo tempo em que parece uma estratégia de evangelização e testemunho cristão ao mundo, carrega em si mesma a germe da dominação, que é antiético ao evangelho. Seus adeptos parecem não se importar com o choque que eles causam na sociedade, afinal é uma estratégia dada pelo próprio Deus e não se espera que as pessoas do mundo (não cristãos) entendam”.¹¹⁰

Este é com certeza a maior dificuldade de entender a Teologia do Domínio porque para muitos cristãos não há problema algum, mas o grande perigo que está embutido nesta teologia e que passa despercebido da maioria é o plano de poder que está camuflado de pregação do evangelho, usando expressões do evangelicalismo, do cristianismo para um domínio da sociedade.

7. O Neopentecostalismo Brasileiro

No Brasil a Teologia do Domínio tem principalmente a sua base no neopentecostalismo brasileiro. O neopentecostalismo é também conhecido como a terceira onda do movimento pentecostal brasileiro.

¹⁰⁹ PASSOS, João Décio, *Teologia do Domínio: conceitos e fontes*, p. 37.

¹¹⁰ PEREIRA, Eliseu, *Para Compreender a Teologia do Domínio*, p. 60.

Paul Freston em seu texto Breve História do Pentecostalismo Brasileiro, no livro *Nem Anjos em nem demônios*, apresenta um estudo com as três ondas do pentecostalismo. Segundo ele, o pentecostalismo pode ser dividido em três fases: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo (ou, pentecostalismo de transição) e neopentecostalismo.¹¹¹

“O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda e a década de 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Estas duas igrejas tem o campo para si durante 40 anos, pois as suas rivais (vindas do exterior, como a Igreja de Deus, ou de cismas da Assembleia, como a Igreja de Cristo) são inexpressivas. A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a Assembleia se expande geograficamente nesse período como a Igreja protestante nacional por excelência. Em alguns Estados do Norte, o protestantismo praticamente se reduz a ela. Para todos os efeitos a única grande igreja protestante a implantar-se e irradiar-se fora do eixo Rio-São Paulo”, a Assembleia firmou, nas primeiras décadas, uma presença nos pontos de *saída* do futuro fluxo migratório. A segunda onda pentecostal e dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e tres grandes grupos (em meio a dezenas de" menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus e Amor (1962). O contexto dessa pulverização e *paulista*. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Sua representante máxima e a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), e um outro grupo expressivo e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades

¹¹¹ MARIANO, Ricardo – *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, p. 23.

teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo. O contexto é fundamentalmente *carioca*.¹¹²

O pentecostalismo tem entre suas características principais a ênfase na ação do Espírito Santo através dos chamados dons espirituais nos dias atuais.

A diferença entre as três ondas pode ser explicada no seguinte quadro:

Pentecostalis mo	Deuteropentecostalis mo	Neopentecostalis mo
Ênfase na Glossolalia	Ênfase nas curas divinas	Ênfase na confissão positiva e teologia da prosperidade
1910	1950	1970

O pentecostalismo clássico chega no Brasil em 1910 com Luigi Francesconi, que inicia a Congregação Cristã no Brasil, no Rio Grande do Sul. Em 1911 com os missionários batistas suecos Daniel Berg e Gunnar Vinner, que chegam em 1910 no Brasil e vão para a Belém do Pará. Em 1911, são expulsos da Igreja Batista em Belém do Pará, que defende o cessacionismo¹¹³. Então no mesmo ano inicia a Assembleia de Deus, hoje a maior igreja pentecostal no Brasil.

O deuteropentecostalismo chega ao Brasil na década de 1950, marcado pelo movimento norte-americano das tendas, com a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951). Nesta onda que surge a primeira igreja pentecostal com estrutura, DNA brasileiro, O Brasil para Cristo (1955) que teve com seu fundador e líder, um ex diácono brasileiro Manoel de Mello e Silva, que inicia movimentos de curas divinas e maravilhas. Em 1962 tem início a Igreja Pentecostal Deus é Amor que além da ênfase nas curas

¹¹² FRESTON, Paul – Breve História do Pentecostalismo brasileiro, p.67,68.

¹¹³ Cessacionismo é o pensamento teológico que defende a vigência dos dons espirituais somente no período bíblico. Este pensamento defende que os dons espirituais, ou manifestações espirituais cessaram com os apóstolos e fechamento do cânon bíblico.

divinas, fica conhecida pelo uso da mídia radialista e um rigor na questão de usos e costumes.¹¹⁴

Isael Araujo no Dicionário do Movimento Pentecostal no verbete Deuteropentecostalismo¹¹⁵ afirma que:

“Termo que designa a segunda onda do Movimento Pentecostal, que surgiu na década de 1950, no Brasil, quando chegaram a São Paulo dois missionários norte-americanos da International Church of The Foursquare Gospel. Na capital paulista, eles fundaram a Cruzada Nacional de Evangelização e, centrados na Cura Divina, iniciaram a evangelização das massas, principalmente pelo rádio, contribuindo bastante para a expansão do pentecostalismo no Brasil. Fundaram depois a Igreja do Evangelho Quadrangular. No seguimento, surgiram grupos semelhantes, tais como o Brasil para Cristo, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Casa da Benção, entre outras.”

Desta forma o deuteropentecostalismo trouxe ao Brasil o movimento de tendas e curas divinas. Neste momento que surge a primeira igreja pentecostal com raiz brasileira, com Manoel de Mello, que era um diácono das Assembleias de Deus e iniciou a igreja pentecostal o Brasil para Cristo.

O neopentecostalismo é a terceira onda do pentecostalismo que começa na segunda metade dos anos setenta, crescendo e se fortalecendo nas décadas de 80 e 90.

O neopentecostalismo no Brasil chega no momento histórico onde há uma lacuna a ser preenchida, de um lado tem as igrejas protestantes históricas, que são cessacionista, do outro lado, você tem as igrejas pentecostais e deuteropentecostais, que são rígidas na questão dos usos e costumes.

Assim, temos nesta mesma época do surgimento das comunidades no Brasil e o neopentecostalismo, que surge como uma alternativa para

¹¹⁴ A Igreja Pentecostal Deus é Amor é conhecida pelo museu dos milagres, o uso da mídia radialista, e, pelo uso e costume. Tendo um regimento interno que define desde as roupas que podem ser usadas (cor, corte do terno, etc.).

¹¹⁵ ARAÚJO, Isael, Deuteropentecostalismo, p. 266.

aqueles que querem ter uma experiência pentecostal, e, ao mesmo tempo não querem a rigidez da liturgia dos históricos, nem a imposição dos usos e costumes do pentecostalismo clássico.

O neopentecostalismo traz uma linguagem mais simples e envolvente, cultos dinâmicos, com uso de bateria, guitarra, instrumentos de percussão, que até então eram vistos como instrumentos de invocação de demônios na visão pentecostal e tradicional.

O neopentecostalismo passa a explorar áreas que estavam abandonadas, entre elas o uso da mídia televisiva, com os programas missionários evangelísticos vindo dos Estados Unidos. Também o envolvimento direto e explícito com a política, lançando candidatos próprios para os cargos públicos, e, ou apoiando candidatos à presidência e ao governo dos estados.¹¹⁶

O neopentecostalismo que chega ao Brasil na década de 70, tendo a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) como sua principal representante deste pensamento, liderada por Edir Macedo que tem como ênfase principal o combate aos grupos religiosos de matriz africana. Seus cultos estão repletos do que ele denomina de manifestações de demônios.

Três anos depois, Romildo Rodrigues Soares, cunhado e cofundador da Igreja Universal do Reino de Deus, funda a Igreja Internacional da Graça (1980), e tem como base do seu pensamento teológico a confissão positiva e a teologia da prosperidade propagando os textos de T.L. Osborn (1923 – 2013)¹¹⁷ e Kenneth E Hagin (1917 – 2003)¹¹⁸.

¹¹⁶ ARAÚJO, Isael, *Dicionário do Movimento Pentecostal*, p. 620. Neste mesmo período ocorre também nas igrejas históricas um movimento de renovação, surgindo as igrejas renovadas: batistas, luteranas, presbiterianas. E nas igrejas católicas o movimento de renovação carismática. A Renovação Carismática Católica, tem início nos Estados Unidos em 1967.

¹¹⁷ Thomas Lee Osborn, ficou conhecido como evangelista, missionário que defendia a teologia da prosperidade, pelo ministério de cura. O seu livro mais conhecido: "Curai enfermos e expulsai demônios" (1951), onde enfatiza que as enfermidades são demônios e que há necessidade de determinar e tomar posse da cura.

¹¹⁸ Kenneth Erwin Hagin, conhecido como o fundador e principal difusor da teologia da prosperidade, também conhecida como evangelho da prosperidade parte da ideia da confissão positiva, o determinismo. As expressões: "você nasceu para seu cabeça e não ser cauda"; "você é filho do rei"; "determine, tome posse" são brados usados pelos defensores desta teologia da prosperidade e da confissão positiva.

Mas a mudança no cenário se dá quando a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) compra por 45 milhões de dólares em 1989 a rede Record que pertencia ao grupo Silvio Santos. Em 1994, o presidente Itamar Franco concede a concessão do canal a Universal.

A compra da Record foi um marco, desde então diversas igrejas neopentecostais adquiriram canais de TV. Hoje até as igrejas pentecostais clássicas aderiram ao programa de TV aberto, e compra de canais fechados.¹¹⁹

O termo neopentecostalismo deve ser hoje conjugado no plural, não há apenas um neopentecostalismo, e, sim, neopentecostalismos, tanto na questão litúrgica, quanto na prática.

8. Cosmovisão da Teologia do Domínio

Cosmovisão é a palavra de origem grega que trata da visão de mundo, como vemos o mundo. A cosmovisão é constituída pela cultura, religião, política, artes, educação. É um conjunto de valores e crenças.

A etimologia da palavra é atribuída ao filósofo Immanuel Kant que usou o termo em alemão “Weltanschauung” (Welt = “mundo”; anschauung = “percepção”) na sua obra *Crítica do Juízo* (1790). Assim cosmovisão, é a percepção do mundo.

É preciso lembrar que temos hoje diversas cosmovisões que podem ser definidas: pelo aspecto da religião cristã, judaica, espírita, indígena, budista, indiana e outros; pelo aspecto político: esquerda ou direita; pelo aspecto geográfico: nordestina, sulista; cosmopolitana.

A cosmovisão da Teologia do Domínio parte do princípio e pressuposto da existência e da soberania divina, e Deus na sua soberania colocou a igreja como seu representante na terra.

É uma cosmovisão teologicamente marcada pela escatologia milenarista. É uma cosmovisão politicamente de direita, mais exatamente

¹¹⁹ NASCIMENTO, Gilberto – *O Reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*, “O poderoso conglomerado Universal, com suas rádios, TVs e empresas de ramos diversos, foi erguido, apesar do grande poder delegado em atividades rotineiras, sob o estilo autocrático de Macedo”. p.12.

de extrema-direita. Dentro desta cosmovisão os temas são pautados: família, natalidade, gênero, política e religião.

Magali Cunha¹²⁰ no livro *Evangélicos na Política Brasileira* resume a Teologia do Domínio e sua prática política, associada ao sistema econômico e uma cosmovisão cristã marcada pelo poder:

“Os adeptos da Teologia do Domínio assimilam a Teologia da Prosperidade e da Guerra Espiritual em suas bases, no apoio ao sistema econômico e político neoliberal, com o oferecimento de fundamento religioso e uma cosmovisão cristã, a fim de sustentar a conquista de poder por parte de líderes religiosos evangélicos”.

9. Hermenêutica da Teologia do Domínio

Hermenêutica é a disciplina que trata da interpretação de textos. A origem da palavra vem da língua grega Hermes, o deus da mitologia grega, responsável pela comunicação.

Henry Vinkler¹²¹ define hermenêutica como a ciência e arte da interpretação de textos. Ciência porque trabalha com metodologia, normas, regras e rigor. Usa a exegese como ferramenta. Arte porque trata como a leitura destes documentos e a aplicação dos mesmos e a comunicação é flexível, a língua é dinâmica e ganha ressignificados. No caso da Bíblia, a hermenêutica procura transpor as verdades do texto bíblico antigo para os dias atuais.

Para que não se faça a interpretação da Bíblia de forma equivocada, é necessário analisar o contexto histórico, político, religioso e social e aplicar a verdade do texto atualmente. Donizete Xavier, no seu artigo Teologia do Domínio: a influência religiosa e o perigo da imagem do caos, observa a relação do uso da hermenêutica na Teologia do Domínio:

¹²⁰ CUNHA, Magali, Quem São os Evangélicos, p. 27.

¹²¹ VINKLER, Henry A – *Hermenêutica Avançada: princípios e processos de interpretação bíblica*, p.9.

“Nesse sentido, podemos dizer que sua hermenêutica religiosa é imagética e concreta: o que conta é a seletividade e o anacronismo; não há espaço para o diálogo entre a Bíblia e a ciência; a relação entre a fé e a razão é posta em xeque; cristianismo e humanismo parecem ser coisas antagônicas. Elaborar-se uma leitura hermenêutica fundamentalista antiquada e anti-humanista dos textos do Antigo Testamento – não há espaço para o imperativo cristológico do amor presente no Novo Testamento. Tem-se nas mãos um plano bem elaborado, uma estratégia de ampliação de domínios”.¹²²

Quando a hermenêutica é usada sem respeitar o contexto histórico, social, político, econômico e buscar aplicar este texto nos dias atuais de forma relevante, respeitando como diria Friedrich Schleiermacher (1786-1834) o texto é vivo, ele nasce dentro de um contexto cultural.

Conforme Friedrich Schleiermacher, antes de qualquer preocupação com regras, a tarefa da hermenêutica é evitar os mal-entendidos, atitude essa que resulta do reconhecimento de que a possibilidade do ser humano errar é parte integrante da própria atividade de compreensão. Em outros termos, compreender um texto é compreender também uma individualidade, o comportamento do sujeito que deu origem ao texto e que é parte integrante da história.

A hermenêutica da Teologia do Domínio não respeita as regras mínimas da hermenêutica e está fundamentada principalmente no experiencial, na visão e revelação do seus interpretes.

João Décio dos Passos no livro *No lugar de Deus. Ensaios (neo)teocráticos* fala do problema do anacronismo e seu perigo:

“O anacronismo é a marca de um poder divino que está posto nas mãos daqueles que querem deter o poder, não se importando com o preço a ser pago. O objetivo principal é a

¹²² XAVIER, Donizete - Teologia do domínio: a influência religiosa e o perigo da imagem do caos, p.1. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1 -11, jan.-dez. 2024 | e- 46944.

expansão de territórios de influência. O essencial é que o poder de Deus alcançou o poder político”¹²³

O anacronismo é uma das ferramentas mais usadas na Teologia do Domínio, porque não há um respeito pelo contexto histórico e cultural, não há uma contextualização, ao contrário surge discursos como na época da eleição entre Bolsonaro e Haddad, onde foi reverberado nas redes sociais os textos extraídos das escrituras Juízes 10.3 e I Reis 11.25, usando a figura do juiz Jair e de Adad um opositor do rei Salomão.

Aqui o anacronismo está presente os dois viveram em épocas diferentes, não se respeitou o contexto histórico, não respeito a cronologia, fez uma leitura preconceituosa e sem nenhuma regra. Outro exemplo deste anacronismo, é dizer tudo que é da direita é de Deus e a esquerda é do demônio.

A hermenêutica da Teologia do Domínio é marcada pelo fim do mundo após a cristianização do mesmo, ou seja, a volta de Cristo está condicionada a evangelização do mundo todo. Esta hermenêutica é considerada como uma hermenêutica milenarista.¹²⁴

“A teologia do domínio também se baseia na ideia de que o mundo está em caos, o que justifica a necessidade de cristianizar todas as esferas da sociedade para que, somente após essa “cristianização”, Cristo retorne.”¹²⁵

Na década de 1970 houve uma mudança no eixo teológico-escatológico onde o pré-milenismo, considerado por muitos uma escatologia pessimista, foi trocado pela escatologia pós-milenista, que é

¹²³ XAVIER, Donizete - Teologia do domínio: a influência religiosa e o perigo da imagem do caos, p.2. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1 -11, jan.-dez. 2024 | e- 46944.

¹²⁴ Uma hermenêutica milenarista é aquela que defende o estudo escatológico. A escatologia estuda os *últimos dias*. A sua escatologia é a sua visão sobre os últimos dias. O pós-milenarismo é a visão de que Cristo retornará no fim do milênio. O milênio é geralmente entendido como uma era dourada de expansão do evangelho, quando a Grande Comissão é cumprida. Ao final deste período, quando todas as nações tiverem se tornado discípulas de Cristo, ele retornará e destruirá o último inimigo: a morte.

¹²⁵ XAVIER, Donizete - Teologia do domínio: a influência religiosa e o perigo da imagem do caos, p.4. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1 -11, jan.-dez. 2024 | e- 46944.

vista como uma escatologia otimista, que defende a idéia da evangelização de todo mundo como um fator determinante para a volta de Cristo. Assim, os cristãos devem conquistar o mundo e implanta o reino de Deus aqui e agora.

Eliseu Pereira no seu livro *Caminhos para Compreender a Teologia do Domínio* explica a importância desta mudança de eixo:

“O efeito prático dessa postura é a entrada dos cristãos na disputa do poder em todas as esferas de influência a fim de cristianizar o mundo. Em vez de suportarem passivamente a perseguição e o preconceito (“cristofobia”) e a deterioração do mundo pelos humanistas seculares ateísta e comunistas, eles partem para o ataque. Foi assim, muito resumidamente, que surgiu a Direita Cristã nos EUA na década de 1980”.¹²⁶

O uso deste conceito escatológico do pós-milênio reforça a ideia da militância e da retomada do poder, a igreja ocupando todas as áreas da sociedade. Isto não quer dizer que todo teólogo que defende a escatologia pós-milenarista seja um defensor da Teologia do Domínio, mas que o discurso do pós-milenismo é mais compatível com a Teologia do Domínio.

¹²⁶ PEREIRA, Eliseu, *Caminhos para Compreender a Teologia do Domínio*, p. 11.

Capítulo III

A Teologia do Domínio na Frente Parlamentar Evangélica

Este capítulo tem como proposta apresentar como a Teologia do Domínio está presente na política brasileira, principalmente através da Frente Parlamentar Evangélica.

No primeiro capítulo desta dissertação foi apresentado a Frente Parlamentar Evangélica, seu contexto histórico e seus pressupostos principais.

No segundo capítulo foi apresentado a Teologia do Domínio, seu histórico, sua chegada no Brasil, seus pressupostos, principais representantes.

Agora no terceiro capítulo discutiremos como a Teologia do Domínio está presente no Brasil no discurso de parlamentares e políticos brasileiros. O capítulo terminará com a comparação da Teologia do Domínio e a Teologia da Igreja Universal do Reino de Deus, principalmente o pensamento do seu líder o bispo Edir Macedo, um estudo de caso.

Eliseu Pereira no livro *Caminhos para Compreender a Teologia do Domínio*, no capítulo cinco trata das manifestações da Teologia do Domínio no Brasil. Esse autor apresenta seis linhas de investigação: três influências: (ideológico e institucional; a literária e teológica; a influência apostólica e profética); e, três de protagonismos: (pastoral e eclesial; midiático e tecnológico; e, o político partidário).¹²⁷

Para nossa reflexão será usado apenas o protagonismo político/partidário. A justificativa porque a Teologia do Domínio tem como objetivo dominar primeiramente a área político/partidária que facilitará o domínio das outras áreas, a partir do domínio desta área as demais serão

¹²⁷ PEREIRA, Eliseu, *Caminhos para Compreender a Teologia do Domínio*, p. 197.

dominadas por leis estabelecidas na Câmara dos Deputados e no Senado. Na linguagem da Teologia do Domínio de Johnny Enlow será feita uma análise da Montanha da Política/Governo.

Diferente da leitura do Reconstrucionismo Cristão que defende o domínio de todas as esferas, preservando a laicidade, a montanha do governo na leitura de Johnny Enlow a igreja deve dominar esfera política:

“A montanha do governo, ou a política, é a montanha na qual o Senhor está posicionando seus filhos para invadir e discipular. [...] A Revolução de Elias iniciará a substituição das forças malignas desta montanha e estabelecerá um governo justo em seu topo”.¹²⁸

No pensamento de Johnny Enlow a igreja errou ao longo dos anos se afastando das questões políticas e portanto, ela deve retomar esta montanha se posicionando em cargos políticos e assumindo o controle do governo. No Brasil esta posição passou a ser ocupada na constituinte com a bancada evangélica, que, posteriormente ganhou mais força e passou a ser a Frente Parlamentar Evangélica.

Nas primeiras décadas as igrejas históricas defendiam a separação entre a igreja e o estado, havia a presença de evangélicos com uma pequena representatividade. Contudo, na década de 1980, houve um crescimento do número de evangélicos presentes na constituinte que iniciaram a bancada evangélica.

Liniker Henrique Xavier no livro: *Planalto Pentecostal: a estratégia de comunicação da Assembleia de Deus na política partidária dos anos 1980* apresenta o crescimento e envolvimento do pentecostalismo na Constituinte de 1988:

“A mobilização de segmentos organizados da população para se fazerem representar no Congresso Nacional eleito em 1986, neste caso um parlamento investido de poderes para elaborar a

¹²⁸ ENLOW, Johnny, *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima Revolução de Elias*, p.81.

nova Constituição da República do Brasil, contagiou, também, a maior igreja pentecostal do país, a Assembleia de Deus, que decidiu fazer entrada oficial e estratégica naquele espaço do poder legislativo. Conseguiu eleger 13 deputados. Na legislatura anterior, essa igreja elegera um representante, apenas.”¹²⁹

Se antes o discurso dos evangélicos era: religião e política não se misturam e não se discutem, o discurso agora passou a ser: irmão vota em irmão. Esta mudança de discurso tem, a cada dia, no meio evangélico, ganhado uma dimensão enorme, igrejas como a Assembleia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus lançando candidatos próprios convocados das suas membesias e colocados como representantes das suas igrejas na Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

Ivan de Oliveira Durães e Vinicius Couto escreveram o livro *Neopentecostalização Da Política: uma teoria*, onde afirmam que a igreja primitiva não era movida por projeto de conquista do poder político. Com o passar do tempo surge a figura do messianismo político.

“O salvador ungido, ora designado como messias político, na perspectiva de seus seguidores recebe amplos poderes na batalha contra o mal e, por conta disso, voltar-se contra ele é rebelar-se contra a divindade. [...] Os seguidores do messias político acabam por se engajarem na sua defesa mais ou menos duradoura, pois a adesão perdura até o instante em que outro salvador ungido é escolhido”.¹³⁰

No Brasil a figura do messias político, do salvador da pátria está sempre em uso. Desde Fernando Collor de Mello até Jair Messias Bolsonaro, o líder é apresentado como o representante de Deus para libertar o povo da opressão da esquerda.

¹²⁹ XAVIER, Lineker Henrique- Planalto Pentecostal: a estratégia de comunicação da Assembleia de Deus na política partidária dos anos 1980, p. 67.

¹³⁰ DURÃES, Ivan de Oliveira; COUTO, Vinicius, *Neopentecostalização da Política: uma teoria*, p. 60.

Ivan de Oliveira Durães e Vinicius Couto, fazem a seguinte observação sobre o fenômeno do messianismo político:

“A esperança messiânica, e a adesão passageira por parte dos seguidores do messias político cristão, é bastante palpável no Brasil e pode ser evidenciada em vários momentos da história recente. A eleição de Fernando Collor de Mello apresenta-se como uma simbólica demonstração do volátil engajamento de parte dos cristãos em se entregarem no messianismo político cristão”.¹³¹

Dentro desta perspectiva, Luís Inácio Lula da Silva era o candidato do mal, do comunismo e Fernando Collor de Mello era o representante do bem, da democracia que havia sido conquistada há pouco tempo. Fernando Collor de Mello representava, na concepção de alguns evangélicos, o salvador que iria construir no Brasil uma mítica cidade de Canaã, terra de abundância de lei e mel.

A realidade é que atualmente muitos pastores passaram a ser cabos eleitorais, cedendo o púlpito e a comunidade que lideram como voto de cabresto. Muitos templos, e algumas denominações, passaram a ser vistos como curral eleitoral. Hoje se ouve nos templos expressões: “cristão não pode ser de esquerda, ou você é cristão ou você é de esquerda”.

Com o discurso de que crente vota em crente, ou católico vota em católico, ou cristão vota em cristão a Frente Parlamentar Evangélica cresceu no número de representantes. Candidatos aos cargos públicos fazem uso de um conjunto de estratégias.

Nesse sentido dois aspectos precisam ser destacados. Em primeiro lugar esses líderes usam o vínculo de familiaridade ou amizade com o líder da denominação. Pode ser usado como o exemplo as Assembleias de Deus Ministério Belém, cujo presidente era o Pr José Wellington Bezerra da Costa, e que elegeu três filhos: a vereadora Rute Costa, a deputada estadual Marta Costa e o deputado federal Paulo Freire que tiveram acesso

¹³¹ DURÃES, Ivan de Oliveira; COUTO, Vinicius, *Neopentecostalização da Política: uma teoria*, p. 61.

aos púlpitos das Assembleias de Deus Ministério Belém, além dos representantes, assessores e cabos eleitorais espalhados em todos os templos da denominação.

Em segundo lugar o candidato não faz parte da organização, mas é escolhido como candidato oficial pelo líder da denominação. Como ocorreu na última eleição presidencial, onde o líder da Igreja Universal do Reino de Deus declarou apoio ao candidato a reeleição presidencial Jair Messias Bolsonaro.

Ivan de Oliveira Durães e Vinicius Couto, relembram o que aconteceu no segundo turno da eleição de 2010:

“Diante do poder religioso na condução do resultado das eleições, não contar com o apoio dos líderes religiosos para o convencimento do eleitorado evangélico é um risco bastante considerado pelos candidatos. Neste particular, diante do risco de perder o apoio dos líderes evangélicos, Dilma Rousseff, em sua campanha para o segundo turno em 2010, ao perceber o risco que corria com a perda do eleitorado evangélico nacional, publicou carta aberta com o objetivo de manter o apoio da camada evangélica da população”.¹³²

Além da carta onde Dilma Rousseff declara desejar um governo mais próximo da premissa do evangelho, ela fez uma peregrinação pelo país buscando apoio de líderes religiosos. No início do seu discurso a presidente Dilma Rousseff declara:

“Dirijo-me mais uma vez a vocês, com o carinho e o respeito que merecem os que sonham com um Brasil cada vez mais perto da premissa do Evangelho de desejar ao próximo o que queremos para nós mesmos. É com esta convicção que resolvi pôr um fim

¹³² DURÃES, Ivan de Oliveira; COUTO, Vinicius, *Neopentecostalizacao da Política: uma teoria*, p. 75.

definitivo à campanha de calúnias e boatos espalhados por meus adversários eleitorais.”¹³³

Nessa ocasião o cenário evangélico midiático estava dividido: Silas Malafaia da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC) e José Wellington Bezerra da Costa, presidente da Assembleia de Deus Ministério Belém e da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) apoiavam abertamente o candidato José Serra, enquanto o Bispo Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e o Bispo Manoel Ferreira, presidente das Assembleias de Deus Ministério Madureira e da Convenção Nacional Madureira (CONAMAD) apoiavam abertamente a candidatura de Dilma Rousseff. Dilma Rousseff saiu vitoriosa, contudo, quem se fortaleceu mais ainda foram as lideranças religiosas e a Frente Parlamentar Evangélica. Ivan de Oliveira Durães e Vinicius Couto, fazem a seguinte análise:

“Não restam dúvidas de que os evangélicos alcançaram lugar de destaque na representação política do país. Esse fato sinaliza que tanto no Congresso, como fora dele, interesses políticos são evidenciados de acordo com interesses episódicos de aproximação com poder constituído. Cite-se o seguinte exemplo: no dia 31/10/2019, quando um deputado governista, em entrevista a respeito dos protestos no Chile ocorridos no mês de outubro do referido ano, afirmou sem economia de palavras o seu entendimento de que, caso episódio semelhante ocorresse no Brasil, o caminho seria reimplantar o Ato Institucional nº5/69, documento legislativo que representa o ápice da repressão da ditadura militar implantada no país na década de 60, do século XX”.¹³⁴

¹³³ O texto na íntegra está disponível no site: <https://oglobo.globo.com/politica/carta-de-dilma-sobre-aborto-liberdade-religiosa-2938809>

¹³⁴ DURÃES, Ivan de Oliveira; COUTO, Vinicius, *Neopentecostalização da Política: uma teoria*, p. 80.

O discurso 'crente vota em crente' continua muito vivo nos dias atuais e pode ser visto na Frente Parlamentar Evangélica, no discurso da Deputada Federal Carla Dickson, do União Brasil – RN, que por ocasião do Dia do Evangélico discursou na Câmara dos Deputados:

“Meu irmão não existe crente de esquerda, não existe cristão de esquerda, ou você é cristão ou você é de esquerda, mas Carla, não tem só é água e óleo, ou você não sabe nada de esquerda e eu recomendo com muito amor, vai estudar a agenda woke¹³⁵, vai estudar a agenda 2030¹³⁶, vai estudar o que é o comunismo, vai estudar o que é Marx, vai estudar, ou, você não sabe nada sobre o que é esquerda ou tá bom de você aceitar Jesus de novo e começar a ler a Bíblia. Carla porque você fala isso que não pode ter cristão de esquerda, primeiro que o Deus a quem eu sirvo é o Deus da vida, só quem dá a vida é Ele, só quem tira é Ele. A esquerda é a favor do aborto”.¹³⁷

Neste discurso dicotômico, a deputada afirma que não pode haver crente de esquerda, ataca o comunismo e coloca em questionamento a fé do outro, afirma que os defensores do comunismo e das pautas da esquerda devem ler a Bíblia. Termina falando sobre a questão do aborto, afirmando que quem defende o aborto não é de Deus.

Este discurso fundamentado no moralismo atrai os evangélicos conservadores sendo a pedra de toque do voto evangélico, a expressão crente vota em crente, as viagens de candidatos a Jerusalém, batismo no

¹³⁵ Agenda Woke – A palavra woke do inglês significa acordei. O termo woke tem sua origem com a comunidade afro americana, com a ideia de estar alerta contra as injustiças raciais. A "agenda woke" é um termo usado para descrever um conjunto de pautas progressistas relacionadas à justiça social, diversidade e equidade, mas é frequentemente empregado de forma pejorativa por conservadores para criticar o que consideram uma imposição de ideias de esquerda, como a linguagem neutra, políticas de inclusão e questões de gênero e raça.

¹³⁶ Agenda 2030 da ONU tem como objetivo promover desenvolvimentos sustentáveis e erradicar a pobreza no mundo. Dentre as suas pautas está a defesa de políticas públicas e pautas consideradas progressistas pela extrema direita.

¹³⁷ Discurso extraído da rede social Instagram da deputada federal @carladicksonoficial no dia 01/12/2025. Discurso proferido no dia do evangélico na Câmara dos Deputados.

rio Jordão atrai a atenção dos evangélicos, principalmente quando tem o uso da tríade: “Deus, pátria e família”.

As duas últimas eleições presidenciais foram marcadas pela polarização esquerda-direita, famílias foram dilaceradas pela disputa político-partidária. Discursos de ódio foram disseminados nas redes sociais, diversas *fake news* foram publicadas, famílias romperam laços por defesa de candidatos e ideologias políticas.

Na Câmara dos Deputados os projetos apresentados e defendidos pela Frente Parlamentar Evangélica têm foco principal na defesa de princípios como a família, a vida (contra o aborto e o infanticídio) e a liberdade religiosa. Estes projetos estão em torno de cinco eixos principais:

- a) Família e vida: A Frente Parlamentar Evangélica se posiciona contra o aborto e o infanticídio, defendendo a vida desde a concepção. A defesa da família e dos seus valores é uma pauta central.
- b) Liberdade religiosa: defende a liberdade religiosa, principalmente dos cristãos evangélicos.
- c) Moral e costumes: defende a "moral e os bons costumes cristãos".
- d) Projetos legislativos: Atua na proposição e acompanhamento de projetos de lei relacionados aos seus princípios.
- e) Oposição a pautas específicas: A Frente Parlamentar Evangélica se manifesta contra temas como a liberação de jogos de azar e posições consideradas opostas aos seus valores.

Estes eixos estão presentes nas pautas levadas pela Frente Parlamentar Evangélica. Os discursos do deputado federal Nikolas Ferreira, do Partido Liberal, geralmente são polêmicos e agressivos. Em 7 de setembro de 2023, ele discursou na Câmara dos Deputados sobre a questão do aborto lembrando fala da campanha do presidente Lula que declarou ser contra o aborto.

“Isso era dito na época da campanha, mas, passados nem 2 meses, o que o Governo Lula está fazendo é andando na

contramão disso. Vejam só algo inacreditável. Na época da campanha, eu tive que fazer uma retratação no TSE, postar no Twitter que Lula era a favor da vida e contra o aborto! E agora o que ele fez? Tirou o Brasil do Consenso de Genebra, em que se defende a vida desde a concepção”.¹³⁸

Outro discurso que causou polêmica e até resultou em um processo judicial contra o deputado federal Nikolas Ferreira, sob acusação de homofobia. No dia internacional da mulher o deputado acessa a tribuna com uma peruca feminina loira, se apresenta como Nikole, e faz um discurso sobre a questão da ideologia de gênero, no dia 8 de março de 2023:

“E eu não estou defendendo o meu umbigo, a minha liberdade. Eu estou aqui para defender a sua liberdade. A liberdade, por exemplo, de um pai recusar que um homem de 2 metros de altura, um marmanjo, entre no banheiro junto com sua filha sem você ser considerado um transfóbico. A liberdade das mulheres, por exemplo, que estão perdendo o seu espaço nos esportes, estão perdendo os seus espaços até mesmo em concurso de beleza, senhores. E pensem só nisso: uma pessoa que simplesmente se sente algo e impõe isso para você. [...] Então, mulheres, retomem a sua feminilidade, tenham filhos, amem a maternidade, formem suas famílias, porque, dessa forma, vocês colocarão luz no mundo e serão, com certeza, mulheres valorosas!”¹³⁹

Neste discurso o deputado Nikolas Ferreira discursa contra a questão de gênero, fala sobre o papel da mulher na sociedade e usa de personagens da Bíblia para apoiar o seu discurso numa leitura fundamentalista do texto.

¹³⁸ www.camara.leg.br/ sessão 15.2023

¹³⁹ www.camara.leg.br/ sessão 17.2023.

Ivan de Oliveira Durães e Vinicius Couto falando sobre a participação dos pentecostais e os neopentecostais na política brasileira ressaltam o ideário político do Projeto Brasil para Jesus onde o aumento dos evangélicos no Brasil tornaria o Brasil uma espécie da Canaã das escrituras bíblicas onde mana leite e mel:

“Os pentecostais, por sua vez, absorveram a compreensão de que era preciso colocar alguns de seus líderes nas três esferas políticas do país. Intenção esta que foi seguida diligentemente pelos neopentecostais. A partir disso, os púlpitos evangélicos passaram a se transformar em palanques eleitorais, com pastores e demais lideranças indicando candidatos da denominação ou igrejas coligada por meio de projetos políticos. [...] No ideário evangélico, não somente no neopentecostal, o Projeto Brasil para Jesus, diante do casamento da política com a religião, agora se concretiza pelo voto. Tornou-se necessário condicionar o fiel a votar conforme os interesses de sua denominação. Assim, o sentimento de ganhar o Brasil para Jesus, como anunciavam os evangélicos aos quatro cantos, também inclui conquistar posição nos cargos de comando da República, por meio da eleição de políticos evangélicos ou, pelo menos, com atores políticos portadores discurso evangélico”.¹⁴⁰

Aqui é possível ver na prática a força do discurso ‘irmão vota em irmão’, com isso a Teologia do Domínio toma o discurso da evangelização para justificar o seu domínio sobre todas as áreas. Dominando a política as demais áreas serão facilmente dominadas.

Uma vez que se tem nas mãos o poder estatal, é possível controlar a mídia, a economia, a família, a religião, a arte e a educação. Através do

¹⁴⁰ DURÃES, Ivan de Oliveira; COUTO, Vinicius, *Neopentecostalização da Política: uma teoria*, p. 71.

controle da Montanha da Política pode ser fazer leis, criar projetos onde as demais áreas serão dominadas.

Mas apesar de todo este discurso fundamentado na tríade “Deus, Pátria e Família”, da Frente Parlamentar Evangélica, é um engano pensar que há uma homogeneidade entre os membros, recentemente em discurso na Câmara dos Deputados Otoni de Paula, deputado federal do Rio de Janeiro, membro do MDB-RJ, fez a seguinte declaração (texto na íntegra):

“Eu preferi andar sozinho a mal acompanhado. Eu não quero andar mais com os extremos nem ser visto como extremista. Por isso, eu respeito os meus colegas bolsonaristas e outros colegas de outro espectro ideológico, mas não me servem mais como companhia de caminhada.

Eu tomei a decisão de perguntar o que Cristo faria no meu lugar, quando eu preciso tomar as decisões políticas, quando eu decido usar esta tribuna ou falar ao meu povo. Decidi ser uma voz, igual àquela que clama no deserto, sem nenhuma expectativa de ser ouvida, apenas para obedecer à ordem do Senhor. Decidi não porque me tornei contra o Presidente Bolsonaro, por quem eu oro todos os dias, mas porque eu me tornei contra o velho Otoni.

Um dia, desta mesma tribuna, neste mesmo lugar, utilizei este mesmo microfone, depois, de Lula dizer aos seus sindicalistas que eles deveriam procurar os Deputados, a esposa, os filhos, pará-los na rua, eu ameacei e disse que, se algum de seus asseclas ou até mesmo Lula procurassem minha esposa ou meus filhos ou fossem a minha casa, eu iria recebê-los à bala, a tiro. Eu nunca tive arma, nunca dei um tiro na vida. Quando eu vi aquele vídeo, eu me senti envergonhado, porque eu estava mais parecido com Bolsonaro do que com Cristo. Fiquei envergonhado porque eu não estava parecendo um pastor, mas um louco, que acha que tudo se resolve na bala e no tiro. Em vez de ficar ao lado da justiça, eu preguei que bandido tem que

morrer mesmo; em vez de denunciar o pecado do racismo, eu preferi dizer que racismo não existe na minha Nação; em vez de ser a favor da equidade, eu resolvi ser a favor da tal meritocracia, como se o filho do pobre pudesse concorrer igualmente com o filho do rico, como se o filho da favela, só pelos seus esforços, pudesse concorrer com o filho do asfalto.

Eu me arrependo e digo isso publicamente. Arrependo-me de ter dito que o meu Cristo era de direita. Arrependo-me de ter colocado o meu Cristo dentro de uma caixinha ideológica, quando Ele nunca foi de esquerda ou de direita. Arrependo-me quando gritei "mito" no lugar onde só deveria cultuar o Senhor. Mas a culpa nunca foi de ninguém, a culpa nunca foi de Bolsonaro, a culpa foi minha, mesmo. (sic)

Por isso, eu resolvi me levantar nesta Nação e tentar alertar os meus irmãos que ainda estão no mesmo lugar que um dia eu já estive."¹⁴¹

O discurso do Deputado Federal Otoni de Paula, do Partido Movimento-Democrático Brasileiro, pastor das Assembleias de Deus, reconhece que errou ao dar apoio e chamar Jair Bolsonaro de mito, e se arrependeu do discurso de ódio que fez anteriormente, afirmando que receberia armado, e a negação ao racismo que declarava.

A Teologia do Domínio em alguns discursos políticos-religiosos legitima o uso da violência e das armas para defender seus ideais. Isto não significa que todo defensor da Teologia do Domínio faça uso deste discurso. Mas em nome da defesa da fé e do nacionalismo são dispostos a usar de violência.

O Deputado Otoni de Paula é um exemplo de quem assumiu o discurso da Teologia do Domínio, e que está revendo o seu

¹⁴¹ Camara dos Deputados, sessão 261.2025, no dia 26/11/2025.

posicionamento. Otoni de Paula foi a representação da Teologia do Domínio da busca do poder pelo poder.

O discurso de que é incompatível ser cristão e defender as pautas da esquerda é na verdade uma falácia. Há na Frente Parlamentar Evangélica deputados de esquerda, ou seja, não há incompatibilidade como a deputada Carla Dickson afirmou no seu discurso. Um exemplo de que é possível ser de esquerda e ser evangélico é a deputada federal, que já foi vice-governadora do Rio de Janeiro (1999 – 2002) e governadora do estado do Rio de Janeiro (2002), Benedita da Silva, membro do PT-RJ e membro da Frente Parlamentar Evangélica, foi deputada federal na constituinte (1987-1991), senadora (1995-1998) evangélica, membro da Igreja Presbiteriana Betânia. Apesar de estar como membro da Frente Parlamentar Evangélica, a deputada federal Benedita da Silva não concorda com todas as pautas e bandeiras levantadas.

Outro exemplo é o Pastor Henrique Vieira, Deputado Federal pelo PSOL-RJ, pastor batista, fundador e coordenador da Frente Parlamentar em Defesa do Estado Laico e da Liberdade Religiosa. Defende os evangélicos e denuncia o abuso de alguns líderes religiosos. No seu discurso na Câmara dos Deputados ao falar sobre o escândalo envolvendo um pastor que fazia oração e exigia pix fez o seguinte comentário:

“Presidente, é inacreditável, mas, sim, um pastor, vendendo orações, ganhou mais de 3 milhões de reais durante um ano. Este esquema foi descoberto em Nilópolis, na Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro.

As pessoas ligavam, contavam suas histórias, faziam seu pedido de oração, pagavam via Pix, e, depois, uma inteligência artificial produzia uma oração adaptada àquela história, lucrando em cima da vida, da espiritualidade e da fé das pessoas.

Eu me lembro de André Valadão, um dos líderes da Igreja Batista da Lagoinha, que criou um banco digital cujo endereço é o mesmo de uma igreja em Belo Horizonte. Depois, também me

lembro, Silas Malafaia transformou o púlpito num palanque eleitoral, transformou a igreja num partido político. Eu me lembro de Edir Macedo, da Igreja Universal, e das denúncias de que este ano já estão contabilizando títulos de eleitor dos seus membros, dos seus fiéis, e aparelhando tanto a Polícia Militar de São Paulo, como a do Rio de Janeiro.”¹⁴²

Neste discurso o deputado federal Henrique Vieira faz uma crítica e uma denúncia, citando os nomes de líderes religiosos e os acusa de exploração da fé tornando a igreja um palanque eleitoral. Neste mesmo discurso o deputado ainda faz a seguinte denúncia.

“Calma aí! Igreja como banco, igreja como partido, igreja como polícia, menos igreja como igreja, isso tem pouco a ver com oração, devoção, serviço, misericórdia, promoção da paz. Isso tem pouco a ver com a atitude de chorar com quem está chorando. Reparem: igreja como banco, André Valadão; igreja como partido político, Silas Malafaia; igreja como polícia, que também tem projeto de poder e partido, Edir Macedo. É tudo, menos igreja orando, servindo e abençoando. [...] Macedo, Malafaia e Valadão, estes precisam ser denunciados com coragem, de maneira política e pedagógica, até em respeito ao nosso povo.”

O deputado federal Henrique Vieira faz duras críticas à liderança evangélica e fala do projeto de poder. Critica a igreja sendo usada como meio político, como banco, o povo evangélico sendo usado como massa de manobra nas mãos destes líderes.

¹⁴² Câmara dos Deputados, sessão 221.2025, 15/10/2025.

Até o momento em que esta dissertação está sendo escrita não houve nenhuma ação ou reação da Frente Parlamentar Evangélica para tratar desta denúncia feita pelo deputado.

1. Discursos Políticos da Teologia do Domínio

A seguir será analisado alguns discursos políticos onde pode ser visto falas da Teologia do Domínio.

No dia 07 de setembro de 2024, na avenida Paulista¹⁴³, foi realizado o ato político em defesa do ex-presidente Jair Bolsonaro, liderado pela oposição ao governo do presidente Lula e aliados do ex-presidente. A ex-primeira dama Michelle Bolsonaro fez um discurso de cerca de 15 minutos marcado Teologia do Domínio. Destaco aqui dois trechos do discurso:

“Boa tarde, Paulista. Boa tarde, mulheres e homens de bem. Boa tarde. “Nós somos gratos a Deus por esse dia tão lindo. Pela sua misericórdia, pelo seu amor e pelo seu cuidado. Deus é maravilhoso em tudo que ele faz. E não tem como não se emocionar vendo o exército de Deus nas ruas. Vendo o exército de homens e mulheres patriotas que não desistem da sua nação. Quantos viajaram dias, quilômetros para estarem aqui. E aqui fica meu agradecimento a cada um de vocês. Por vocês saírem das suas casas, saírem da zona de conforto para dizer que o Brasil é do senhor. Para dizer que somos um povo de bem e que defendem valores e princípios cristãos. Um povo que ama essa nação e aprendeu a acreditar que ela tem promessas e que elas vão se cumprir. Em um momento tão difícil da história, meus amados.¹⁴⁴

¹⁴³ A Avenida Paulista é histórica na cidade de São Paulo, palco de grandes decisões políticas e de eventos culturais, conhecida como o coração de São Paulo.

¹⁴⁴ www.poder360.com.br/brasil/leia-a-integra-do-discurso-de-michelle-na-avenida-paulista

No discurso de Michelle Bolsonaro está presente uma evocação dos valores e princípios cristãos, fazendo uma referência ao povo cristão como um exército a favor do político ex-presidente Jair Bolsonaro, usando o nome de Deus e a defesa da pátria e do nacionalismo.

Em outro trecho do mesmo discurso após falar das perseguições que ela e seu marido estão sofrendo, apresenta a ideia do messianismo através da vida do ex-presidente.

“Aprove o senhor nos colocar a frente desta nação. Aprove Deus nos colocarmos na Presidência da República para que a gente pudesse trabalhar e fazer a verdadeira justiça social na vida daqueles que mais precisam. E hoje o povo brasileiro sabe a diferença de um governo justo de um governo ímpio. Essa semente foi plantada e nós vamos colher. Nossos filhos e netos colherão um Brasil abençoado e próspero, porque a nossa nação é rica, abençoada e só está sendo mal administrada”.¹⁴⁵

Aqui neste trecho do discurso Michelle Bolsonaro assume a ideia de que Jair Bolsonaro foi colocado na presidência do Brasil por Deus e falando sobre justiça social, colocando como o escolhido de Deus para o Brasil e que agora está sendo perseguido por trabalhar em benefício do povo. No discurso pode ser visto a defesa de um governo teocrático.

Michelle Bolsonaro termina seu discurso com a leitura de um texto bíblico, com uma oração e termina com uma repetição em forma de um brado de vitória por sete vezes: “Glória a Deus!!!”.

No ano seguinte, em sete de setembro de 2025, na Avenida Paulista foi realizado o movimento Reaja Brasil. Este ato foi organizado pelo pastor assembleiano Silas Malafaia, onde mais uma vez Michelle Bolsonaro discursou, agora sem a presença do ex-presidente que estava impedido de aparecer em eventos e nas redes sociais.

¹⁴⁵ www.poder360.com.br/brasil/leia-a-integra-do-discurso-de-michelle-na-avenida-paulista

“Eu estou tendo que me despir como mãe, como esposa, como presidente do PL, diante de tudo, junto de um amigo, para cuidar dele, para que ele esteja bem, cuidar da alimentação, orar, trazer à memória dele que ele é o maior líder da direita de uma nação. E que hoje, se nós temos esse exército de homens e mulheres de bem nas ruas, defendendo a verdadeira democracia, é porque Deus os levantou nesta nação. [...] E nós temos visto todo o mal, toda a injustiça, toda a perseguição. Mas nós cremos no verdadeiro juiz, que está no trono, e nós vamos vencer, porque estamos com a verdade. Jair Messias Bolsonaro já foi uma voz solitária, e hoje tentam calar todo esse exército que ele levantou. Jair Messias Bolsonaro ama a sua nação e o seu povo. Ele está sofrendo, mas eu digo a ele todos os dias: nós vamos vencer, você não vai desistir, porque há pessoas que te amam e há pessoas que te esperam”.

Neste discurso Michelle Bolsonaro inicia em prantos e busca sensibilizar o povo que mais uma vez o chama de exército de Deus. No discurso também pode ser visto a batalha espiritual, entre o bem e o mal, sendo que a direita o bem, e a esquerda o mal. Outro elemento da Teologia do Domínio é o triunfalismo em nome de Deus.

2. A prisão de Bolsonaro e o uso da fé na política

Enquanto esta dissertação está sendo escrita, o Brasil está em efervescência, dividido sobre a prisão preventiva do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, por violar as normas da tornozeleira, e suspeita de fuga¹⁴⁶. Nas redes sociais, o senador Flavio Bolsonaro faz uma convocação ao povo brasileiro com base no discurso da Teologia do Domínio:

¹⁴⁶ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-11/em-decisao-moraes-cita-eventual-tentativa-de-fuga-de-bolsonaro>

“Você vai lutar pelo seu país, ou assistir tudo do celular no sofá da sua casa? Eu te convido para lutar com a gente. Nesse primeiro momento a gente vai buscar o Senhor dos Exércitos. Eu te convido para uma vigília que começa neste sábado dia 22 de novembro a partir das sete da noite aqui no balão do Jardim Botânico, na altura do condomínio do meu pai no solar de Brasília 2 para orarmos pela saúde dele e pela volta da democracia no nosso país. Vamos pedir a Deus que aplique a sua justiça aos que perseguem tanta gente inocente e ajudam os verdadeiros bandidos a se manterem no poder. Não tem mal que dure para sempre e Deus fala na Bíblia que a escuridão mais forte é exatamente a que precede a chegada da luz. E se o momento é o mais difícil para a gente pode ter certeza que Deus está no comando de tudo e muito em breve a luz vai vencer as trevas! Então, a luz nascerá nas trevas e a tua escuridão será como meio-dia, Isaías 58.10. Te espero lá, porque a gente não vai desistir do Brasil de jeito nenhum. A nossa pátria não vai continuar nas mãos de ladrões, bandidos e ditadores, e com a sua força, a força do povo, a gente vai reagir e resgatar o Brasil desse cativeiro que ele se encontra hoje. Quando os ímpios sobem ao poder o povo se esconde, mas quando eles perecem os justos se multiplicam. Provérbios 28.28. Vem com a gente, vamos lutar! Te espero aqui”.¹⁴⁷

A convocação do senador envolve política e fé. A convocação usa textos da Bíblia fora do contexto, a prática de uma hermenêutica descontextualizada e com uma linguagem onde compara a prisão do seu pai, o ex-presidente, como uma batalha espiritual, luta entre a luz e as trevas, termo muito usado pela Teologia do Domínio. O discurso termina com uma convocação à luta.

“E 2026 está logo ali, porque eu creio e confio na resposta de Deus para a nossa nação. Nós não estamos aqui por um projeto

¹⁴⁷ <https://www.poder360.com.br/poder-gente/flavio-convoca-vigilia-por-bolsonaro-e-cita-perseguiacao/>

de poder, meus amados. Dói na minha pele, dói na minha alma sentir toda essa injustiça. Saber que a Constituição não foi respeitada em momento algum pelos conselhos malditos. Em momento nenhum a Constituição foi respeitada, porque no artigo 5º da Constituição nós vemos a violação dos nossos direitos. Ali está escrito que a casa é asilo inviolável. Ali está escrito que ninguém será submetido à tortura, que ninguém terá os seus direitos violados”.¹⁴⁸

Neste trecho do discurso Michelle Bolsonaro afirma que não se trata de um projeto de poder, mas de injustiça feita contra a sua família, e em especial com seu marido ex-presidente. Contudo, em todo discurso a ênfase é o retorno à presidência, é o poder pelo poder.

O que pode ser visto em todos estes discursos é o uso de forma indevida da Bíblia sem levar em conta o contexto teológico-hermenêutico, e principalmente usando para justificar práticas políticas.

Usando jargões e frases motivacionais para apoiar suas decisões e suggestionando uma ação divina de castigo sobre aqueles que pensam de forma diferente. Dessa forma, contribuindo para uma polarização e divisão do povo brasileiro.

3. A Igreja Universal do Reino de Deus e a Teologia do Domínio

Um caso emblemático da Teologia do Domínio na prática pode ser visto na Igreja Universal do Reino de Deus, e no seu líder Edir Macedo.

Lucia Macedo Leffa no livro *Achamos o Messias: o discurso messiânico atribuído a Jair Bolsonaro*, falando do projeto da Igreja Universal do Reino de Deus que começou em 1980, influenciou outras denominações evangélicas a também elegerem seus candidatos e mais tarde deu origem ao Partido Republicanos:

¹⁴⁸ <https://www.poder360.com.br/poder-brasil/leia-a-integra-do-discurso-de-michelle-bolsonaro-na-av-paulista/>

“A Igreja Universal do Reino de Deus passa a lançar candidaturas oficiais, criando um modelo corporativo de representação política, ampliando assim o poder político do grupo dos evangélicos, gerando o interesse de representação política por parte de outras grandes denominações brasileiras, como a Igreja do Evangelho Quadrangular. Partidos políticos passam a interessar-se pelos pentecostais, nas décadas de 1980 e 1990, estimulando a filiação partidária de indivíduos deste grupo e suas respectivas candidaturas, objetivando as chances de sucesso nos pleitos eleitorais”.¹⁴⁹

A Igreja Universal do Reino de Deus não é a única que tem um projeto político e que faz uso da Teologia do Domínio no seu discurso, mas hoje é dentro das igrejas midiáticas brasileiras a que mais representa esta linha de pensamento, defende o uso da política, dos cargos políticos como meio de impor suas ideias e defender que a igreja deve dominar todas as áreas da sociedade.

Abaixo apresentamos um quadro comparativo entre a Teologia do Domínio, de Johnny Enlow, e os discursos e práticas da Igreja Universal do Reino de Deus:

Johnny Enlow	Edir Macedo
Família	Casamento Blindado
Religião	IURD
Educação	Rede Record
Mídia	Rede Record e Radio Aleluia
Celebração	Novelas Bíblicas e Filmes
Economia	Banco Renner (Digimais)
Governo	PRB

¹⁴⁹ LEFFA, Lucia Macedo, *Achamos o Messias: o discurso messiânico atribuído a Jair Bolsonaro*, p. 28

É possível notar que para cada montanha apresentada por Johnny Enlow há uma área de atuação do bispo Edir Macedo que é o líder religioso e presidente da Igreja Universal do Reino de Deus.

No livro escrito por Edir Macedo e Carlos Oliveira, *O Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política* os autores revelam no final do livro:

“O resultado final de uma eleição é reflexo do exercício do poder genuíno que pertence ao povo, que o delega a quem deseja que represente seus interesses. Quando se trata dos votos dos evangélicos, estamos diante de dois interesses: o interesse dos próprios cristãos em ter representantes genuínos e o interesse de Deus de que Seu projeto de nação se conclua”¹⁵⁰

Durante todo o livro os autores buscam justificar a ação da igreja na política, usando os textos bíblicos de forma aleatória, ou seja, sem respeitar as regras básicas da hermenêutica, usando do discurso fundamentalista e afirmando que a igreja deve ocupar a política e estabelecer a teocracia¹⁵¹ no Brasil. Na linguagem dos autores este é o projeto de Deus. A igreja por sua vez deve colocar candidatos evangélicos para que o projeto de Deus seja alcançado. Edir Macedo e Carlos Oliveira deixam claro que não estão fazendo referência ao plano espiritual, mas sim ação terrena:

“Não estamos nos referindo a poderes delegados de um plano superior, mas sim, neste caso especificamente, a referência é o campo terreno. [...] A mobilização, o consenso em torno de uma causa são fundamentais. É a parte precisa, inegável, quase que definidora nos pleitos políticos”.¹⁵²

Para os autores a igreja deve não apenas entrar na política, mas deve dominar a política, usando do mesmo discurso de anos atrás, para

¹⁵⁰ MACEDO, Edir, e, OLIVEIRA, Carlos, *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*, p.122.

¹⁵¹ O termo teocracia significa literalmente um governo de Deus. O pensamento básico é que a sociedade deve ser governada pela igreja que representa Deus na terra.

¹⁵² MACEDO, Edir, e, OLIVEIRA, Carlos, *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*, p.122.

impedir que o Brasil vire um país comunista, para impedir que o Congresso crie leis contrárias à Palavra de Deus. Uso do jargão extraído da Bíblia: 'Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor'.

Na Folha Universal, jornal da Igreja Universal do Reino de Deus, de 09 de junho de 1996 Edir Macedo fala sobre o voto em candidato evangélico: “fé cristã e dedicação ao povo é a marca dos candidatos evangélicos [...] são pessoas escolhidas e não indicadas, são homens e mulheres de Deus, com Jesus Cristo no coração, cheias do Espírito Santo”.¹⁵³

Usando a fé como meio de voto e uma linguagem religiosa Edir Macedo diz que estes candidatos evangélicos não são apenas indicações, mas são pessoas escolhidas, neste caso por Deus, para exercer mandato político.

O Império construído por Edir Macedo hoje conta com uma gráfica, um banco, uma concessão de rede de rádio e televisão, uma produtora de filmes e um partido político e uma instituição educacional (Univer Ensino). Gilberto Nascimento no livro: *O Reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*, apresenta os seguintes dados sobre este Império:

“A Universal tampouco é a maior igreja evangélica do país, mas em seus quarenta anos cresceu muito. Consolidou-se como a quarta força entre os evangélicos. Com 1,87 milhões de adeptos no Brasil, está bem abaixo da Assembleia de Deus (12,3 milhões) e das Igreja Batista (3,7 milhões), não tão longe da Congregação Cristã no Brasil (2,2 milhões), e empata com a Igreja do Evangelho Quadrangular (1,8 milhão). Os primeiros protestantes, é bom lembrar, chegaram ao Brasil em 1506. Os pentecostais, em 1910.”¹⁵⁴

¹⁵³ LEFFA, Lucia Macedo, *Achamos o Messias: o discurso messiânico atribuído a Jair Bolsonaro*, p. 34.

¹⁵⁴ Nascimento, Gilberto, *O Reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*, p. 215.

Apesar dos dados do IBGE apresentados acima, a influência da Igreja Universal do Reino de Deus é muito grande na opinião pública, uma das razões é pelo uso da mídia no rádio e na televisão. De acordo com o site da universal hoje são mais de 64 emissoras de rádio.¹⁵⁵

Gilberto Nascimento em artigo publicado no site Intercept Brasil: ('É para a Guerra') reproduz frase de um dos bispos da Igreja Universal do Reino de Deus:

““Vocês estão preparados ou não estão? É para a guerra. Vocês estão indo para a maior guerra da história de vocês”. Foi assim que Alessandro Paschoal, bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, se referiu à situação política do Brasil em um curso preparatório para auxiliares de pastor, no final de março.”¹⁵⁶

No discurso do bispo Alessandro Paschoal pode ser visto a presença da Teologia do Domínio preparando e desafiando os auxiliares para a guerra. A ideia de reconquistar os territórios perdidos para satanás, na ideia de Edir Macedo a igreja precisa conquistar estas áreas, neste caso, trata-se de uma guerra espiritual e ideológica, e será vencida no campo da política, elegendo deputados e senadores ligados ou apoiados pela Igreja Universal do Reino de Deus.

Fernando Neisser, professor de direito da Faculdade Getúlio Vargas, em entrevista a Gilberto Nascimento faz a seguinte observação sobre este uso da igreja:

““Ideias políticas, em tese, não violam nenhuma lei. Um líder religioso que vá a eventos de campanha, suba no palanque de um candidato e diga que os fiéis de tal religião devem votar assim ou assado não viola a legislação”, diz Neisser. “Mas usar uma rede de pastores que recebem salário da igreja com uma

¹⁵⁵ <https://www.universal.org/a-universal/midias/>

¹⁵⁶ <https://www.intercept.com.br/2025/09/15/descobrimos-como-funciona-a-maquina-politica-da-universal-para-impedir-a-vitoria-da-esquerda-em-2026/>

missão de fazer campanha política pode configurar abuso de poder econômico”, pontua o advogado.”¹⁵⁷

Nesta observação de Fernando Neisser é importante ressaltar que o problema não reside na campanha eleitoral, e, sim, no uso de uma rede de pastores remunerados que se tornam cabos eleitorais e fazem uso do púlpito e da posição que ocupam para intimidar e coibir os fiéis a votarem em candidatos por eles indicados, e fazendo uso do poder econômico da Igreja Universal do Reino de Deus.

Gilberto Nascimento relata o uso do conglomerado (rádio, televisão, mídias sociais) com o propósito de dominar a Câmara e o Senado, e tentar impedir a continuidade do governo do PT.

“O conglomerado do bilionário Edir Macedo, o grande líder da Universal, visa aumentar seu poder político para impor pautas conservadoras e tentar impedir a vitória do PT. A igreja tem hoje um braço político que inclui, além de seus fiéis e religiosos, o partido Republicanos – que tem, entre seus expoentes, o governador de São Paulo e pré-candidato à presidência, Tarcísio de Freitas.”¹⁵⁸

Dentro desta disputa política-ideológica Edir Macedo criou o projeto Arimatéia, onde solicita que os pastores cadastrem os membros e prestem relatórios com título de eleitor novos ou regularizados.¹⁵⁹

Gilberto Nascimento apresenta dados sobre a atual configuração do Edir Macedo no cenário econômico e político:

“O bilionário Edir Macedo, fundador da Universal, tem hoje sob os seus domínios um verdadeiro império: além da igreja, que segundo o IBGE tem 1,8 milhão de fiéis, é dono também da TV

¹⁵⁷ <https://www.intercept.com.br/2025/09/15/descobrimos-como-funciona-a-maquina-politica-da-universal-para-impedir-a-vitoria-da-esquerda-em-2026/>

¹⁵⁸ <https://www.intercept.com.br/2025/09/15/descobrimos-como-funciona-a-maquina-politica-da-universal-para-impedir-a-vitoria-da-esquerda-em-2026/>

¹⁵⁹ <https://www.intercept.com.br/2025/09/15/descobrimos-como-funciona-a-maquina-politica-da-universal-para-impedir-a-vitoria-da-esquerda-em-2026/>

Record, do banco Digimais e mais de 120 outras empresas. E tem também o partido Republicanos, que conta com 44 deputados federais, quatro senadores e 433 prefeitos.”¹⁶⁰

Diante deste império formado em nome de Deus e da fé, Edir Macedo tem o projeto de domínio de todas as áreas no Brasil, com a implantação e expansão do cristianismo num projeto pessoal.

Mario Justino, um ex-pastor da universal, no livro *Nos Bastidores do Reino: a vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus*, publicado em 1993, foi censurado e recolhido das livrarias, e foi relançado em 2020 após decisão judicial. Esse autor relata como ocorreu a eleição do presidente Fernando Collor de Mello em 1989:

“O bispo era um dos maiores cabos eleitorais de Collor (abaixo de Jeová, é claro). Ele fazia reuniões e se deixava fotografar vestindo camisetas do PRN. [...] proibiu todos os pastores e obreiros de votar em qualquer outro que não fosse o “escolhido”, e ameaçou: “Quem não é por mim é contra mim”. [...] Os cultos religiosos naqueles meses de 1989 haviam se transformado em comícios eleitorais com púlpito transformado em palanque onde se revezavam os candidatos próprios da Igreja e que eram apoiados pelo bispo. [...] O resultado das urnas com a eleição de todos os candidatos lançados ou apoiados pela Igreja revelou ser o bispo um líder com extraordinário poder sobre seus seguidores”.¹⁶¹

Este relato mais uma vez transparece o *modus operandi* usado pelo bispo Edir Macedo, que usa do poder, do carisma e da instituição para eleger seus candidatos, exercendo o domínio sobre seus liderados. Usando “ameaças espirituais” e jargões para induzir os seus seguidores fiéis a eleger seus candidatos.

¹⁶⁰ <https://www.intercept.com.br/2025/09/15/descobrimos-como-funciona-a-maquina-politica-da-universal-para-impedir-a-vitoria-da-esquerda-em-2026/>

¹⁶¹ JUSTINO, Mário, *Nos Bastidores do Reino: A vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus*, p.125

Gilberto Nascimento, falando sobre o *modus operandi* de Edir Macedo afirma:

“Desde a primeira eleição direta para a Presidência da República, em 1989, Edir Macedo e sua igreja vêm se alinhando aos ocupantes do Palácio do Planalto. O bispo sempre esteve ao lado do poder, fosse governos de centro, de esquerda ou de direita. Nos estados e prefeituras, sua igreja em geral repete o mesmo procedimento: apoia os governantes de plantão, salvo raras exceções. A partir dos anos 1980, a Universal começou a execrar o PT e a esquerda, comparando Lula a “satanás”, mas depois não titubeou em ficar ao lado dele e de Dilma Rousseff ao longo dos catorzes anos de gestão dos dois presidentes petistas.”¹⁶²

Para Edir Macedo o importante é o poder político e a expansão do seu domínio. Em 2018 nas eleições presidenciais a Igreja Universal do Reino de Deus apoiava Geraldo Alckimin, mas faltando nove dias para a realização do primeiro turno e vendo o avanço da candidatura de Jair Bolsonaro abandonou Geraldo Alckimin e declarou apoio ao candidato Jair Bolsonaro que venceu as eleições.

Neste caso, a lógica do raciocínio de Edir Macedo é “não importa quem esteja no poder, desde que eu tenha o domínio”.

O racismo religioso está presente no discurso do bispo Edir Macedo e dos pastores da Igreja Universal do Reino de Deus. Desrespeitando o direito da manifestação da fé de outras religiões, da liberdade religiosa.

A Teologia do Domínio não dialoga com outras religiões, somente com o cristianismo, além de não dialogar com outras religiões, ela menospreza, demoniza as outras religiões, em especial as de matrizes afro.

4. A relação entre Teologia do Domínio e o Estado Laico

¹⁶² Nascimento, Gilberto, *O Reino: A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*, p. 14,15.

No livro *Abuso do Poder Religioso nas eleições: a atuação política das igrejas evangélicas*, o autor Peterson Almeida Barbosa, falando do objeto de estudo – religião e política, trata do abuso do poder religioso na atuação política, principalmente, das igrejas neopentecostais no Brasil: “O fato é que hoje, no Brasil, os pastores políticos não mais podem ser chamados de *outsiders*, não mais cabendo se falar em democracia sem se considerar o ativismo político evangélico”.¹⁶³

A Teologia do Domínio está presente no discurso do conservadorismo evangélico brasileiro, este discurso teológico tem sido usado pela Frente Parlamentar Evangélica nas campanhas eleitorais, nos púlpitos e nas tribunas da Câmara Federal e Senado.

Para poder entender melhor a questão da Teologia do Domínio e o enfraquecimento do Estado Laico é preciso ver na história das constituições brasileiras como foi tratada a questão Igreja e Estado.

Quando falamos em Estado Laico é preciso ter clareza dos conceitos laicidade e liberdade religiosa. Segundo Peterson Almeida Barbosa liberdade religiosa:

“O conceito de liberdade religiosa é de amplo espectro, multifacetado, sendo equivocado entendê-lo como amplo e irrestrito, o sendo apenas até o momento em que não entra em rota de colisão com outros direitos fundamentais [...] Portanto, a crença é livre, mas o culto pode e deve sofrer restrições”.¹⁶⁴

Ou seja, não se pode usar o termo liberdade religiosa para justificar o uso do púlpito ou da autoridade pastoral para fazer campanha eleitoral, ou, fazer proselitismo político dividindo o povo entre direita ou esquerda.

¹⁶³ BARBOSA, Peterson Almeida, *Abuso do Poder Religioso nas Eleições*, p. 10.

¹⁶⁴ BARBOSA, Peterson Almeida, *Abuso do Poder Religioso nas Eleições*, p. 15.

Liberdade religiosa não pode ser usada para disseminação de *fake news*, ou, para apoiar e fazer candidaturas em nome de Deus.

A relação Igreja/ Estado no Brasil tem sua origem com a colonização portuguesa e a implantação do catolicismo. O Brasil Império foi marcado pelo regime do padroado. Até a primeira Constituição Federal de 1891, o catolicismo era detentor do ensino, em alguns casos, os sacerdotes dominavam as cidades, que na maioria surgiram em torno da igreja católica.

De acordo com Peterson Almeida Barbosa esta dominação pode ser vista da seguinte maneira:

“No Brasil Colônia, e também no Império, vigia o regime do padroado, o qual preconizava que a Igreja Católica forneceria para o Estado a receita proveniente dos dízimos, enquanto o Estado, em contrapartida, criara cargos eclesiais, construiria templos, etc. Outra amostra desta relação siamesa era a influência da mencionada confissão nos aspectos religiosos, sociais (ditando o que é certo) e políticos, detento o papel central de ensino, além da divulgação da cultura. Exemplos disto podem ser encontrados nos casamentos religiosos, no registro civil, nos cemitérios paroquiais, no ensino católico nas escolas públicas, nas subvenções, os quais apenas findaram com a promulgação da Constituição Federal de 1891.”¹⁶⁵

Na Constituição de 1824, outorgada em nome da Santíssima Trindade, foi a primeira eleição no Brasil, dos 72 eleitos, a maioria era do clero, somente católicos poderiam ser deputados ou conselheiros, outros grupos religiosos eram apenas tolerado a realização de cultos.

¹⁶⁵ BARBOSA, Peterson Almeida, *Abuso do Poder Religioso nas Eleições*, p. 22.

Em 07 de janeiro de 1890 no decreto 119-A¹⁶⁶, foi declarada a separação entre a Igreja e o Estado, passando o Brasil a ser um Estado Laico. Dessa forma, a Igreja Católica deixa de ser oficial, sem haver uma outra que substituísse e as demais religiões passam a ser permitidas, ampliando assim o conceito de liberdade religiosa.

“Art. 2º a todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos actos particulares ou publicos, que interessem o exercicio deste decreto.”¹⁶⁷ (português da época)

Em 24 de fevereiro de 1891 a Constituição Federal a laicidade passa a ser princípio constitucional. Neste documento foram previstas sanções para religiosos que não acatassem esta separação.

Art 11 - É vedado aos Estados, como à União:2 º) estabelecer, subvencionar ou embaraçar o exercício de cultos religiosos;¹⁶⁸

Na Constituição de 1946, mais uma vez no preâmbulo temos a menção de Deus.

“Nós, os representantes do povo brasileiro, reunidos, sob a proteção de Deus, em Assembléia Constituinte para organizar um regime democrático, decretamos e promulgamos a seguinte”¹⁶⁹

¹⁶⁶ O preambulo deste decreto traz a seguinte proposição: “Prohíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias”.

¹⁶⁷ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm

¹⁶⁸ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm

¹⁶⁹ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm

Na Constituição de 1967, além do preâmbulo traz o destaque para imunidade tributária dos impostos dos templos de qualquer culto.

“O Congresso Nacional, invocando a proteção de Deus, decreta e promulga a seguinte. [...] Art 9º - A União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios é vedado: II – estabelecer cultos religiosos ou igrejas; 112ubvencioná-los; embaraçar-lhes o exercício; ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada a colaboração de Interesse público, notadamente nos setores educacional, assistencial e hospitalar; Art 20 – É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: III – criar imposto sobre: b) templos de qualquer culto;”¹⁷⁰

Além do preâmbulo fazer menção de Deus, os artigos 9 e 20 fazem separação entre a Igreja e Estado, o Estado não pode intervir nas questões de culto e nem taxar os templos religiosos, ampliando também para ação nos setores educacional, assistencial e hospitalar.

A constituição de 1969 mantém as mesmas características de 1967, mantendo os direitos dos templos e vedando ao Estado a intervenção nas igrejas.

A atual constituição promulgada em 1988 é marcada pela presença da chamada bancada evangélica e um preâmbulo mais expansivo, tratando também da quebra de preconceitos.

“Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores

¹⁷⁰ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm

supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.”¹⁷¹

Esta Constituição é conhecida como a Constituição da Cidadania, defendendo o livre exercício religioso à observância da ordem pública e bons costumes.

A influência da Bancada Evangélica pode ser vista no artigo 46 do regimento interno da Assembleia Nacional Constituinte 87/88:

“Art. 46. A Bíblia Sagrada deverá ficar sob a Mesa da Assembleia Nacional Constituinte, à disposição de quem ela quiser fazer uso”.¹⁷²

Quando falamos em Estado Laico como entender a decisão do Regimento Interno de colocar a Bíblia para referência da Constituição? Como pode ser visto a laicidade?

Embora a Constituição tenha a influência da Bancada Evangélica, a mesma defende o direito de liberdade religiosa.

“Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

¹⁷¹ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

¹⁷² https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao-cidada/publicacoes/regimento-interno-da-assembleia-nacional

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;¹⁷³

A liberdade religiosa é considerada por nossa Constituição um direito inviolável de cada cidadão brasileiro, é também garantido o direito de divulgação livre das ideias religiosas, cabendo o respeito a todo o credo religioso.

No artigo 19, no inciso I da Constituição vemos o princípio da laicidade:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de

A Frente Parlamentar Evangélica quando impõe princípios baseados na fé cristã, enfraquece o Estado Laico. A própria criação de bancadas religiosas contraria a laicidade do Estado, tendo em vista, que o papel do parlamentar (deputado ou senador) é criar leis que beneficiem o povo brasileiro como um todo, não o desejo de um grupo específico.

¹⁷³ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Em 2025 por iniciativa do deputado federal Henrique Vieira, do PSOL-RJ, Partido Socialismo e Liberdade, conseguiu as assinaturas suficientes (171) para criação da Frente Parlamentar em Defesa do Estado Laico e da Liberdade Religiosa.

Em entrevista à Revista Carta Capital, o deputado federal Henrique Vieira, apresenta o objetivo principal da Frente Parlamentar em Defesa do Estado Laico e da Liberdade Religiosa:

“A Frente Parlamentar em Defesa do Estado Laico deverá se voltar a pautas contrárias ao racismo e à intolerância religiosa, notadamente direcionada a religiões de matrizes africana e indígena. Entre outras funções, o colegiado vai promover seminários e cartilhas informativas para o fortalecimento do Estado Laico como pilar da democracia e da diversidade”¹⁷⁴

A criação desta frente representa uma reação por parte dos deputados federais em resposta às ações da Frente Parlamentar Evangélica, defendendo a laicidade do Estado.

Numa entrevista ao ICL Notícias, o deputado federal Henrique Vieira, em defesa da laicidade afirma:

“Defender o Estado laico é defender a democracia, a liberdade religiosa e também o direito à não crença” [...] “O risco é quando a religião se apropria do Estado para impor à sociedade uma visão única de mundo, o que é autoritário e viola liberdades individuais e coletivas.”¹⁷⁵

¹⁷⁴ <https://www.cartacapital.com.br/politica/como-vai-funcionar-a-frente-parlamentar-em-defesa-do-estado-laico-da-camara/>

¹⁷⁵ <https://iclnoticias.com.br/estado-laico-e-defender-a-democracia-frente/>

O deputado Henrique Vieira ressalta que o grande problema não está na fé, mas quando ela se converte em um projeto de poder, imposição e domínio dentro da política. Henrique Vieira ainda destaca a Frente Parlamentar do Estado Laico e Liberdade Religiosa como uma oposição ao abuso da religião:

“É possível fazer audiências públicas, propor projetos de lei, melhorar a interlocução com o governo e com a sociedade civil, organizar seminários, cartilhas, processos formativos, informativos, denunciar violências como o racismo e a intolerância religiosa”¹⁷⁶

Joana Zylbersztajn no artigo: O Estado Laico na Constituição Brasileira, faz uma observação para entender o que é o Estado Laico, tendo em vista que há uma confusão entre os símbolos de fé, como o Cristo Redentor que é uma obra de arte e o uso de crucifixo nos departamentos públicos:

“Quando se fala em laicidade não está se falando em ignorar e agredir as religiões, muito pelo contrário. A liberdade religiosa faz parte do Estado Laico. O Estado Laico abriga a liberdade religiosa e ao mesmo tempo não privilegia nenhuma religião. Uma repartição pública federal não tem cultura, tem um serviço público. O Cristo Redentor é uma estátua cultural, mas uma repartição pública federal não precisa ter nenhuma representação religiosa ou cultural. São coisas diferentes.”¹⁷⁷

Na leitura de Joana Zylbersztajn pode se destacar que o Estado Laico implica a liberdade religiosa e tolerância religiosa, cabe ao Estado defender o direito ao cidadão de expressar sua fé sem ser julgado, ridicularizado ou menosprezado. O Brasil é um país multicultural, multirracial e não cabe nenhuma espécie de preconceito.

¹⁷⁶ <https://iclnoticias.com.br/estado-laico-e-defender-a-democracia-frente/>

¹⁷⁷ <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/1144/1/LIVRO%20ESTADO%20LAICO%202018.pdf>

“O Estado tem que se abster, tem que falar “não vou eleger uma religião, eu não vou privilegiar uma religião, não vou subvencionar uma religião”. Por outro lado, o Estado tem a obrigação de garantir a liberdade religiosa e de crença de quem não consegue ter seu exercício garantido, então precisa atuar, não pode ser só neutro e falar não é com ele. A frase deveria ser algo como “Vou ser imparcial, mas se precisar atuar para garantir a liberdade e a igualdade, vou ter que atuar”. Por isso que não gosto muito da palavra neutralidade. Queria discutir então um pouco o que é o Estado Laico, porque precisamos entender do que estamos falando para poder defender.”¹⁷⁸

Joana Zylbersztajn chama a atenção ao principal papel do Estado que é a garantia da liberdade e igualdade religiosa, o Estado Laico não pode privilegiar um grupo religioso.

O conceito de laicidade é muito amplo no Brasil apenas os princípios básicos da separação entre Estado e igrejas e de liberdade de crenças, deixando de lado questões como a educação laica, ou o impedimento a ministros de culto de ocuparem cargos públicos e de tentarem influenciar, direta e indiretamente, a criação de leis sobre temas que tratam de questões envolvendo a ética, a sexualidade e reprodutivos como caso da clonagem humana, abortamento. Contudo, até mesmo os princípios fundamentais do Estado laico podem estar numa situação frágil no Brasil.

¹⁷⁸ <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/1144/1/LIVRO%20ESTADO%20LAICO%202018.pdf>

Considerações Finais

Estudar a Teologia do Domínio e a Frente Parlamentar Evangélica é um grande desafio, principalmente porque o tema envolve religião e política. A motivação pessoal desta pesquisa se dá pelo fato de eu ser um líder religioso que busca entender esta dinâmica da fé e da política.

O Brasil, desde a sua origem, sempre teve uma relação com o cristianismo. Um exemplo desta relação são os nomes de Estados e cidades que homenageiam santos e padroeiros.

O objeto de estudo desta pesquisa é a Frente Parlamentar Evangélica e como ela tem sido influenciada pela Teologia do Domínio nos seus discursos e na política brasileira.

Ao longo da pesquisa além de apresentar e procurar definir os termos, busquei apresentar os perigos em torno do discurso da Teologia do Domínio na Frente Parlamentar Evangélica e o uso indevido e inapropriado dos púlpitos de algumas igrejas evangélicas.

Na pesquisa, delimitar como foco de análise o pensamento das sete montanhas de Johnny Enlow, especificamente a montanha da política, tendo em vista que, dominando esta área, as demais serão conquistadas através de leis e decretos.

Os evangélicos sempre estiveram na política brasileira. Contudo, em 1986, quando ocorreu a redemocratização do Brasil, esses deputados se unem e dá-se o início à bancada evangélica.

No ano de 1988 estes deputados participaram da constituinte e influenciaram a nova constituição. Com o objetivo de “guardar os direitos do povo evangélico” eles se autointitularam a bancada evangélica e os representantes dos evangélicos.

Procurei, ao longo da pesquisa, demonstrar que este grupo não representa o povo evangélico. Aliás, o povo evangélico não tem um representante único, alguém que fale por todas as igrejas evangélicas.

Qualquer pastor que se apresente como a voz do povo evangélico comete uma falácia, diferentemente do catolicismo, cujo Papa é o chefe da Igreja Católica e fala em nome de toda a instituição. Qualquer pastor, bispo ou apóstolo que se coloque como a voz do povo evangélico é ilegítimo. Desta forma, nesta dissertação será apontado que a Frente Parlamentar Evangélica não representa os evangélicos do Brasil e que a Teologia do Domínio não é defendida pela maioria do povo evangélico.

A Teologia do Domínio busca o poder pelo poder. Usa a linguagem evangélica e das Escrituras com uma hermenêutica fundamentalista que distorce os textos para seus propósitos. O discurso da Teologia do Domínio se fundamenta numa tríade: Deus, Pátria e Família. Esta tríade e suas variações podem ser vistas nos discursos da extrema direita, por políticos e por líderes religiosos nos púlpitos e palanques.

A pesquisa também abordou a questão da laicidade, tema de difícil definição. Na história do Brasil, as constituições sempre garantiram o direito de liberdade religiosa e proibição do Estado intervir nos templos. Isto não é privilégio dos evangélicos, mas de todos os grupos religiosos.

Hoje, um dos grandes riscos que corremos no Brasil é o uso indevido do conceito de laicidade, já que apesar do Brasil ser um Estado Laico, possui a cultura cristã nas suas raízes. E muitos líderes religiosos hoje envolvidos direta ou indiretamente na política têm usado o Estado para seus benefícios próprios.

No final de 2025, foi aprovada a criação da Frente Parlamentar Cristã, que une a Frente Parlamentar Evangélica e a Frente Parlamentar Católica. Dessa forma, esta Frente passará a ter a maioria dos deputados e senadores.

Em reação a esta nova frente, surgiu a Frente Parlamentar do Estado Laico e da Liberdade Religiosa cujo objetivo principal resgatar o

papel da câmara dos deputados e senadores, de legislar para povo, independentemente de credo, raça e ideologia.

Procurei nesta dissertação mostrar o perigo que a fé cristã vir a ser usada por líderes religiosos que usam a Bíblia de forma errada, com um discurso de domínio, sem respeitar a liberdade religiosa, marcado pela intolerância e pelo ódio, e pela imposição da fé a outros grupos religiosos.

No término desta pesquisa, o Brasil está diante do escândalo do INSS, onde muitos líderes religiosos, que são defensores dos princípios da Teologia do Domínio, estão sendo investigados sob a acusação de se beneficiarem de forma ilegítima dos recursos dos aposentados. Esse fato manifesta as relações complexas que uma parcela significativa dos líderes evangélicos tem com o poder.

Referências Bibliográficas

Livros e artigos:

ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARAUJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. *O Púlpito: fé, poder e o Brasil dos evangélicos*. São Paulo: Todavia, 2024.

BARBOSA, Peterson Almeida. *Abuso do Poder Religioso nas Eleições, 3ª tiragem*. Rio de Janeiro: Lumes Juris, 2024.

CASTRO, Iná Elias de; RODRIGUES, Juliana Nunes; RIBEIRO, Rafael Winter. *Espaços da Democracia: para agenda da geografia política contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil-FAPERJ, 2013.

COPE, Landa. *Template Social do Antigo Testamento: redescobrimo princípios de Deus para discipular nações*. São Paulo: Quatro Ventos, 2021.

COPE, Landa. *Deus e a Justiça Política: um estudo sobre a governança civil de Genesis a Apocalipse*. Almirante Tamandaré: Jocum Brasil, 2017.

CUNHA, Magali do Nascimento. *Do Púlpito às Mídias Sociais: evangélicos na Política e Ativismo Digita.*, Curitiba: Appris, 2019.

CUNHA, Magali. *Evangélicos na Política Brasileira*. São Paulo: Edições 70, 2022.

DIPP, Andrea. *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

DUARTE, Tatiane dos Santos. A Participação da Frente Parlamentar Evangélica no Legislativo Brasileiro: ação política e (in) vocação religiosa. *In: Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 14, n. 17, Jul./Dic. 2012, p. 53-76,

DURÃES, Ivan de Oliveira; COUTO, Vinicius. *Neopentecostalização da Política: uma teoria*. São Paulo: Reflexão, 2020.

ENLOW, Johnny. *A Profecia das Sete Montanhas: desvendando a próxima revolução de Elias*. São José dos Campos: Shofar, 2008.

ENLOW, Johnny; ENLOW, Elizabeth. *O Deus do Arco-Íris: as sete cores do amor*. São Paulo: Quatro Ventos, 2018.

ENLOW, Johnny, *O Fim do Mundo: como o conhecemos*. Brasília: Chara, 2021.

ENLOW, Johnny. *O Renascimento dos Sete Montes: visão e estratégia até o ano de 2050*. Brasília: Chara, 2018.

Estatuto da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional. Extraído do site da câmara dos deputados. www.camara.leg.br

GUILLEN, Apostolo Fernando. *7 Montes*. Belo Horizonte: Edição Independente, 2009.

JUSTINO, Mário. *Nos Bastidores do Reino: A vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus*. São Paulo: Geração Editorial, 2021.

KUYPER, Abraham, Calvinismo, São Paulo, Cultura Cristã, 2019.

LEFFA, Lucia Macedo. *Achamos o Messias: o discurso messiânico atribuído a Jair Bolsonaro*. São Paulo: Pluralidades, 2025.

LOPES, Augustus Nicodemus. *Apóstolos: verdade bíblica sobre o apostolado*. São José dos Campos: Fiel, 2014.

MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos. *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2008.

MARIANO, Ricardo. O Futuro não será protestante. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, set. 1999, p. 89-114

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2010.

NASCIMENTO, Gilberto. *O Reino: A História de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NOVAIS, Tiago de Mel; CAMPOS, Breno Martins. Teologias do domínio: revisitando fontes e autorias. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, RS. v. 47, n. 02 jul./dez. 2021, p. 29-40,

PASSOS, João Décio (org.). *Teologia do domínio e usos de Deus na política*. São Paulo: Ideias & Letras, 2025.

PASSOS, João Décio *No lugar de Deus: ensaios (neo)teocráticos*. São Paulo: Paulinas, 2021.

PEREIRA, Eliseu. Teologia do domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política do bolsonarismo. *Projeto História*, São Paulo, v. 76, Jan.-Abr., 2023, pp. 147-173,

PEREIRA, Eliseu. *Para Compreender a Teologia do Domínio*. São Paulo: Recriar, 2025.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. *In: Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 29, n. 2. 2017, p. 187-213.

ROCHA, Andre Ítalo. *A Bancada da Bíblia: uma história de conversões políticas*. São Paulo: Todavia, 2024.

SPYER, Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

TREVISAN, Janine. A Frente Parlamentar Evangélica: força política no estado laico brasileiro. *In: Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, v. 16, n. 1, 2103, p. 581-609

XAVIER, Donizete. Teologia do domínio: a influência religiosa e o perigo da imagem do caos, *In: Teocomunicação*, v. 54, n. 1, jan.-dez. 2024. p. 1 -11.

XAVIER, Lineker Henrique. *Planalto Pentecostal: a estratégia de comunicação da Assembleia de Deus na política partidária dos anos 1980*. São Paulo: Pluralidades, 2024.